

Margarida Calafate Ribeiro
Roberto Vecchi
(Org.)

Antologia da Memória Poética da Guerra Colonial

 Edições
Afrontamento

Nota técnica:

As indicações bibliográficas são, regra geral, as das últimas obras em que foram publicados os poemas, salvo indicação dos autores para que fosse mantida a referência do primeiro livro.

As notas biográficas foram construídas a partir da bibliografia indicada e em contacto directo com os autores. Porém, não foi possível obter notas de todos os autores da antologia.

Este projecto foi apoiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia e pelo Ministério da Defesa Nacional.

Título: Antologia da Memória Poética da Guerra Colonial

Organização: Margarida Calafate Ribeiro, Roberto Vecchi

© 2011, Organizadores, Autores, Herdeiros e Edições Afrontamento

© **Fotografias:** Manuel Botelho

Notas biográficas: Luciana Silva e Mónica Silva

Capa: Departamento Gráfico das Edições Afrontamento, sobre fotografia de Manuel Botelho (da série confidencial/desclassificado: marcha lenta), 2011

Edição: Edições Afrontamento, Lda. / Rua Costa Cabral, 859 / 4200-225 Porto
www.edicoesafrontamento.pt | geral@edicoesafrontamento.pt

Colecção: Poesia | Série Antologias, 2

N.º de edição: 1386

ISBN: 978-972-36-1174-8

Depósito legal: 329195/11

Impressão e acabamento: Rainho & Neves Lda. / Santa Maria da Feira
geral@rainhoeneves.pt

Distribuição: Companhia das Artes – Livros e Distribuição, Lda.
comercial@companhiadasartes.pt

Junho de 2011

Índice

Agradecimentos – Há 50 anos, lá em África... 15

Introdução – Era um barco cheio. Guerra Colonial e memória poética:
uma antologia possível 21

Partidas e Regressos 33

Genérico, *Fernando Assis Pacheco* 35

Barcas Novas, *Fiana Hasse Pais Brandão* 37

Tristes navios que passam, *Emanuel Félix* 39

Guerra, *Natércia Freire* 40

A bordo, maio de 64, *César Oliveira* 41

Despedida, *Barroso da Fonte* 42

Cais de ver partir (e chegar) tropas, *Rodrigo Emílio* 44

A guerra, *José Carlos de Vasconcelos* 46

Partida, *António Modesto Navarro* 47

cantar de amigo, *José Manuel Mendes* 53

ode marítima, *José Manuel Mendes* 55

Lamento de uma mãe para um filho soldado nas colónias, *Maria Teresa Horta* 57

os barcos vão fugindo..., *Rui Namorado* 58

Uma mulher, *José Rogério Mineiro Carrola* 59

Cantares impacientes envelhecendo alguém, *Artur Lucena* 62

De vermelho se cobre a aldeia, *Gabriel Raimundo* 63

Fala do soldado fuzileiro, *Celso Cruzeiro* 65

Despedida, *Joaquim Chito Rodrigues* 66

No cais do desespero, *António Calvino* 68

Embarque, *Jaime Ferreri* 69

Cais de lágrimas, *Rosa Lobato Faria* 70

12 de Julho de 1969..., *José Niza* 72

No Atlântico, *António Veríssimo* 73

O regresso, *Laureano Carreira* 74

Nambuangongo em Maio, <i>Fernando Assis Pacheco</i>	75
voltamos da guerra, <i>José Manuel Mendes</i>	77
Poema segundo, <i>Glória de Sant'Anna</i>	79
No barco um adeus, <i>Fernando Alvarenga</i>	81
Calendário, <i>Ricardo de Saavedra</i>	84
«E havia Outono?», <i>Fernando Assis Pacheco</i>	85
Quotidianos	87
A guerra, <i>A. M. Pires Cabral</i>	89
Aqui as acácias ainda não floriram, <i>José Bação Leal</i>	91
O poeta cercado, <i>Fernando Assis Pacheco</i>	92
Estou em Coma..., <i>Liberto Cruz</i>	93
Lento o tempo..., <i>Liberto Cruz</i>	94
Deixo a mulher..., <i>Liberto Cruz</i>	95
Impossível um pássaro, <i>Armor Pires Mota</i>	96
Mãe, <i>Armor Pires Mota</i>	97
A angústia..., <i>José Bação Leal</i>	98
Ah vazia!..., <i>José Bação Leal</i>	99
As granadas..., <i>Mário Brochado Coelho</i>	100
Tempo de ausência, <i>Helena Paz</i>	102
Rua de rosto esburacado..., <i>Cristóvão de Aguiar</i>	103
Foi difícil..., <i>Cristóvão de Aguiar</i>	104
(Cantiga de amigo), <i>Deana Barroqueiro</i>	107
Absinto, <i>Carlos Ramalho</i>	108
Aqui não chega amor..., <i>Luís da Mota</i>	109
Aquí, escrever versos..., <i>Luís da Mota</i>	113
Gandembel, Natal 68, <i>José Valle de Figueiredo</i>	114
Anuncia-te a lua..., <i>Pedro Tamen</i>	115
perfil duma aldeia, <i>José Manuel Mendes</i>	116
Penetram nos ouvidos..., <i>Gastão Cruz</i>	117
Combate, <i>Jorge Silveira Machado</i>	118
O carnaval em Zau Évua, <i>José Niza</i>	119
Armas de guerra, <i>Augusto Guerra</i>	120
Presença, <i>António Modesto Navarro</i>	121
Café cheio de militares em Luanda, <i>Jorge de Sena</i>	122
As balas, <i>Fernando Assis Pacheco</i>	124
Diuturnitas externi mali, <i>Fernando Assis Pacheco</i>	126
Maiombe, <i>Marcos Vilalva</i>	127
Memória I, <i>Manuel Geraldo</i>	130
Memória II, <i>Manuel Geraldo</i>	131
disponibilidade, <i>Alberto Pimenta</i>	132
O grito e o tombo, <i>José Rosa Sampaio</i>	133
Quase um arraial, <i>José Rosa Sampaio</i>	134

Quando os comandos passavam no kimbo da prostituição, <i>Alberto Martins Rodrigues</i>	135
Canhangulo, <i>José Correia Tavares</i>	136
Natal de camuflado, <i>José Correia Tavares</i>	137
Salinas, <i>Eusébio Cardoso Martins</i>	139
África negra, <i>António Sengo</i>	140
Emília, lavadeira de punhos à cinta..., <i>J. H. Santos Barros</i>	141
Negro sonho, <i>J. Gonçalves Monteiro</i>	142
Alegremente, no autocarro, <i>António Gedeão</i>	143
Até ao meu regresso, <i>Vergílio Alberto Vieira</i>	144
A guia de marcha, <i>Vergílio Alberto Vieira</i>	145
Correio, <i>Ricardo de Saavedra</i>	146
Picada, <i>Ricardo de Saavedra</i>	147
Canção das bolanhas fundas, <i>Joaquim Ribeiro Simões</i>	148
S.P.M. (Serviço Postal Militar), <i>António Salvado</i>	150
e ally se alojarão..., <i>Raul Malaquias Marques</i>	151
é verdade as micaias..., <i>Raul Malaquias Marques</i>	152
Emboscada, <i>Nuno Fisher Lopes Pires</i>	153
Mina, <i>António Calvino</i>	154
Combate, <i>José Vultos Sequeira</i>	156
na cubata, <i>Eduardo Roseira</i>	157
Esquecidas, <i>António Veríssimo</i>	158
de cabinda meu amigo..., <i>António Manuel Lopes Dias</i>	159
A emboscada, <i>Júlio Mira</i>	160
Bissau em 1973, <i>Graça Patrão</i>	161
Eu sei mãe, <i>Alberto Martins Rodrigues</i>	162
Meu irmão sem armas..., <i>Liberto Cruz</i>	163
Dia-a-dia, <i>Júlio Mira</i>	164
Morte	165
Guerra ou Lisboa 72, <i>Sophia de Mello Breyner Andresen</i>	167
Às onze da manhã de mil novecentos e sessenta e dois, <i>Manuel Alegre</i>	168
12.3.72 – 20 (Relatório de contas), <i>António Lobo Antunes</i>	169
«Ponte conquistada». Perdas insignificantes, <i>Henrique Segurado</i>	172
O trilho é água..., <i>Liberto Cruz</i>	174
Uma coisa é fazer a guerra..., <i>Liberto Cruz</i>	175
Mata sanga, 65, <i>César Oliveira</i>	176
Guiné/67, <i>Almeida Matos</i>	177
Para a morte de Mamadu, <i>Armor Pires Mota</i>	178
Canção para Eduardo Mondlane, <i>Carlos Eurico da Costa</i>	180
Poema décimo, <i>Glória de Sant'Anna</i>	182
Poema décimo segundo, <i>Glória de Sant'Anna</i>	183
Crepúsculo de terras poluídas..., <i>Gastão Cruz</i>	184

Quem é o inimigo, <i>Jorge Silveira Machado</i>	185	Não podemos permanecer..., <i>Mário Brochado Coelho</i>	244
A ti, que morreste, <i>Alexandre Marta</i>	187	Poema da terra adubada, <i>António Gedeão</i>	245
Guerra colonial II, <i>Hélia Correia</i>	188	Ladainha dos peregrinos, <i>Paulo Quintela</i>	246
No chão caído..., <i>João Mattos e Silva</i>	190	Natal nacional, <i>Paulo Quintela</i>	247
Marcha fúnebre, <i>Pedro Homem de Mello</i>	191	Cantemos apesar de tudo, <i>Carlos Loures</i>	248
mandaram-no fazer..., <i>Rui Namorado</i>	192	Pequena crónica do tempo em que os chacais mordiam, <i>Carlos Loures</i>	250
É bom que se saiba, <i>José António Gonçalves</i>	193	Se não matarem todos os monandengues da nossa terra, <i>Carlos Loures</i>	251
Excerto do diário de um soldado, <i>José António Gonçalves</i>	195	Horas vieram, <i>Eduardo Guerra Carneiro</i>	252
Avançam..., <i>Egito Gonçalves</i>	197	Descia das escadas..., <i>Eduardo Guerra Carneiro</i>	253
Ascensão, <i>Álamo Oliveira</i>	198	Já nem escrevem os amigos..., <i>Eduardo Guerra Carneiro</i>	254
Vejo-te, revivo-te, <i>José Jorge Letria</i>	199	Lá te foste embora..., <i>Eduardo Guerra Carneiro</i>	255
Sigilo, <i>Eusébio Cardoso Martins</i>	201	Soldado, <i>Álamo Oliveira</i>	256
Elegia ao Jorge Ribeiro, <i>J. H. Santos Barros</i>	202	Guerra, <i>Manuel Alberto Valente</i>	257
Talhão de combatentes, <i>Alberto de Castro</i>	204	Tropa d'África, <i>Ruy Cinatti</i>	258
Poema para um amigo que morreu na guerra, <i>Celso Cruzeiro</i>	205	Canção da dactilógrafa com o noivo na guerra, <i>Ivone Chinita</i>	259
Calambata, <i>João de Melo</i>	208	É a guerra, meu amor, <i>Ivone Chinita</i>	260
Os corpos, <i>João de Melo</i>	210	Meu país está em guerra, <i>Barroso da Fonte</i>	262
Entre o Uenquem e o Imboé, <i>Urbano Bettencourt</i>	212	Vietnam, <i>Egito Gonçalves</i>	263
Foi nos meus braços, <i>Miguel Sequeira Braga</i>	213	Acróstico, <i>António Rebordão Navarro</i>	265
Evocação, <i>José Rosa Sampaio</i>	215	Soldado me fizeram..., <i>César Oliveira</i>	266
tinhas no olhar..., <i>José Brás</i>	216	teatro da guerra, <i>Alberto Pimenta</i>	267
A décima oitava infância, <i>Manuel António Pina</i>	218	retrato do soldado desconhecido, <i>Alberto Pimenta</i>	268
Uma fotografia top secret, <i>Domingos Lobo</i>	220	Produtos da guerra, <i>Augusto Guerra</i>	269
O amor sobre o tempo, <i>Graça Patrão</i>	221	Serena em viagem, <i>Fernando Alvarenga</i>	270
meu pai meu amigo..., <i>Orlando Cardoso</i>	222	A palavra o açoite, <i>Emanuel Félix</i>	272
Guerra à Guerra	223	Guerra colonial I, <i>Hélia Correia</i>	274
As colunas partiam de madrugada, <i>Manuel Alegre</i>	225	S. João de Loure – pequeno monólogo sobre a ruína, <i>António Manuel Lopes Dias</i>	276
Sítios de campo, <i>Fiana Hasse Pais Brandão</i>	227	nesta hora indecisa..., <i>Rui Namorado</i>	277
Também aqui Vietnam, <i>Egito Gonçalves</i>	228	O herói, <i>Sidónio Muralha</i>	278
Balada apócrifa, <i>Luiza Neto Jorge</i>	229	Dezembro de setenta e um, cinco anos depois, <i>J. H. Santos Barros</i>	279
Tempo de notícia, <i>Maria Teresa Horta</i>	230	Não basta estar aqui, <i>Alberto Martins Rodrigues</i>	281
Algum estrume, <i>Casimiro de Brito</i>	231	Um soldado, <i>José Rogério Mineiro Carrola</i>	283
O desertor, <i>Casimiro de Brito</i>	232	Carta de Lisboa, <i>João Apolinário</i>	285
Desta janela de ar..., <i>Gastão Cruz</i>	234	Fui para a guerra, <i>Carlos Filipe</i>	287
Canção nona, <i>Gastão Cruz</i>	235	Irmão africano, <i>Sá Flores</i>	288
Carregado de fogo..., <i>Gastão Cruz</i>	237	Chicote de balas, <i>Eusébio Cardoso Martins</i>	289
O último golpe de mão, <i>Joaquim Coelho</i>	238	Despojos de guerra, <i>Carmo Vicente</i>	290
Emigrar, desertar..., <i>Liberto Cruz</i>	239	Contra-guerrilha, <i>Urbano Bettencourt</i>	291
Poema de agradecimento, <i>Ferreira Guedes</i>	240	Africanos, <i>Urbano Bettencourt</i>	292
Senhor alferes..., <i>Manuel Beça Múrias</i>	241	Três Poemas de Guerra, <i>Otilia Ferreira</i>	293
Berram traidores..., <i>José Bação Leal</i>	242	Sobre a sombra, <i>João de Melo</i>	294
Oração de Vencido, <i>José Bação Leal</i>	243		

Mas houve homem..., <i>Olga Gonçalves</i>	295
Solenemente..., <i>Olga Gonçalves</i>	296
Liguei o rádio na manhã..., <i>Manuela Goucha Soares</i>	299
Poema para os que compreendem, <i>José António Gonçalves</i>	301
Guerra, <i>António Branco</i>	302
Nambuanguongo, <i>José Neves</i>	304
O meu País..., <i>Gustavo Pimenta</i>	306
Crónica, <i>José Vultos Sequeira</i>	307
lá longe, <i>eduardo roseira</i>	308
O cacimbo, <i>Manuel Bastos</i>	310
Como defender a Pátria..., <i>Liberto Cruz</i>	311
O Dever da Guerra	313
Escrito no sangue, <i>António Manuel Couto Viana</i>	315
Rota do desespero, <i>Eugénio Ferreira da Silva</i>	316
Presença, <i>Pedro Homem de Mello</i>	318
As palavras exactas e poupadas, <i>Castro de Melgaço</i>	319
Luanda 61, <i>José de Almeida Santos</i>	321
Nova Caipemba, Setembro de mil novecentos e sessenta e um, <i>João Conde da Veiga</i>	324
A palavra Guiné, <i>José Valle de Figueiredo</i>	325
Aerograma, <i>Rodrigo Emílio</i>	326
De olhos postos nas estrelas, <i>Henrique António Pedro</i>	327
Não quis meu corpo..., <i>Luís Sá Cunha</i>	329
Heróis, amanhã, <i>António Manuel Couto Viana</i>	330
Desejo, <i>J. Gonçalves Monteiro</i>	332
Herói, <i>Ricardo de Saavedra</i>	333
O siroco, <i>Roberto Durão</i>	335
Regresso, <i>João Conde da Veiga</i>	336
A guerra e o poder, <i>José Pereira Ferreira da Silva</i>	337
Pensar a Guerra	339
L'Été au Portugal, <i>Jorge de Sena</i>	341
Explicação de Alcácer Quibir, <i>Manuel Alegre</i>	343
Há um veneno em mim..., <i>Fernando Assis Pacheco</i>	345
Mãe, <i>Francisco Delgado</i>	346
Pertenço a uma geração..., <i>Liberto Cruz</i>	348
Balada do país que dói, <i>Ana Hatherly</i>	349
Acabamos sempre por esquecer tudo..., <i>Mário Brochado Coelho</i>	350
E tu, África..., <i>Mário Brochado Coelho</i>	352
O meu sangue corre..., <i>José Bação Leal</i>	353
Armas, <i>Casimiro de Brito</i>	354
sexto outubro de guerra, <i>José Carlos Marques</i>	355
sétimo outubro de guerra, <i>José Carlos Marques</i>	356

Épica falseada, <i>Luís Guerreiro</i>	357
Caro Luiz Vaz, <i>José Niza</i>	359
Súbito..., <i>Cristóvão de Aguiar</i>	360
Poema de uma guerra longe, <i>Ruy Cinatti</i>	361
Esperando por Mathias Ferguson, morto com o seu regimento, <i>Nuno Júdice</i>	362
A epopeia, <i>Fernando Assis Pacheco</i>	363
Outro cantar do Restelo, <i>António Modesto Navarro</i>	365
Crónica de Lisboa, <i>António Manuel Lopes Dias</i>	366
A estratégia, <i>Mário-Henrique Leiria</i>	367
Poderias tu cegamente..., <i>José Rogério Mineiro Carrola</i>	369
Postal para o Fernando Assis Pacheco depois da leitura de <i>Catalabanza Quilolo e Volta</i> , <i>Domingos Lobo</i>	370
Limites, <i>Júlio Mira</i>	371
O tempo urge, <i>Júlio Mira</i>	372
foi no tempo..., <i>Gustavo Pimenta</i>	373
A guerra começou há trinta e quatro anos, <i>Ruy Belo</i>	374
Uma novidade..., <i>Liberto Cruz</i>	377
Ao meu amor que não veio à guerra, <i>Urbano Bettencourt</i>	378
Memória da Guerra	379
A mina, <i>Manuel Alegre</i>	381
A meio da guerra, <i>José do Carmo Francisco</i>	382
Os dias da guerra, <i>João de Melo</i>	383
Memória, <i>César Teixeira</i>	385
Memória do mar, <i>António Murteira</i>	386
Alpendre/3, <i>Alexandre O'Neill</i>	387
Não dormias, não dormes, <i>Fernando Assis Pacheco</i>	389
Silêncio na guerra, <i>Henrique António Pedro</i>	391
Grito II, <i>Manuel Geraldo</i>	393
Os mortos de Pidjiguiti (quinze anos depois), <i>Fernando Grade</i>	394
O regresso do lusíada, <i>Manuel Simões</i>	395
Na praia sob um chapéu à Hockney..., <i>João Miguel Fernandes Jorge</i>	396
Ser cobarde, <i>António Sengo</i>	397
Terra dos Dembos, <i>Vilares Gaspar</i>	398
Guerra colonial, <i>Sá Flores</i>	400
25 de Abril para uma jovem, <i>José do Carmo Francisco</i>	401
Guerra, <i>Aurélio Gonçalves</i>	402
Recordações de Angola, <i>Nena de Brito</i>	404
Engano..., <i>Jaime Ferreri</i>	406
Procura, <i>Jaime Ferreri</i>	407
África do acaso, <i>Jorge Neto de Melo</i>	408
Nunca voltarei a Mueda, <i>Manuel Bastos</i>	410

Lutar para vencer, <i>José Maia</i>	412
Princípio, <i>Graça Patrão</i>	413
À sombra das árvores milenares, <i>Manuel Alegre</i>	414
As mulheres que surgem no navio..., <i>Nuno Dempster</i>	416
Monólogo e explicação, <i>Fernando Assis Pacheco</i>	423
Perguntando sempre, <i>Fernando Grade</i>	424
Cancioneiros	425
Nambuanguongo meu amor, <i>Manuel Alegre</i>	427
Menina dos olhos tristes, <i>Reinaldo Ferreira</i>	429
Receita para fazer um herói, <i>Reinaldo Ferreira</i>	431
Ronda do soldadinho, <i>José Mário Branco</i>	432
A bola, <i>Jonas Negalha</i>	435
O menino da sua mãe, <i>Fernando Pessoa</i>	437
Canto do desertor, <i>Luís Cília</i>	439
Romance de Pedro Soldado, <i>Manuel Alegre</i>	440
Canção com lágrimas e sol, <i>Manuel Alegre</i>	442
A mãe, <i>António Polícarpo</i>	443
Um dia verás, <i>Tino Flores</i>	444
Quanta saudade, <i>Tino Flores</i>	446
O sangue não dá flor, <i>Manuel Freire</i>	447
O salto, <i>Sérgio Borges</i>	448
Adeus Guiné, <i>Mário Ferreira</i>	450
Lenda de Nambuanguongo, <i>José Cid</i>	452
Onde o sol castiga mais, <i>Paco Bandeira</i>	454
Zé soldado, soldadinho, <i>Guilherme de Melo</i>	456
Somos livres, <i>Ermelinda Duarte</i>	457
Manuel, <i>Ermelinda Duarte</i>	459
Caderneta militar, <i>José Carlos Ary dos Santos</i>	461
Ultradador, <i>José Carlos Ary dos Santos</i>	463
Um trocha d'Areosa, <i>Carlos Tê</i>	465
No dia em que o Meno rock morreu, <i>Carlos Tê</i>	466
Fotos do fogo, <i>Sérgio Godinho</i>	468
Dedicado aos que morreram em Mayombe, <i>José Medeiros</i>	471
Fados deste país, <i>José Medeiros</i>	472
Fado das partituras, <i>Cancioneiro do Niassa</i>	474
Fado do Checa, <i>Cancioneiro do Niassa</i>	476
Fado do render da guarda, <i>Cancioneiro do Niassa</i>	478
Hino do Lunho, <i>Cancioneiro do Niassa</i>	480
Soldado Conhecido, <i>Paco Bandeira</i>	483
Cancioneiro Popular	485
<i>Partidas e Regressos</i>	487
Balada do soldadinho, <i>Celso Cruzeiro</i>	487

Despedida, <i>Sérgio O. Sá</i>	490
Eu não estava no cais, <i>Miguel Sequeira Braga</i>	491
Alegria, tristeza e dor..., <i>Maria Alice Machado Fonseca</i>	492
Fado do regresso, <i>Santos Andrade</i>	494
Quotidianos	495
Um sargento lateiro..., <i>Liberto Cruz</i>	495
Este é o nosso mundo..., <i>Caldeira Gonçalves</i>	496
A Maria Carmen Botto, <i>Sérgio O. Sá</i>	497
Enquanto estivermos aquartelados..., <i>Santos Andrade</i>	498
Luzes na fronteira, <i>Vítor Moreira</i>	500
Eu levei minha guitarra, <i>José da Conceição Nunes</i>	502
Morte	504
Carta do João, <i>Manuel Reis Ventura</i>	504
Morto de coração ao peito, <i>Boaventura Rodrigues da Silva</i>	507
À memória, <i>Lemos</i>	508
Nove meninos, <i>Vítor Moreira</i>	510
Guerra à Guerra	512
Desversos, <i>Fernando Assis Pacheco</i>	512
Turismo na Guiné, <i>Florêncio Silva e outros</i>	514
Condecoração póstuma, <i>Gabriel Raimundo</i>	520
Memórias com tristes histórias, <i>José Manuel Parreira</i>	522
O Dever da Guerra	525
Mensagem de um associado, <i>José Augusto Fernandes</i>	525
Servimos a nação sem questionar a razão, <i>Mário Manso</i>	527
Reflexão, <i>Josaldil Franco Portugal</i>	530
Pensar a Guerra	531
A dor, <i>Alexandre Marta</i>	531
Aqui se vive e não vive..., <i>António Inácio C. Nogueira</i>	532
Outra vida, <i>Francisco José Martins</i>	533
Diga lá, senhor mandante..., <i>Caetano Carrinho</i>	534
Inesgotável coração, <i>Rosa Lobato Faria</i>	535
Memória da Guerra	536
«Os rapazes» do meu país, <i>Lurdes Loureiro</i>	536
De Natal a Natal, <i>Angelino Pereira</i>	538
Aos Páras dos anos 60, <i>Bela Faria</i>	539
Fado dos ex-combatentes, <i>José Maria dos Santos Silva</i>	541
No planalto de Muéda, <i>Manuel Amendoeira</i>	544
Fado da guerra, <i>Boaventura Rodrigues da Silva</i>	545
Ainda	547
Dito a meu pai em tempo de agonia, <i>Fernando Assis Pacheco</i>	549
Ainda, <i>Manuel Alegre</i>	550

Posfácio – A Guerra Colonial e a poesia contemporânea portuguesa 551

Notas biográficas, por Luciana Silva e Mónica Silva 585

Índice por autor 629

Legendas das imagens 645

Agradecimentos

Há 50 anos, lá em África...

Um projecto como uma *Antologia da Memória Poética da Guerra Colonial*, que selecciona, organiza e apresenta centenas de documentos, é o resultado de um trabalho comum de uma ampla equipa que pôde contar com uma rede enorme de apoios preciosos, de sugestões inestimáveis, de ofertas generosas. Se a dimensão de uma comunidade da memória é um dos objectivos deste projecto, a primeira comunidade que se formou foi aquela que possibilitou a própria construção do projecto. Em primeiro lugar, os organizadores querem expressar um profundo agradecimento aos poetas que participam nesta antologia, a Manuel Botelho, cujo trabalho fotográfico nos traz um outro *texto*, e à equipa de jovens investigadoras pelo generoso e dedicado trabalho ao longo destes anos. Agradecemos o trabalho rigoroso e sistemático de Luciana Silva, mas também de Hélia Santos, Mónica Silva e Agnese Soffritti.

O projecto contou sempre com o diálogo luminoso com os consultores, cuja disponibilidade mostrou um interesse e uma sensibilidade muito próximos das intenções dos organizadores. O nosso profundo bem-haja a Helder Macedo (King's College, Universidade de Londres), Manuel G. Simões (Universidade Cà Foscari, Veneza), Vincenzo Russo (Universidade de Milão). O nosso bem-haja a amigos e colegas que sempre responderam generosa e tempestivamente às nossas solicitações, proporcionando e compartilhando preciosos talentos e informações: a António Sousa Ribeiro, João de Melo, Paula Afonso, Marcelo Curado Ribeiro, Gastão Cruz, Onésimo Teotónio de Almeida, Bernard McGuirk e Eduardo Lourenço.

Ao Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, que proporcionou as melhores condições para que este projecto se realizasse, e à Fundação para a Ciência e Tecnologia e ao Ministério da Defesa Nacional, que o tornaram financeiramente viável.

Finalmente, uma lista, parcial como sempre é nestas ocasiões, de pessoas e entidades que possibilitaram uma investigação às vezes complexa mas apaixonante nas suas componentes literárias, históricas, memorialísticas e cívicas. De sublinhar ainda que a presente antologia é o limiar de um corpo de dimensões largamente superiores, que desejavelmente deverá confluir num arquivo digital aberto, acessível a todos, que constituirá um grande memorial poético da Guerra Colonial, o Arquivo Electrónico da Memória Poética da Guerra Colonial.

Segue-se uma lista considerável, por ordem alfabética, de todos aqueles que tornaram esta antologia possível e a quem os organizadores querem agradecer profundamente o bom acolhimento e a participação no projecto:

Adalberto Neiva de Oliveira; Álamo Oliveira; Albina Pereira; Ana Luísa Amaral; António Granjeia; Barroso da Fonte; Cruz Santos; Domingos Lobo; Eduardo Maia Costa; Fernando Tordo; Francisco Silva Alves; Ida Ferreira Alves; João Céu e Silva; Joaquim Chito Rodrigues; Jorge Araújo; José Arruda; José Dias; José Manuel Aguiar; José Mário Branco; José Muge; Leonardo Verde; Luís Futre; Luís Norberto Lourenço; Luís Serrano; Luísa Marinho; Manuel Bastos; Manuel Pedro Dias; Manuel Valdrez; Manuela Cruzeiro; Marcolino Candeias; Margarida Elias; Mário Lima Filho; Natércia Coimbra; Paula Trindade Duarte; Peter Stilwell; Rebaça Gaspar; Ricardo Saavedra; Rosa Alice Branco; Rui Barreiros; Tania Martuscelli; Teresa Almeida; Teresa Segurado Pavão; Urbano Bettencourt.

Associação 25 de Abril; Associação de Comandos; Associação de Fuzileiros; Associação de Jornalistas e Homens de Letras do Porto; Associação dos Deficientes das Forças Armadas; Associação Nacional dos Combatentes do Ultramar; Associação

NANAMUE; Associação Portuguesa de Escritores; Associação Portuguesa de Poetas, Associação Social e Cultural dos Vilacondenses Ex-combatentes do Ultramar; Biblioteca Municipal da Covilhã; Biblioteca Municipal do Seixal; Bombeiros Voluntários da Batalha; Câmaras Municipais de Angra do Heroísmo, Moura, Oliveira do Hospital, Ovar, Santa Maria da Feira; Casa do Gaiato de Santo Antão do Tojal; Casino da Madeira; Centro de Artes de Ovar; Centro de Documentação 25 de Abril; Círculo de Escritores Moçambicanos na Diáspora; Coro da Assembleia da República; Exército Português; Fundação Dr. Cupertino de Miranda; Fundação Oriente; Juntas de Freguesia de Avioso, Marmeleite, Monchique, Outeiro de Gatos, Paul, Quintela das Lapaças, S. José (Viseu), Samora Correia, Tuizelo; Liga dos Combatentes; Núcleo da Liga dos Combatentes de Coimbra; Revista *Boina Verde*; Sede Nacional do PCP; Sociedade Portuguesa de Autores; Universidade de Évora.

Algarpalcos, Assírio & Alvim, Babel, Bertrand, Caminho, Diário de Bordo, Editora Bezerra, Europa América, Fenda, Livros Cotovia, Moinho da Música, Palimage, Planeta Manuscrito, Porto Editora, Presença, Primetime Lda., Tipografia Açor.

Introdução

Era um barco cheio

*Guerra Colonial e memória poética:
uma antologia possível*

Entre 1961 e 1974, Portugal manteve com as suas então colónias de Angola, Moçambique e Guiné-Bissau uma Guerra Colonial, mobilizando perto de um milhão de homens num processo que tocou praticamente todas as famílias portuguesas. A experiência da participação portuguesa neste evento de indefinida colocação historiográfica, quer pela denegação que oficialmente o caracterizou, quer pela radical reformulação geopolítica do país dele resultante com a descolonização, tornou este acontecimento um dos mais complexos, mas também um dos mais trágicos, da contemporaneidade portuguesa.

A experiência colectiva e individual da participação dos portugueses neste evento teve, e continua a ter, o seu registo de expressão narrativa e crítica – ora através de testemunhos de variada matriz, ora através de estudos historiográficos – e o seu registo estético nas mais variadas formas de arte – da pintura e escultura à narrativa, do cinema ao teatro, da música à poesia. Foi, sem dúvida, na literatura que este registo de reelaboração colectiva e individual do evento se tornou mais marcante, dando origem a perto de uma centena de romances sobre o tema e a milhares de poemas. Esta poesia, de autores directa ou indirectamente envolvidos na guerra, e elaborada quer no momento da experiência directa, quer mais tarde, enquanto espaço de memória e de elaboração pós-traumática, foi objecto de estudo do projecto *Poesia da Guerra Colonial: «antologia» de um eu estilhaçado*, que decorreu nos últimos anos no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, sob orientação científica dos dois organizadores da

presente antologia e com o financiamento da Fundação para a Ciência e Tecnologia.

Neste estudo, cujo arco temporal cobre os últimos cinquenta anos (1961-2011), encontramos nomes consagrados que identificamos como pertencentes ao cânone poético – José Bação Leal, Manuel Alegre, Fernando Assis Pacheco, Liberto Cruz, Jorge de Sena, Gastão Cruz, João de Melo ou Fiama Hasse Pais Brandão –, alguns já contemplados na antologia pioneira de textos sobre a Guerra Colonial organizada por João de Melo, *Os Anos da Guerra* (1988). Mas surgiram-nos também muitos outros nomes que estavam por revelar, numa extensa produção, presente ora nas margens de revistas maioritariamente ligadas, de uma forma ou de outra, às Forças Armadas ou, em menor número, a organizações de juventude ou de estudantes, ora em publicações marginais, ora em pequenas edições de autor, ora ainda no território pouco acessível da escrita íntima das cartas ou diários. Um outro espaço essencial desta poesia foi o da canção, nomeadamente a designada canção de intervenção – oposta ao conflito bélico –, os hinos – declaradamente apoiantes desse conflito – e o ambíguo território dos cancioneiros de guerra.

Este projecto realizou uma primeira e grande recolha crítica desta documentação poética, não só enquanto poesia de guerra no panorama literário ocidental e português em particular, mas também enquanto valioso testemunho subjectivo e vivencial de um episódio marcante do século XX português. Para tratar e delimitar um *corpus* de dimensões fluidas e de difícil apreensão, foram definidos critérios criticamente configurados a partir de um amplo debate crítico. Critérios que permitiram extrair da multiplicidade da poesia da Guerra Colonial um corpo textual que dá conta dos temas, das formas e das características duma produção que, por vezes, só marginalmente comunica com os padrões estéticos, mas que constitui como que uma cartografia de rastros dos eus estilhaçados por uma guerra, cuja poesia aglutina os três termos – as três aporias – da representação moderna do paradigma da «war poetry» configurado no pós-Primeira

Grande Guerra – experiência, modernidade e representação (Fussell, 1975).

Assim, em termos metodológicos críticos, este projecto desenvolveu-se à volta de quatro objectivos específicos – (1) recolher e analisar criticamente poesia da Guerra Colonial; (2) avaliar o impacto da Guerra Colonial na poesia portuguesa contemporânea; (3) produzir uma antologia de poesia da Guerra Colonial; (4) contribuir para o debate e a memória pública sobre a Guerra Colonial – e de três eixos teóricos – (1) perceber a intersecção poética entre o individual e o colectivo nos aspectos vivenciais e traumáticos da Guerra Colonial; (2) reflectir sobre as relações entre poesia, memória e memória poética; (3) avaliar o impacto da poesia nas memórias públicas da Guerra Colonial e do fenómeno da memória da guerra na sociedade portuguesa e nas suas representações.

Extrair do imenso, heterogêneo e poeticamente irregular *corpus* da poesia da Guerra Colonial recolhido um corpo textual que mostrasse de modo equilibrado os temas, as formas, as características desta produção poética foi um considerável desafio científico. De facto, a feitura desta antologia não pressupôs apenas um exigente trabalho de investigação, documentação, recolha, leitura e selecção. Implicou também um relevante esforço crítico para recolocar a questão do que é a poesia, sobretudo quando ela é portadora de uma memória subjectiva – memória poética – e, de qualquer modo, de uma memória ameaçada. Num primeiro momento, muitas das escritas recolhidas pareciam de facto desempenhar mais uma função pragmática, documental, e, portanto, oposta à função poética. Assim, os critérios de selecção e organização dos textos foram sempre acompanhados de uma discussão ampla sobre a poética, a memória, o esquecimento, as suas relações com a poesia e, em particular, a poética em tempo de guerra. A preocupação crítica sobre a própria ideia de poesia foi sendo, ao longo do projecto, essencial para chegar aos pontos estruturantes não só da antologia, mas, mais em geral, aos quadrantes da memória poética que retém experiências únicas, traumáticas e dilacerantes, mas também de descoberta e de

iniciação, e que se misturam com mitologias vivenciais e humanas que, fora de um enquadramento escrito, estariam condenadas a um progressivo esquecimento.

No limite, reunir este arquivo da poesia da Guerra Colonial foi, portanto, pôr em causa o seu próprio estatuto, no fundo a sua própria existência enquanto forma muitas vezes à margem da imaginação literária. E por que falamos de memória poética da Guerra Colonial e não simplesmente de poesia da Guerra Colonial?

Na vertente erudita, é conhecida a relação entre *Mnemosyne*, a deusa da introspecção e da memória, e mãe das Musas, e a inspiração poética: musas que aliás concederiam o esquecimento das dores e dariam tréguas aos sofrimentos. Numa vertente mais histórica, é sabido que, desde a época clássica e medieval, a memória poética surge da intersecção entre a arte poética e a arte de recordar, e estrutura uma tradição profunda, baseada na ideia do carácter pré-estruturado da práxis da citação, da arte alusiva (Conte, 1974: 44-45). A poesia é, portanto, em si, um modo de lembrar.

De facto, a poesia proporciona à memória um modo convencional de conservação e transmissão do que modernamente chamaríamos experiência. Confere, poderíamos dizer, uma forma – uma moldura – à matéria mnésica, fixando-a e configurando-a. A sua forma de expressão e as suas técnicas de expressão – o verso, a rima, a repetição, a variação, entre outras – concorrem para este duplo objectivo: dizer, expor e conservar dentro de um código, de uma tradição, de um gosto. Dito isto, a «antologia» que propomos pretende esboçar uma ontologia do sujeito (poético) no instante do choque e do trauma pessoal e nacional, ou seja, no instante da intersecção entre uma perda individual – o paraíso anterior à guerra perdido pela desagregação do sujeito – e colectiva – a configuração ultramarina da nação e, conseqüentemente, a sua dimensão imperial.

Contudo, a *Antologia da Memória Poética da Guerra Colonial* não se propõe escrever a história pela poesia, como num livro surpreendente fez, por exemplo, António Gedeão, compondo

uma história de Portugal a partir das emergências poéticas da sua história cultural (1995). Pela poesia não se faz a história, mas pela poesia pode construir-se uma memória poética de um facto histórico. Uma memória poética ideologicamente heterogénea, que não é história, na medida em que não institucionaliza as memórias, mas faz parte do património de uma geração, que interroga esse património ao mesmo tempo que o transmite e, nessa medida, contribui para a construção de uma memória cultural. Nesta linha, tratámos o poema como «material» e «modo» de fundação de uma poética de restos – de gente, de impérios – ou de perdas, cuja reconstrução se executa pelo texto poético que exhibe como a Guerra Colonial foi para todos um percurso de perdas: perda da juventude, da família, da inocência, da vida, resumida na perda do mundo anterior à guerra para aqueles que foram obrigatoriamente convocados não manifestando qualquer apoio ideológico à guerra; perda do país, da vida, da família, da normalidade para aqueles que politicamente optaram pela deserção ou pelo exílio; perda da nação para aqueles que lutavam convictamente. Resumindo, a memória poética abre dimensões suplementares que ultrapassam as tradições mencionadas e a projectam no horizonte da lírica moderna. Assim, a memória poética configura um lugar específico do sujeito, como propõe Milan Kundera, num dos trechos mais famosos da *Insustentável leveza do ser*, quando observa que «parece que existe no cérebro uma zona perfeitamente específica, que poderia chamar-se *memória poética*, e que regista aquilo que nos encantou, aquilo que nos comoveu, aquilo que dá à nossa vida a sua beleza própria» (Kundera, 2005: 95), acrescentando, de um modo que tem pertinência crítica para a nossa perspectiva, como certos «poderes» subjectivos ocupam como «déspotas» essa memória poética e cancelam os rastros de outras experiências

A memória poética é em si mesma, pelas precariedades que conjuga, pelos vazios que a compõem, o limiar de uma memória que aspira à projecção de uma memória plural, não ainda pública mas já subtraída à singularidade intransponível de um eu enclausurado e mudo. Assim, enquanto lírica, a

memória poética situa-se numa posição limítrofe, dir-se-á, de uma memória política. Uma memória individual que se abre à partilha aspirando deste modo a uma memória plural e tornando-se assim património ou memorial de um tempo escoado mas que continua a marcar, como uma cicatriz, o presente. É esta a memória que a poesia da Guerra Colonial expõe. Nela concentra-se uma variedade muito ampla de formas e de modos poéticos, parecendo pôr frequentemente em jogo o próprio estatuto de poesia. Também no que respeita ao valor estético, os resultados são distintos. Mas o que é oportuno observar é que não estão em apreço só elementos de poética, mas sobretudo «imagens» de uma memória em risco, que doutro modo se poderia dissolver.

O passo a dar para chegar a uma memória pública partilhada do que foi a Guerra Colonial para os que nela participaram, ou que por ela foram de algum modo definitivamente marcados, é ainda muito grande, mas a reunião de poemas variados, a recomposição de um rosto comum depois da experiência fracturante que ocorreu em África na década de 60 e nos primeiros anos da década de 70 inscrevem-se na direcção da construção de um horizonte composto e plural. O seu efeito reconstitutivo remete, justamente, para as aporias do contexto pós-25 de Abril e a urgência de recompor uma memória comum largamente dilacerada e singularmente fragmentária. De certo modo, esse horizonte projecta o quadro das vozes poéticas para um plano de uma memória não cultural mas, bem mais, cultural, de um passado ainda dolorido que foi para muitos um horizonte comum.

O canto da Guerra Colonial possui assim os traços de «tentativa de canto», apesar de tudo, como lembra um dos seus primeiros, trágicos, autores e também um dos seus críticos precoces, José Bação Leal. A estrutura desta construção antológica de poemas da Guerra Colonial remete para uma obra crucial deste conjunto, *Catalabanza, Quilolo e Volta* de Fernando Assis Pacheco, que reformula, em 1976, a versão anterior, publicada em 1972 sob o disfarce vietnamita imposto pelos tempos e intitulada *Câu Kiên: um resumo*. Pelas situações,

as formas, a riqueza de níveis poéticos, de registos linguísticos e de espectros subjectivos, este volume de Assis Pacheco é, de algum modo, uma síntese antológica da poesia desta guerra. Mas, sobretudo, toda esta poesia se associa ao movimento de uma viagem, de Lisboa a Lisboa, como foi para muitos a experiência da guerra em África, partidas com ou sem regresso e regressos sempre marcados pelo que lá foi deixado ou abandonado em África, nos lugares nomeados da frente bélica (Dembos, Luanda) que também estruturam a referida obra de Assis Pacheco. Um movimento que põe em sequência um arquivo de imagens em movimento (e a metáfora do cinema está presente de maneira alusiva em *Catalabanza, Quilolo e volta*), que interroga a memória de cada um que viveu este tempo incerto.

A *Antologia da Memória Poética da Guerra Colonial* refaz polifonicamente a estrutura de *Catalabanza*, tentando por sua vez construir um arquivo de vozes e imagens inscrevendo-as num movimento, mais do que físico ou experiencial, sobretudo emocional, sensorial, imagético, provocado pela circunstância de estar na guerra. Uma poesia que portanto, sempre através de Assis Pacheco, captamos como viagens numa experiência pessoal e irredutível, uma *Viagem na minha guerra*.

Nos inícios da discussão crítica sobre o que convencionalmente se chama a literatura da Guerra Colonial, o problema e as limitações do carácter temático de uma literatura multifacetada e que se expressa por uma pluralidade de formas e modos foram devidamente debatidos. O autor do primeiro gesto crítico amplo e organizado nesta matéria, João de Melo, já em *Os Anos da Guerra* evidenciava o perfil de uma «nova literatura temática» (1988: 15), uma posição que alimentaria em seguida o debate com muitos outros críticos.

Se, na aparência, a construção da presente antologia se inscreve nas dobras daquela discussão, é oportuno sublinhar como ela considerou a acumulação de leituras que em quase 25 anos se depositaram sobre um corpo textual, em prosa ou poesia, ainda inesgotável. Por isso, aqui, o tema funciona bem mais como uma *imagem* – e nisso retomamos a proposta poé-

tica de Assis Pacheco e introduzimos a proposta visual de Manuel Botelho que pontua a antologia – que conjuga uma impressão precária ou incerta. Nesta incerteza do olhar desenrolam-se as palavras que retornam, os versos que se adensam em imagens às vezes escuras ou desfocadas, mas que fixam a inapreensibilidade da dor, do medo, da irregular alegria. Imagens que só na película sensível e mínima da poesia se imprimem e ficam na sua intenção – tentação ou tentativa – de dizer, apesar de tudo. Mas é nas imagens poéticas que brilham esses instantes e essas constâncias, pois a poesia da Guerra Colonial é mesmo uma poesia de sobrevivências, de diminutas luzes que iluminam trevas, sobrevivência dos autores, ou das suas vozes, mas também de uma experiência destruída que procura os seus traços na perda inexorável, no silêncio absoluto.

Após a exposição teórica dos problemas e das reflexões que a feitura desta antologia suscitou, torna-se claro que a obra seria também e inevitavelmente um percurso dos antologizadores, uma narrativa que os pesquisadores construíram.

A estrutura de apresentação que propomos é elaborada a partir de imagens fundadoras – imagens-tema – e revela duas preocupações: por um lado, dar à antologia uma ampla e reconhecida dimensão de divulgação e, por outro lado, proporcionar ao leitor uma rápida identificação da poesia da Guerra Colonial como uma poesia de guerra, na medida em que recupera os temas em que todo o sujeito histórico moderno se reconhece.

Assim, para além dos macro-temas-imagens tradicionais da cartografia de uma poesia de guerra ocidental e que esta antologia também contempla – Partidas e Regressos, Quotidianos, Morte, Memória da Guerra, Pensar a Guerra, Cancioneiro – desenham-se dois tópicos mais específicos desta guerra: Contra a Guerra e o Dever da Guerra. Trata-se de textos na maioria de grande compromisso ideológico e escritos em «estado de guerra». Quem estava contra a guerra exhibe uma revolta; quem estava a favor da guerra perde tudo, e

exibe uma expiação. E só no poético se encontra a forma de «sobreviver à catástrofe», seja no reconhecimento de um percurso africano para o caminho da liberdade, seja na exibição retórica de uma ideia da pátria, de honra, de passado nacional, de mitologia atlântica, que motiva o dever de estar, em armas, em África, mas não é mais do que o grau de expressão de uma culpa sem remédio.

O dizer poético destas perdas, que é extremamente individual, cria uma espécie de macro-tema, a dor de guerra, que é indizível, porque só se expressa individualmente. Não há uma idealização, há ideologia, mas a dor e o abandono são duas condições comuns.

Estas primeiras oito partes deste movimento – que é uma viagem por dentro de nós próprios – articulam um tempo de leitura primário inspirado nos indícios críticos que a própria poesia da Guerra Colonial disseminou, como um acto crítico implícito e forte. As partidas e os regressos, os quotidianos, a morte, esta que já em si bastaria para definir a natureza poética dos textos, todos inclinados a interrogar-se sobre a morte, fora e dentro do homem (Bergamín, 1993: 9). Mas também a irrupção da história na cena poética, com a guerra à guerra e o dever da guerra. E também a parte da Mnemosyne, da introspecção da guerra, na tentativa de pensá-la pelo canto ou a partir dos fragmentos de memórias que dela se arrancaram.

As outras secções não são autónomas, mas de certo modo complementares ao movimento inicial encenado. Os cancioneiros atestam uma forte dimensão cultural da guerra, ilustrando a maneira como ela entrou em pleno na cultura portuguesa ultrapassando os limites do campo literário. É interessante notar que os cancioneiros exibem um processo de criação poética – uma tendência para a composição poética que valoriza um manancial folclórico e subjectividades líricas, um gosto para a expressão em verso, associado a uma forma própria da cultura de consumo (a canção, o êxito musical em voga), que serve como vector da criação. Tal apropriação não combina só o tradicional com o moderno, mas contribuiu também para fundar uma nova memória cultural comum dos

combatentes, que se prolonga para além das múltiplas experiências que vivenciaram e que hoje reivindica um reposicionamento pelo que no pós-25 de Abril foi recalçado ou marginalizado. É por esta linha que se torna natural aprofundar a organização do volume pelo chamado cancionero popular, a sua secção final. Não se trata de propor um plano inclinado estético, isto é, uma oposição entre uma dicção complexa e uma outra que se manifesta em modos líricos desprendidos e aparentemente despojados de qualquer compromisso com uma poética consciente. O que surpreende aqui, pelo levantamento realizado, é não só a imensa produção em que esta formulação poética assume a imaginação da guerra como própria Musa, mas também a repetição nesses cancioneros das imagens-temas que se reflectiam nos versos das outras secções, como se a imaginação atravessasse não só múltiplos campos culturais mas se adaptasse a diferentes modos de reelaboração poética, indo, portanto, de uma forma mais simples e popular, a formas mais complexas e até experimentais. Resolvemos, assim, dispô-la de acordo com a mesma sequência, como se ela, em *mise-en-abyme*, repetisse, re-citasse por outras vozes, por outras sensibilidades, por outros saberes, as ansiedades, medos, dores já expressos por outras vozes da antologia.

Qual será o tempo de uma memória (não só poética) comum sobre este evento, sombrio e iniciático, gravado em corpos ou em memórias feridas e mutiladas, à espera de um efectivo resgate individual e público? Como ensinam também os poetas, a resposta encontra-se nos advérbios, como aquele com que Manuel Alegre fecha a viagem. Ainda. Os dois poemas finais pronunciados por duas vozes que inscreveram os tons desta poesia – íntimo e colectivo – foram colocados porque mostram os modos como a guerra continua: colada aos ossos, por baixo das palavras, dentro dos versos. Eles activam um novo processo que actualiza o tempo da guerra e mostra a profundidade da sua inscrição no presente. Poderia assim reiniciar-se uma viagem às avessas, onde as palavras surgem na contraluz das paisagens africanas como ruínas de um tempo que se perdeu, de uma idade que já não é, mas que talvez se possa

ainda encontrar, recuperar e chorar, nos sons e na arrumação aparente da forma poética.

Pontuando estas divisões, e dialogando profundamente com a dor comum que percorre todos os poemas, um outro «texto»: as fotografias de Manuel Botelho extraídas do seu trabalho sobre a Guerra Colonial «Confidencial e Desclassificado», da série «Ração de Combate». O título deste trabalho sintetiza magnificamente, pelo muito que diz epigraficamente, sobre o que é também a memória pública da Guerra Colonial: algo a esquecer, a não falar, a não elaborar, mas que os textos e as suas fotografias insistem em lembrar como uma espécie de «naturezas mortas» deste tempo, como bem analisou o crítico de arte João Pinharanda (2005).

Talvez pela poesia e pela imagem se possa assim reconstituir ainda um memorial do que ocorreu – que é a impressão que se gera ao ler a antologia – e que pode ser recriado e ensaiado pelo leitor. Um memorial de muitos nomes unidos num único nome, que subscreve os milhares de cacos que se recompõem num só evento, um coral de vozes diversas que procuram harmonizar-se no mesmo canto. Assim, a tentativa de fazer a Antologia da Memória Poética da Guerra pode valer a pena e o memorial tornar-se memória. Que é o sim pronunciado numa carta-poema de Bação Leal: «Sim tentarei o canto mesmo de gatas. Zé» (Leal, 1971: 151).

A *Antologia da Memória Poética da Guerra Colonial* é, assim, uma proposta, entre outras possíveis, de recorte do imenso manancial poético que surgiu e surge ainda copiosamente da experiência que uma parte significativa da população portuguesa viveu entre 1961 e 1974. Ser parte de um todo mais amplo é o seu limite, mas pode tornar-se também a sua força.

O limiar não poderia parecer mais precário, uma escrita, poética, infinita – mas que enquanto escrita expõe a sua finitude –, sobre uma experiência que também ultrapassa os limites do mensurável, às vezes do dizível. Foi este limiar o objecto de estudo deste imenso património cultural que transcende

os limites do campo literário e da apreciação exclusivamente crítica do material poético recolhido, para tornar-se algo de mais vasto e profundo: parte viva e dolorida do ser em comum do Portugal de hoje. Um rosto, encoberto e exposto, do nosso presente, da textura, desfibrada e resistente, do que fomos e do que somos.

Margarida Calafate Ribeiro e Roberto Vecchi

Referências bibliográficas

- Bergamín, José (1993), *Frontiere infernali della poesia*, Milano: Anabasi. Versão original: Bergamín, José (1959), *Fronteras Infernales de la Poesia*, Madrid: Taurus.
- Conte, Gian Biagio (1974), *Memoria dei poeti e sistema letterario: Catullo, Virgilio, Ovidio, Lucano*, Einaudi: Torino.
- Fussell, Paul (1975), *The Great War and Modern Memory*, London: Oxford University Press.
- Gedeão, António (1995), *O Texto Poético como Documento Social*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Kundera, Milan (2005), *A Insustentável Leveza do Ser*, Lisboa: Dom Quixote.
- Leal, José Bação (1971), *Poesias e Cartas*, Porto: Tipografia Vale Formoso.
- Melo, João de (1988), *Os Anos da Guerra, 1961-1975. Os Portugueses em África: Crónica, Ficção e História*, Lisboa: Dom Quixote.
- Pinharanda, João (2005), «Vida Mundial e Auto-Retratos», in *Manuel Botelho: Desenho e Pintura, 1984-2004*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 6-25. [Ensaio disponível em: <http://www.manuelbotelho.com/pt/index.php?/essays/>].

A Guerra Colonial e a poesia contemporânea portuguesa: quatro tempos de uma memória

A experiência da participação portuguesa na Guerra Colonial teve um registo estético, subjectivo e imediato, numa valiosa produção poética que se conjugou com o evento bélico e posterior, ou seja, uma produção que se seguiu ao momento bélico e que se constituiu como um dos lugares de elaboração pós-traumática da guerra. Ao lado dos grandes nomes que encontramos no aparentemente escasso cânone da poesia da Guerra Colonial – Manuel Alegre, Fernando Assis Pacheco e José Bação Leal –, praticamente todas as vozes poéticas consagradas da época se debruçaram sobre o evento trágico e em simultâneo com os factos foi sobretudo a poesia que se pronunciou. A lista a que chegamos no âmbito deste projecto e com representação nesta antologia é enorme, e mencionar alguns nomes serviria só para condenar os inúmeros outros não citados ao silêncio. Esta enorme lista de poetas – embora não desfaça a ideia de que a «guerra» de muitos destes poetas na sua poesia era a guerra à ditadura, à mesmidão do país onde nada acontece, como dizia Alexandre O'Neill – mostra cabalmente como a Guerra Colonial tocou e marcou a poesia contemporânea portuguesa para além dos autores que se viram nela directamente envolvidos, colocando assim sob suspeita o argumento crítico clássico – elaborado por Paul Fussell (1975) relativamente aos poetas da Primeira Grande Guerra – de que a poesia de guerra está directamente ligada à experiência bélica.

Nesta medida, importa agora considerar o imenso grupo de poetas que estiveram na Guerra Colonial e que entregaram

à forma lírica sentimentos e emoções, medos e desejos, pesadelos e sonhos, culpas e raivas da sua experiência, hoje publicadas em edições de autor, em edições de pouca circulação ou em livros colectivos que combinam vários géneros. Trata-se de um grupo de vozes absolutamente heterogéneo que encontrou no meio poético um modo de simbolizar o nicho duro e frequentemente opaco, em termos de significação, de uma experiência na maior parte dos casos sofrida e alienada, ou ainda para exprimir os efeitos posteriores da idealização que pode ocorrer numa fase da vida que, para o bem ou para o mal, se identifica com a juventude e que só retoricamente se liga a antigos ideais de patriotismo, nacionalismo e glória agora esvaziados de conteúdo. Esta linha minoritária, profundamente conservadora e claramente a favor do conflito bélico, utiliza não só a retórica e o eco poético de palavras como patriotismo, nacionalismo, sacrifício, etc. como ainda recorre à retórica histórica ligada aos Descobrimentos e à acção colonizadora/civilizadora de Portugal no mundo, que no momento político da guerra se ia a cada passo esboroando. É um grupo de poetas publicado no tempo da Guerra Colonial e que hoje sobrevive pela voz de alguns poetas publicados no interior de algum meio militar, ou em edições de autor ou de pequena circulação. De facto, para a esmagadora maioria, a Guerra Colonial ficou poeticamente registada como um fantasma por esconjurar acenando à dimensão do luto, da perda, da saudade de uma pessoa que se foi, de uma juventude hipotecada, de uma partida contrariada, de um regresso que não aconteceu, expresso em milhares de versos que frequentemente povoam o território opaco da escrita íntima – poemas, cartas, diários, etc. – ou aparecem nas margens de pequenas publicações dispersas, ou ainda na memória pública do canto de intervenção, dos cancioneiros ou dos hinos que povoam a memória colectiva da Guerra Colonial.

Até hoje, esse imenso material do imaginário poético português não tinha ainda sido recolhido e sistematizado, e uma conclusão imediata, para quem empreendeu este trabalho, é a constatação das dimensões infinitas duma produção de facto

ainda em curso e que toca todos os quadrantes possíveis. Assim, ao lado de uma poesia estabilizada como de guerra pelos seus grandes nomes – Manuel Alegre, Fernando Assis Pacheco, José Bação Leal –, e de poetas do panorama literário português que à guerra dedicaram alguns poemas – como Fíama Hasse Pais Brandão, Luiza Neto Jorge, Maria Teresa Horta, Jorge de Sena, Nuno Júdice, João Miguel Fernandes Jorge, Gastão Cruz, Pedro Tamen, Ruy Belo, Casimiro de Brito, Ana Hatherly, António Gedeão, Alexandre O' Neill, José Manuel Mendes e tantos outros –, surge um outro registo que inscreve a poesia no campo da cultura de massas colocando-a como um possível material fundador da memória contemporânea partilhável deste conflito. A questão será então se uma reflexão sobre a memória poética tem possíveis elos em comum com a construção de uma memória cultural e sobretudo pública, considerando a tensão que marca a relação entre memória e poesia. O caso em jogo, o da poesia da Guerra Colonial, permite aparentemente responder de modo positivo à pergunta. Define-se de facto uma dimensão cultural nesta poesia de cariz erudito e sobretudo popular, a que se juntam os cancioneiros que nasceram ora na oposição frontal ao conflito armado, ora no âmago das Forças Armadas Portuguesas, como foi o caso do conhecido «Cancioneiro do Niassa». Ambos projectam esta memória poética no âmbito dos quadros sociais da memória colectiva, como Maurice Halbwachs (1968), Jan Assmann (1997) e Michael Pollack (1989) a discutiram. No entanto, poderíamos por exemplo argumentar que as letras do «Cancioneiro do Niassa», assim como uma massa considerável da produção poética que lhe foi contemporânea, radicalizam o sentido próprio do poético, ou seja, de facto põem em questão o que é a poesia. O que ocorre na construção dessa memória poética praticamente ilimitada que desafia e põe em crise as categorizações estéticas – que provavelmente excluam obras como o «Cancioneiro do Niassa» e uma vasta parte da poesia da Guerra Colonial de autores não consagrados – é uma tensão entre a dimensão singular e dolorosa da experiência mediada e uma forma poética que universalize e amplie o

registo, às vezes directo, do desabafo emocional. Ou seja, uma forma que registre a multiplicidade de «eus» estilhaçados por uma guerra, construindo assim uma antologia/ontologia de «eus» poéticos estilhaçados, inclusiva e não apenas mediada pelas estritas categorizações estéticas pré-determinadas e, conseqüentemente, pouco agéis para interagir com as diferentes modelizações da palavra poética. Assim, nesta memória poética da Guerra Colonial conjugamos díspares expressões do poético a partir do contexto comum: um «material em forma de poesia», no sentido em que possui um valor predominantemente documental, uma poesia de poetas da Guerra Colonial e textos de outros poetas cujo tema invadiu horizontal e verticalmente a sua poesia – e pensamos no exemplo clássico da proposta de *Poesia 61*, produzida no momento do risco e do trauma.

Um outro segmento importante é o do canto-poema. Do ponto de vista do conteúdo e do valor poético desenha-se, assim, uma sistematização possível entre aquilo a que chamamos os textos-reflexo desta guerra – testemunhos de uma experiência por vezes ideologicamente marcada – e os textos-consequência, isto é, aqueles que ultrapassam o carácter meramente testemunhal de uma realidade vivida para a partir dessa experiência elaborarem uma reflexão mais ampla sobre o vivido num sentido individual e colectivo. Uma poesia, portanto, a vários tempos, tematicamente unida pela Guerra Colonial. A análise que se segue, em seus quatro tempos, configura-se como um instrumento que pode enriquecer a leitura dos poemas apresentados na antologia. Proporcionar-lhes uma moldura crítica que contribua para os repensarmos. E, continuamente, para os relermos.

• Tempo um: Requiem por um império ou sombras da guerra entre nós – *Poesia 61*

No mesmo ano em que a guerra estoirava em Angola surgiam, em Maio, as *plaquettes* de *Poesia 61*, reunindo cinco jovens poetas: Fiama Hasse Pais Brandão, Luiza Neto Jorge, Maria Teresa Horta, Casimiro de Brito e Gastão Cruz. Unia-os a juven-

tude, um interesse editorial comum e alguns signos que passam as suas poesias sem contudo deles fazerem um grupo, como será aliás atestado pelos percursos individuais e individualizados que vão traçar no panorama da poesia dos anos 60 em diante.

Do lugar onde estavam diziam ser o «cais dos barcos pequenos de papel», onde «dentro de um secular sossego» se «dormia e apodrecia», assumindo-se eles próprios, enquanto cidadãos, como «a escultura de amanhã» (Cruz, 2009: 39; Jorge, 1961: 3-6)¹. A imobilidade sugerida pela palavra «escultura», referindo-se a jovens em plena fase da descoberta e do usufruto da vida, do corpo e da sexualidade rumo ao futuro, demonstra-nos a mesmidão de um tempo parado e mortificante, reforçado, aliás, no sintagma seguinte do poema com a expressão sinónima «estátuas de amanhã». À expressão de dor deste tempo de futuro hipotecado e de morte espiritual, expressa em várias poéticas dos anos 50, *Poesia 61* acrescenta um importante dado epocal num sentido semântico e histórico: a expressão de uma violenta fragmentação espiritual e física, tematicamente expressa, por um lado, no questionamento de um imaginário colectivo ligado ao mar e à aventura marítima e, por outro lado, no questionamento de uma moral tradicional, fechada e castradora, simbolizada na «casa portuguesa» e nas relações familiares, que por sua vez projecta e refracta as instituições públicas que compunham a sociedade. Este questionamento é veiculado, de um ponto de vista semântico, pela obsessiva referência a partes, fragmentos de corpos, cadáveres, pedaços de vida, morte, palavras cortadas, sugerindo um estilhaçamento das matérias referidas, e, de um ponto de vista sintáctico, na contenção vocabular e expressão textual fragmentária que caracteriza esta poesia.

Em *Portugal Maio de Poesia 61*, Jorge Silveira (1986), ao analisar as conexões entre o texto e a história, por um lado, e o

1. «Dorme-se e apodrece o pesadelo/ o sol nunca existiu e o resto é lodo» (Cruz, 2009: 39); «sem nevoeiros asfixiamos nítidos» (Jorge, 1961: 3-6). Sobre a poesia de Luiza Neto Jorge, ver Fernando Cabral Martins (2000: 247-255).

contexto poético de *Poesia 61*, por outro, mostra-nos como esta poesia correspondeu a um estado de espírito de prenúncio de fim de um tempo, não só de um império e de uma identidade nacional aprendida desde os bancos da escola, mas também de uma moralidade nacional e familiar que já não correspondia às expectativas da época e que a guerra iria modificar profundamente. O país «do eterno Portugal meu berço (de) inocente que a pedagogia do regime destilava como mel obrigatório desde o banco da escola primária à Universidade» (Lourenço, 1982: 35) «desbotou / no mapa das escolas» (Jorge, 1961: 4) e os «seres sitiados» que o habitam falam obsessivamente de morte, sofrimento, corpos mutilados ou mortos precisamente porque estão em busca do amor, da vida, da esperança que o tempo mortificante insiste em lhes furtar (Cruz, 2009: 370), como explicitamente nos aparece na poesia de Luiza Neto Jorge, que situa esta luta pela libertação no plano quotidiano da vida familiar, social e institucional. Como viu Jorge Silveira (1986: 180), neste espaço quotidiano existem dois mundos em oposição: de um lado, estão os detentores do poder, representados como o «alto-relevo»: «o monstro gótico», «os milionários», «os mortos», «o país», «os Pais», «o senhor professor doutor»; do outro lado, estão os desprovidos de poder, os de «baixo-relevo»: «tu e eu», «a criança», «as meninas da saia rodada», «os soldados», «a aluna», os «elípticos de sexo», os «deserdados da sombra», isto é, um colectivo «nós», cujo futuro está hipotecado – «nós somos / a escultura de amanhã». Mas ainda que espacialmente localizado nas instituições que representam o poder – a família e a escola –, o discurso poético de Luiza Neto Jorge, mercê da lição surrealista, situa o cenário deste conflito no discurso por elas veiculado. Apropriando-se e interpretando-o às avessas, Luiza Neto Jorge põe-no em causa e, ao fazê-lo, reclama a vida, pela afirmação do ser no momento da história: ora na escola segregada, de que «Exame» é um brilhante exemplo, ora na sociedade restringida no apertado cerco dos valores familiares tradicionais e da igreja, a que se contrapõe a vida, o amor, a sexualidade e o prazer.

Num país onde em nome da defesa da integridade nacional se pedia o corpo e a vida aos homens, e a família (e a Igreja) resguardava o corpo das «meninas de saia rodada», Luiza Neto Jorge, no poema acima citado, propõe a subversão da divisa dos militares («a vida pela pátria»), e consequentemente da guerra por eles administrada, com o oferecimento dos corpos das meninas aos soldados. Este oferecimento constituía de facto uma afirmação dupla de subversão: da sexualidade, reprimida pela sociedade, e da morte que a guerra trazia, subvertendo assim de duas maneiras distintas mas complementares o que quotidianamente interditava a vida e a liberdade dos jovens e de todos os homens e mulheres deste tempo (Silveira, 1986: 178).

Nos poemas de Gastão Cruz são vários os signos que nos levam a refazer os roteiros do mar e da aventura marítima e imperial portuguesa. O mar, o barco, o Tejo, os corpos são espaços que vão ficando rodeados de sinais de morte e de ruína até ao naufrágio. Este cadáver-navegante representa metonimicamente a pátria em agonizante movimento que, usando os corpos, se imagina viva – numa imagem próxima dos barcos que «esmagam» os soldados que transportam para a guerra – mas que na verdade vai ao encontro da sua própria perda. Os textos de Gastão Cruz assinalam a morte da epopeia marítima que cobre os corpos num sentido físico e espiritual e os estilhaça pela força das armas, devorando desta forma a última possibilidade de imaginar a viagem e a aventura que o mar, o barco, o Tejo simbolizam na cultura portuguesa.

A mudança, historicamente substantiva, contida por exemplo em alguns poemas de Fiama Hasse Pais Brandão, em que passamos de um tempo de barcos reais ou míticos a barcos cheios de sangue, leva à mudança pessoal e colectiva de percepção do país da partida que é Portugal, uma partida sem glória rumo à guerra, que leva ao estilhaçamento dos seres, uma partida sem regresso, como mais tarde aparecerá no grande mural de interiores em urgência de comunicação que são as *Novas Cartas Portuguesas*, publicadas com grande escândalo e proibidas pela censura em 1972, não apenas pelas múl-

tiplas «clausuras» femininas, visíveis e invisíveis, expostas, mas também pela denúncia nelas feita do estado em que os homens (não) vinham das Áfricas:

mas como é que eu podia saber que o meu António havia de vir assim das Áfricas, ele que era uma pessoa, não desfazendo, de tão bom coração e desde que veio das guerras anda transtornado da cabeça e me mete medo grita noite e dia, bate-me até se fartar e eu ficar estendida. [...] António, eu quero ir-me embora e quero tanto que volte. (Barreno, Horta e Costa, 1974: 209 e 245)

A importância decisiva de *Poesia 61* nas vozes poéticas da Guerra Colonial marca a tendência de uma poesia de pendor universitário que vai conjugar uma revisitação dos temas da partida, da canção medieval e dos temas clássicos com o seu tempo, um tempo de guerra e de censura, que é preciso denunciar para que termine. José Manuel Mendes, Luís Guerreiro, Manuel Simões, Nuno Júdice, Deana Barroqueiro, José Niza e tantos outros poetas presentes na antologia deste projecto seguirão esta linha de reescrita dos temas e poemas clássicos, não para lhes prolongar uma vida agonizante de que já não gozam – como acontece com a poesia apologética da guerra e a re-utilização abusiva de Camões e dos signos da epopeia ou da história dos Descobrimentos – mas sim para denunciar os temas do seu tempo, nomeadamente a partida sem regresso para a guerra, a épica camoniana lida às avessas, a eterna e vã espera da mulher portuguesa no cais, a viagem rumo à morte em barcas de armas. Um canto de hoje e de sempre que ecoa, na cultura deste país, desde as cantigas ainda em galaico-português.

• **Tempo dois: Requiem por um império ou a reinvenção retórica do império**

O *corpus* de literatura relativa à Guerra Colonial anterior ao 25 de Abril autorizada para publicação traz-nos nomes de escasso relevo no tecido literário português, de hoje como de então. O sentido aprioristicamente doutrinário e oficial desta

literatura, bem como a sua reduzida expressão, tirou-lhe provavelmente as hipóteses de sobrevivência, mas assegurou-lhe uma referência inevitável nos trabalhos deste género. O relativo interesse desta literatura prende-se, portanto, com o facto de veicular o discurso oficial e de nela detectarmos com facilidade a própria duplicidade e ambiguidade deste discurso. Disto é exemplo a singular obra de António de Cértima, *Não Quero Ser Herói*, escrita entre 1967-68 e publicada em 1970, cuja originalidade reside no facto de o autor evocar a experiência por si vivida como militar na Primeira Grande Guerra em Moçambique, para assim legitimar e creditar as suas posições de voluntário nesta nova guerra em África. De maior expressão ideológica doutrinária e de menor valor literário é o livro *Sangue no Capim*, de Reis Ventura, publicado em 1963 e reeditado em anos sucessivos. Entre a crónica, o relato e o panfletário, este livro apresenta uma estratégia exemplar para doutrinação das massas na linha ideológica dos valores defendidos pela literatura colonial/ultramarinista, que agora se adaptava ao contexto da guerra. No prefácio apologético e galvanizador da política do regime em África, o autor actualiza, por usurpação, a matriz ideológica que regularizava a acção bélica dentro de um esquema memorialista de prestígio anti-quíssimo ligado aos ideais da «guerra justa», adaptando-o ao contexto da Guerra Fria que então fazia parte da «ordem natural das coisas». Assim se sublinhava o vanguardismo da atitude portuguesa em África como protagonista da nova cruzada do Ocidente cristão contra o novo infiel que alastrava em África – o comunismo. Cumpria-se portanto neste vanguardismo a possibilidade de Portugal «voltar a ser» um líder internacional, ao apontar à Europa o caminho a seguir no continente africano, que deste modo escapava tanto ao perigo comunista como à hegemonia americana ou, nas palavras de Reis Ventura, às «oligarquias do dinheiro». Ainda que possamos encontrar grande parte desta fundamentação teórica no ideário francês que legitima o império em nome da «*mission civilisatrice*» e que define a nação francesa como «una e indivisível», em nome da qual se faria a Guerra da Argélia que, tal

como a Guerra Colonial, também seria de difícil designação, não há dúvida de que todo o ideário de pioneirismo dos Descobrimentos portugueses e de cruzada acrescentava à posição portuguesa o peso religioso, histórico e moral que o regime transformou e sagrou para «imobilizar» o imaginário da nação no seu singularismo e excepcionalidade antiquíssima.

Próximos, em termos ideológicos e no tom galvanizante, estão os primeiros livros de Barão da Cunha, *Aquelas Longas Horas: narrativas sobre a actual epopeia africana* (1968) e, já menos entusiástico, *Tempo Africano* (1972), sem dúvida superiores no seu valor literário. Mas o que aqui mais nos importa é a poesia produzida por esta corrente. Ela aparece ora em pequenos livros de poetas cujos nomes não deixaram registo no património poético desta guerra, ora na revista *Itinerário*, criada nos anos 60 por uma série de estudantes de Coimbra quando regressados da Guerra Colonial e cujo objectivo era fazer valer os ideais do regime relativamente a esta guerra e estimular os jovens a lutar, e, na década de 70, nas antologias *O Corpo da Pátria – Antologia Poética da Guerra do Ultramar 1961-1971* (1971) e *Vestiram-se os Poetas de Soldados – O Canto da Pátria em Guerra* (1973), organizadas, respectivamente, por Pinharanda Gomes e Rodrigo Emílio. Ambas as selecções poéticas apresentavam uma grande variedade de autores, e embora imbuídas das ideias de multirracionalidade e pluricontinentalidade do império português, do recentemente adaptado lusotropicalismo e dos ideais de heroísmo da missão dos soldados portugueses, em alguns poemas estava já presente um questionamento indirecto desta ideologia do regime, pelo facto de, nos tempos que corriam, a sua defesa só ser possível pela guerra. Não são disto exemplo os poemas de Couto Viana ou de Fernanda de Castro, simultaneamente nostálgicos e restauradores de históricos imperialismos, mas sim os de Ruy Cinatti, «Poema de uma guerra longe», de Natércia Freire, «Guerra», ou de Álamo Oliveira, «Soldado» e «África-mim», incluídos em *O Corpo da Pátria – Antologia Poética da Guerra do Ultramar 1961-1971*. Do mesmo modo, na antologia de Rodrigo Emílio, *Vestiram-se os Poetas de Soldados – O Canto da Pátria em*

Guerra, encontramos poemas de Miguel Torga ou, de novo, Natércia Freire. Sensível a esta leitura que poderia quase estender-se para aí ver laivos de uma contida subversão, o antologador de *Corpo da Pátria*, Pinharanda Gomes, sublinhava, no prefácio político à antologia, a união de tão diversos escritores, estética e politicamente falando, em torno da mesma causa – a defesa da integridade nacional. Daqui se excluíam naturalmente «[os] apátridas e [os] indiferentes [...] que só entendem Portugal como nesga de terra vã à beira deste mar» (Gomes, 1971: 17). Não se tratava de facto de nenhuma subversão emergente – como seriam os poemas de Manuel Alegre, Assis Pacheco ou José Bação Leal, que naturalmente não estavam nesta antologia por se tratar de «apátridas ou indiferentes» – mas em alguns destes poemas tornava-se claramente visível a ambiguidade dos tempos que se viviam.

No pós-25 de Abril esta poesia sobrevive não tanto na defesa da guerra mas na nostalgia esvaziada pelo império perdido e na acusação explícita dos «traidores» que «venderam» Portugal, como aparece explicitamente por exemplo na poesia de António Manuel Couto Viana e outros poetas. Hoje, metamorfoseada na memória da guerra, esta poesia de fraca densidade poética sobrevive nos meios mais conservadores, nos cantos de publicações militares ou de revistas mais ou menos desconhecidas ou ainda em pequenas edições de autor ou, de maneira geral, de pequenas editoras. Nesta poesia, a acusação formal da traição surgida no pós-25 de Abril é substituída por um discurso de saudade da terra africana e dos africanos e de uma saudade da história gloriosa de Portugal, apelando a ideais antigos de patriotismo, nacionalismo ou honra, mais ou menos retóricos e esvaziados ou como que exclusivos de um certo grupo de portugueses. Esta reelaboração retórica do império e do tempo da guerra pretende por vezes ter uma vocação pedagógica para as gerações futuras, outras vezes uma função agressiva relativamente a um pretenso e designado grupo de «culpados», mas ela não é mais do que a expressão às avessas de uma culpa que não se quer/sabe assumir por um eu poético cuja realidade trágica é saber que

ficou sem lugar, ou que lutou numa guerra sem razão. O grau do tema retórico é, sem dúvida, o grau de expressão da culpa. E assim, refugiado numa retórica esvaziada, incessantemente repetida como se pela repetição os seus símbolos voltassem a encher-se de conteúdo, o eu poético desfalece em estilhaços pela consciencialização trágica da sua condição póstuma.

• Tempo três: Requiem pela guerra – Três vozes da Guerra Colonial

Logo em 1963, pela voz poética estreante de Fernando Assis Pacheco em *Cuidar dos Vivos*, a partir dos matos de Namuangongo surgem dois dos primeiros poemas de denúncia da guerra em Angola editados em livro. A estes viriam juntar-se *Poesias e Cartas*, de José Bação Leal, publicadas postumamente em 1966 e 1971, *Praça da Canção* (1965) e *O Canto e as Armas* (1967), de Manuel Alegre, *Cau Kiên: Um resumo* (1972) e *Viagens na Minha Guerra* (1972), também de Assis Pacheco, *Três Natais* (1967), de José Correia Tavares, entre alguns outros. Poemas-notícias que quebravam o tempo de silêncio e colocavam sob suspeita o Portugal sonâmbulo de Salazar, revelando uma realidade povoada de «miséria», «pedaços», «corpos», «cadáveres», «minas» e mostrando «outras verdades» sobre as virtudes de a «tropa fazer dos jovens uns homens», sobre a nação pluricontinental e plurirracial, sobre os «enfeitados selvagens a soldo do comunismo», sobre os políticos de Lisboa, sobre o silêncio que se fazia sobre a palavra «guerra».

O tempo era de silêncio e eram várias as deslocações simbólicas e temporais utilizadas pelos poetas, transferindo as imagens da Guerra Colonial ora para outros momentos da história de Portugal – como na relação entre o desastre de Alcácer Quibir e os terrenos da Guerra Colonial que a poesia de Frey Ioannes Garabatus e de Manuel Alegre sustentam – ora para outras geografias – como é o caso das aproximações sugeridas entre o conflito que Portugal e as suas colónias viviam e Hiroxima ou Vietname, não só dadas pelas antologias organizadas por Manuel Simões e Carlos Loures, mas também nos poemas de Assis Pacheco, Egito Gonçalves, António Rebor-

dão Navarro e outros poetas. Como denominador comum destas sugestivas deslocações impõe-se a imagem de fim, seja na memória colectiva portuguesa, com evocação do episódio de Alcácer Quibir, onde se escreveu um epitáfio à nação portuguesa imperial, seja na memória colectiva do Ocidente, com a evocação de Hiroxima ou Vietname, onde o mundo escreveu os limites de uma violência física e psíquica. Parecia assim ficar sugerido por estas aproximações já não o pressentimento do naufrágio da pátria – que só uma poesia nacionalista retórica de reinvenção imperial sustentava –, mas a certeza iminente de um naufrágio pessoal e colectivo, como privadamente anunciava Assis Pacheco a seu pai: «é por estes matos que tudo foge. A guerra perdeu a medida» (1996: 50). Esta poesia de tom anti-situacionista, anticolonialista e intervencionista, escrita e publicada nos limiares da clandestinidade ou em edições de autor com tiragens pequeníssimas e frequentemente apreendidas pela PIDE, não só não subcrevia as visões do centro como as interrogava e punha em causa, a partir da experiência vivida na periferia imperial em guerra.

São relevantes, para uma apreciação da poesia da Guerra Colonial como um todo, as mensagens dos três primeiros poetas que referimos, cujas poesias e cartas marcaram de forma distinta o testemunho desta guerra na literatura portuguesa anterior ao 25 de Abril de 1974: José Bação Leal, enviado em Novembro de 1964 para Moçambique, onde viria a falecer num acidente, tornando-se a sua voz no símbolo de uma geração «habitada pela mesma ferida» e sacrificada numa guerra sem sentido; Assis Pacheco e Manuel Alegre, unidos por várias vicissitudes da vida e da poesia. Mas enquanto nas cartas e poemas de José Bação Leal e na poesia de Assis Pacheco o tom intimista e performativo do testemunho do poeta que roga «Por favor olha: onde estive, onde o capim passava do ombro, a morte passava, e a melancolia» (Pacheco, 1996: 49) ou do poeta que escreve «Sou neste momento um cadáver em fúria [...] Estou farto, farto, farto!» (Leal, 1971: 144 e 85) nos comprometem com as experiências das suas guerras, sem com isso

pretenderem apresentar-se como porta-vozes dos que passaram experiência semelhante – ainda que nos seus textos detecemos a denúncia de uma guerra sem sentido, como sublinhou Fernando J. B. Martinho (1995: 25), relativamente a Assis Pacheco – na poesia de Manuel Alegre encontramos um acentuado ritmo e sentido epopeico que dá voz a um sentimento colectivo de perdição de que o poeta se afirma portador. É, de certa forma, o sopro dos ventos de Alcácer Quibir, metáfora sobre a qual Manuel Alegre assenta a sua poesia, e a aragem do «plano abandonado» de todas as guerras, que podemos utilizar para caracterizar genericamente estas duas linhas poéticas, que encerram não tanto posições éticas e políticas distintas, mas sobretudo distintas funcionalidades morais e literárias, que entre si se entrecruzam e perpassam a literatura relativa a esta guerra.

Nas *Poesias e Cartas* de José Bação Leal, publicadas em 1966 e 1971, dá-se testemunho da experiência do jovem poeta como soldado involuntário da Guerra Colonial, desde Novembro de 1964, a bordo do Niassa rumo a Moçambique, até Setembro de 1965 no Norte de Moçambique, onde viria a falecer num trágico acidente. Nelas, não é tanto a dimensão geográfica do processo de desterritorialização inerente à ida para a guerra que perturba o poeta, mas a assustadora dimensão humana e política que esta desterritorialização assume num sentido imediato e retrospectivo. Assim, temos um novo território, África, como um espaço que o fascina, enquanto espaço natural e cultural, e lhe repugna enquanto construção colonialista visível na denúncia que o poeta faz da miséria e desprotecção das populações que nenhuma retórica política poderia ocultar; a África dos quartéis e da guerra e da profunda miséria humana que os povoa; e, finalmente, a consciência psíquica e física do que era Portugal perante tão vasto império e da distância a que Portugal, de onde vinha e para onde mandava notícias, estava de toda a realidade por si experienciada. «Aí deve-se ignorar o que se passa», «ficas também a saber» são frases que pautam as suas cartas e revelam uma vontade activa de dar testemunho sobre o que estava a acontecer em

África e a si mesmo e, ao fazê-lo, comprometer o seu leitor com a realidade revelada.

Pela agudeza e distinção da sua mensagem e pelo destino trágico do seu autor, este volume de *Poesias e Cartas* fez parte da mitologia dos homens que viveram na guerra este drama interior e o desencontro de si próprios, tornando-se os seus textos epígrafes de outros livros e poemas sobre a guerra, desde *Catalabanza, Quilolo e Volta* de Fernando Assis Pacheco ao romance de António S. Viana *A Primeira Coluna de Napainor*, publicado em 1994, que de forma diferente homenageia o poeta². «Sim: tentarei o canto, mesmo de gatas», dizia José Bação Leal na epígrafe escolhida por Assis Pacheco para o seu livro *Catalabanza, Quilolo e Volta*.

Fernando Assis Pacheco partiu para Angola no dia 25 de Abril de 1963 a bordo do Niassa, rumo a Nambuangongo. Ao longo dos meses em que esteve no aquartelamento de Nambuangongo foi enviando ao pai as suas impressões da guerra, da miséria humana, da solidão, da injustiça, fazendo assim dura prova da sua ausência e aliviando-se do drama que estava vivendo pela passagem do testemunho àquele que se tinha tornado o seu pai-confessor. Quando Assis Pacheco partiu para a guerra tinha deixado a seu pai o seu primeiro livro de poemas, *Cuidar dos Vivos*, que viria a ser publicado como livro de estreia da colecção «Cancioneiro Vértice», em 1963. Nele se revela uma poesia marcada pelo gosto pela vida e a vivência da paixão e do amor, com que se filtra os dissabores e se ilumina as sombras da vida, preenchendo assim o lado solar da realidade. Mas há um lado lunar da existência que vai invadindo a juventude e o amor que neste livro se celebra, e que se revela nos poemas como uma «sombra» que pairava sobre a vida destes jovens, ligada a uma atmosfera de bloqueamento triste e de violência. A finalizar *Cuidar dos Vivos* encontramos uma secção intitulada em *Musa Irregular* – publicação que reúne a obra completa de Assis Pacheco em 1991 – «Versos

2. Como informa o escritor, as citações atribuídas ao personagem Fernando são extractos de *Cartas*, de José Bação Leal.

que o Autor Mandou de Nambuanguo ao Editor». Na correspondência enviada ao pai, Assis Pacheco incluiu dois poemas, e o seu pai, que viria a financiar a primeira edição de *Cuidar dos Vivos*, colocou-os no final do livro sob o título inicial de «Nambuanguo, 1963», obedecendo assim ao compromisso epistolar original dos poemas e, porventura, esconjurando com o filho os fantasmas desse espaço de guerra que lhe trazia notícias de um filho «envenenado».

Estes eram alguns dos primeiros poemas sobre a Guerra Colonial enviados da frente de combate e em que se denunciava uma guerra absurda. Mas se os primeiros poemas da guerra foram escritos de jacto sob a vivência traumática do luto e da guerra no furor catártico da correspondência enviada ao pai, o mesmo não aconteceu com os poemas que integram o segundo livro, *Câu Kiên: Um Resumo*, publicado em 1972. Foram precisos nove anos para que o silêncio se tornasse matéria escrita, ou seja, para que o eu poético pudesse coincidir com uma experiência/memória autobiográfica de dor, morte, horror e guerra que o livro apresenta. *Câu Kiên: Um Resumo* é composto por um conjunto de poemas onde a nomenclatura vietnamita disfarça, habilmente, os matos angolanos em que a guerra se desenrolava. Esta analogia, desvendada em 1976 com a publicação de *Catalabanza, Quilolo e Volta* em que os topónimos e vocabulário vietnamita de *Câu Kiên: Um Resumo* são substituídos pelos originais angolanos, constituía uma forma geracional, como o poeta fazia questão de sublinhar, de falar de Angola falando do Vietname ou de Hiroxima. Disto são exemplo as já referidas colectâneas *Hiroxima* e *Vietname*, organizadas por Carlos Loures e Manuel Simões e publicadas, respectivamente, em 1967 e 1970, os poemas de Egito Gonçalves, «Vietnam» e «Também aqui Vietnam», «voltamos da guerra», de José Manuel Mendes e «Acróstico» de António Rebordão Navarro, publicados nesta antologia, *Vietname: Em Nome da Liberdade*, de Casimiro de Brito, publicada em 1967, a tradução para português de várias obras sobre o Vietname, diversos artigos da imprensa da época e o importante inquérito realizado por Cecil Woolf e John

Bagguley, *Vietname: os escritores tomam posição*, publicado em Portugal em 1968³, onde treze intelectuais portugueses depõem.

Catalabanza, Quilolo e Volta, datado de 1972, na colectânea *A Musa Irregular* (1991 e 1996), indo assim ao encontro da sua data moral, pode ser lido como uma longa conversa-testemunho entre o poeta e o seu pai-pátria, sobre o que era aquela guerra, a sua falta de virtude e heroísmo e o estado em que deixava os homens. O tom coloquial, a estrutura narrativa dos poemas e o pendor narrativo que os interliga, a presença de pronomes de 2.^a pessoa ao longo do tecido textual e mesmo a explícita intervenção interrogativa de uma 2.^a pessoa ao longo de um poema reforçam esta ideia, convertendo assim aquilo que seria um testemunho monologante num implícito diálogo.

O primeiro poema – «E Havia Outono?» – é porventura um dos mais belos textos que se escreveu sobre a Guerra Colonial e nele se condensam uma série de marcas de distinção da poesia desta colectânea, tanto do ponto de vista estrutural como temático. O poema em si constitui-se como resposta à pergunta que o seu título encerra – «E Havia Outono?» –, pergunta que, aliás, percorre muitos dos livros de regresso da guerra, feita, ou imaginariamente feita, por metropolitanos a Assis Pacheco e a tantos outros aquando dos seus regressos de África⁴. A partir dela desencadeia-se o testemunho-resposta do que de facto havia em África e que pouco tinha a ver com as retóricas oficiais que os interlocutores porventura conheciam. Desta forma, o tom dialógico em que o poema se constrói reafirma ao mesmo tempo a eficiência desta poesia enquanto testemunho e contribui para que o poema se erga como uma vio-

3. Neste livro, 269 escritores e intelectuais tomaram posição, entre os quais treze portugueses. A obra original, sob o título *Authors Take Sides on Vietnam*, saiu em Londres, em 1967.

4. «Que tal aquilo em África?», questionou o Olavo como se acabasse de o ver há cinco minutos, no mesmo tom casual com que perguntaria Como anda o trânsito na Baixa? [...] – Morre-se, respondeu cautelosamente [...] Morre-se tanto, acrescentou ressentido, que julguei que se não lembrassem do rapaz: cheguei há quase três semanas, pá» (Antunes, 1989: 50).

lenta denúncia desse império imaginado, feita num tom em que, sob o filtro de uma vivência individual dilacerante, se dá expressão a um sentimento colectivo de estilhaçamento e morte numa guerra eufemisticamente designada como uma «acção de soberania e civilização».

Ao longo dos poemas de *Catalabanza, Quilolo e Volta*, Assis Pacheco vai respondendo com actualização pormenorizada a diferentes modalizações da pergunta inicialmente feita no poema que desencadeou a lembrança da guerra na memória do poeta, impelindo-o para a narração. Responde ao destinatário interveniente em «Nambuanguo em Maio», que demanda histórias da guerra:

*Então cheguei
e eram casas
de madeira, roupa
secando sua lama
no arame em volta (...)
(mas conta, conta até ao fim) [...]
e eram (repete:) casas,
(repete:) morros, cães, [...]
cercando a igreja branca
(das quais?).*

(Pacheco, 1996: 42-43)

E se em «E Havia Outono?» Lisboa era o espaço referencial, em «Dembo», segunda secção do livro, mergulhamos no mapa de uma geografia angolana que é a geografia toponímica, temporal, emocional e imagística da guerra: Balacende, Zala, Catalabanza, Quilolo, Quijinga e Nambuanguo são os espaços que preenchem o imaginário português e angolano desta guerra e títulos de alguns dos poemas que vão desfilarão à frente dos nossos olhos de leitores, como fotografias que vão dando rosto ao que antes só tinha um nome e projectando o percurso do poeta ao longo de uma paisagem monótona e sufocante: aquartelamentos miseráveis, morros enigmáticos, picadas onde espreita a morte, casas de adobe, arame far-

pado, populações mais ou menos miseráveis e um punhado de homens jovens que, com o poeta, tenta literalmente, sem heroísmos ou fantasias, sobreviver. As coordenadas paisagísticas a que um discurso descritivo e algo repetitivo nos habitua revelam antes uma paisagem interior que filtra todos os elementos exteriores mostrando sempre por detrás da paisagem como «Depois do capim, depois da poeira [...] / a imagem terna deste rosto em pedaços» (Pacheco, 1996: 52) ou, por outras palavras, a cor do medo, da angústia e da morte.

Em contraponto a este tom melancólico que perpassa os poemas deste livro, temos um outro tom, sabiamente irónico, parodístico e auto-irónico que, com uma destreza verbal que lembra Drummond e a atitude de um Cesariny ou de um O'Neill, impede o poeta de endoidecer de solidão e desespero. Assim, no poema, ao mesmo tempo que se interroga e se desassossega o discurso oficial, vai-se desconstruindo por dentro o estado de mentira em que se vivia, seja em termos de retórica discursiva, seja nos gestos quotidianos de burocratização e ocultação da guerra, seja ainda na nomeação objectiva dos locais da guerra, ao inscrever, desde o seu primeiro livro, Nambuanguo na sua poesia.

Ao longo da poesia de guerra de Fernando Assis Pacheco a mensagem pronunciada enuncia a mentira que se vivia no país e revela a condição trágica do poeta enquanto elemento desgraçadamente activo na referida mentira, como explicitamente surge no poema «Por Estes Matos». Neste poema, como em muitos outros do poeta, assistimos à denúncia da mentira da guerra, ecoando o que o malgrado poeta inglês da Primeira Grande Guerra, Wilfred Owen, designou como «The old Lie: Dulce et decorum est / Pro patria mori» (1983: 140) e que é, na verdade, a «old lie» de todas as guerras. A guerra é, na poesia de Fernando Assis Pacheco, a destruição do humano até à sua forma mais íntima e o movimento a ela implícito representa uma regressão na humanidade.

Neste tempo em que as *Viagens na Minha Terra*, propostas por Garrett no seu fecundo «pronunciamento», se transformaram nas estéreis *Viagens na Minha Guerra*, como escreve Assis

Pacheco em 1972, o regresso do guerreiro da Alcácer Quibir de hoje é o retorno de um fantasma, que em «existência líquida de cadáver atento» (Leal, 1971: 155) ficaria algures num barco entre Angola e Portugal, nem morto nem vivo – como é próprio dos fantasmas – e por isso impossível de fazer viver e impossível de matar.

Outro foi o percurso poético e pessoal de Manuel Alegre, a quem Assis Pacheco diria do meio das *Viagens na Minha Guerra* que «É por estes matos que foge a canção» (1996: 49), evocando assim o poeta e amigo que em 1965 o tinha colocado em *Praça da Canção* depois de ler *Cuidar dos Vivos* e que iria ser o portador da voz da «canção» de uma juventude que rejeitava a guerra. A voz poética de Manuel Alegre surge, desde *Praça da Canção* (1965), como a voz de um «Camões em Restelo», clamando por um outro Portugal que não o que lhe é veiculado pela mitologia salazarista e perspectivando este «tempo triste» num redimensionamento do tempo da história de Portugal, contada sob o olhar daqueles cujas histórias não vêm na História: o Manuelinho de Évora, o Pedro-Soldado, o José, a Linda, o João-que-foi-à-Índia, a Rapariga-do-País-de-Abril que compõem a «galeria de heróis» de *Praça da Canção*, são, como sublinhou Mário Sacramento (1975: 6), símbolos de uma gesta popular que não vinha na história contada pelos historiadores, tal como não vinha na história do Portugal de 1965 a gesta dos anticolonialistas, dos antifascistas, dos exilados e de todos aqueles que sonhavam trocar este tempo de «versos tristes» «sem barcos ideias» por um «verso marinheiro» que trouxesse um tempo novo, onde se projectava o espaço utópico da epopeia prometida. Desta forma expressamente subversiva, o discurso de Manuel Alegre vai tecendo aquilo a que o autor chamou uma «epopeia moderna», em que a crónica do passado e a crónica do presente aparecem fundidas como vários tempos de um só tempo, compondo o pano de fundo de uma certa «tensão dialéctica» entre uma epopeia do visto, do sentido, do vivido e do sofrido e as vivências colectivas que compõem a História (Alegre, 1981: 18). Neste singular espaço de resistência, em que o discurso poético nasce de uma rela-

ção simbólica entre o discurso político e o discurso histórico, Manuel Alegre constrói um discurso de portugalidade alternativo, dando assim as fundações históricas e políticas para um genuíno processo revolucionário, chamando toda a sua geração à luta contra o novo Alcácer Quibir que se alevantava nos matos africanos e contra a «noite que invadia os homens do país».

Numa linha próxima de Assis Pacheco, em *Praça da Canção* temos a denúncia da guerra como o prolongamento desmedido e monstruoso do «país triste» de Salazar e a inscrição de Nambuangongo como o lugar símbolo de uma vivência colectiva de morte física e espiritual. Mas enquanto em Assis Pacheco o nome de Nambuangongo é inscrito numa geografia íntima, em Manuel Alegre temos abertamente a presença de um sentido moral colectivo em que o poeta é o porta-voz da nação e a sua consciência dolorosa, manifestada em toda a secção intitulada «Nambuangongo Meu Amor» e, em particular, no poema que lhe deu o título. Neste poema – ao invés da corrente geracional que utilizava ora o exemplo de Hiroxima, ora o do Vietname para, sub-repticiamente, falar de Angola – Manuel Alegre utiliza o poderoso eco moral e textual de Hiroxima para falar abertamente da guerra em Angola, construindo uma espécie de «Hiroxima moral» portuguesa, como lhe chamou Eduardo Lourenço, cujo nome é Nambuangongo (Lourenço, 1999: 37).

Em *O Canto e as Armas*, de 1967, o canto eleva a sua voz: alarga-se a temática, sobe de tom a revolta, afirma-se a voz do poeta como a voz da nação, num completo e apelativo convite à exorcização do país em «inho» pela acentuação da referencialidade histórica, mítica e intertextual que nos traz as imagens de uma nação infielmente traída, fazendo deste livro um momento único de revisitação da «Fé e do Império» e simultaneamente um manifesto contra o silêncio e o «naufrágio no presente da velha barca de nove séculos» (Lourenço, 1999: 36). Como Camões, o poeta de *O Canto e as Armas* situa a sua «epopeia» num tempo de impasse, veiculado ora pela imagem sebástica do nevoeiro pessoano, ora pela imagem garrettiana

da pátria-Penélope, que em si contém a esperança de um novo tempo que se levanta. Como Camões, Manuel Alegre oferece o seu canto aos seus contemporâneos, para que com ele preencham o esvaziado tempo presente que, como o tempo camoniano, na leitura de Helder Macedo (1998: 125), «passa lento» e se revelem capazes de cumprir o «novo atrevimento» a que os poemas apelam, mostrando-se assim aptos a rumar a um novo tempo que acabe com o silêncio e «a noite dentro dos homens do meu país», com as partidas para França, com os *Lusíadas Exilados*, com os homens morrendo nos campos de Nambuangongo/Alcácer Quibir, e assim se revelando merecedores da *História* com um *H maiúsculo*, que foi a que nos fez como nação. As armas de hoje não são as armas do modelo virgiliano, nem as armas que Camões pede aos «excelentes vassalos» para empunharem contra a «vã cobiça» que invadira o reino. Este é o tempo dos poetas-soldados armados com a palavra, e o campo de batalha, onde Manuel Alegre coloca o seu *poemarma*, está manchado de sangue e de morte⁵. Como sublinhou Eduardo Lourenço, «para não assistir “à morte do Rei” escreveu Manuel Alegre a epopeia por defeito de *O Canto e as Armas*» (1999: 42), onde o poeta evoca não só «as colunas que partiam de madrugada» para os terrenos de Quipedro / Nambuangongo / Alcácer Quibir, mas também os mesmos barcos que Fiana Hasse Pais Brandão via partir do cais, cheios de «homens e armas» (repare-se na semelhança das palavras usadas pelos dois poetas), as partidas para emigração e para o exílio, as mulheres que ficavam à espera no cais e todo um conjunto de situações que compunham a contra-epopeia portuguesa dos anos 60. Desta forma, Manuel Alegre denunciava a falsa epopeia que era a Guerra Colonial.

Assinalando a desmesura individual e colectiva do tempo português de então, assinalando claramente o «inimigo» – «Alcácer Quibir és tu Lisboa», assinalando que era possível uma outra vida, como propõe em «Letra para um Hino» desta cru-

5. Sobre a poesia de Manuel Alegre como uma poesia de resistência, ver Clara Rocha, 1984.

zada –, a poesia de Manuel Alegre vai ao encontro de uma luta sem fronteiras que tem por meta a liberdade e a dignidade humana contra todos os totalitarismos e formas de opressão. Neste aspecto, a luta do povo português pela liberdade encontra-se com a luta dos povos colonizados em busca da sua libertação cuja voz aflora alguns dos poemas. Não se travestindo de africano, que não é nem pretende ser, Manuel Alegre reconhece o lugar do Outro, ou «talvez o nosso rosto», como diz, falando de Pepetela ou de Amílcar Cabral (Alegre, 1991, 1995).

Mais do que dar testemunho de uma experiência de guerra que leva os «meninos de sua mãe» e de os chorar num impossível enterro, como em «Canção com Lágrimas», a poesia de Manuel Alegre põe a claro não só a desintegração de uma identidade pessoal mas toda a fragmentação inerente à imagem nacional oficial de Portugal e do seu império, que em África se vai descobrindo esvaziada. A sua obra, marcada à evidência por um tempo histórico que era o seu, é a mais forte reacção da sua geração a um regime que se tinha apropriado politicamente do nacionalismo, desvirtuando a tradição nacional, e a mais consistente aposta de luta contra a prepotência e a decadência. Não só pelas razões políticas evidentes que, à data, este discurso contemplava, mas sobretudo pela maneira ética em que essas mesmas razões foram convertidas em razões estéticas, a poesia de Manuel Alegre faz parte da memória de uma geração que com ele partiu a bordo desse imenso barco fantasma e que com ele imaginou um outro «barco de regresso a Ítaca», onde uma pátria-Penélope os aguardava para um novo tempo.

Se no discurso poético de Assis Pacheco ou na correspondência de José Bação Leal a fórmula «a guerra perdeu a medida» é perspectivada numa dimensão pessoal, em que assistimos ao esfacelamento do ser num intenso testemunho da guerra vivida, sem utopias de redenção, na poesia de Manuel Alegre ela é vivida na sua dimensão colectiva e nacional, como um espaço simultaneamente síntese de todas as marginalidades criadas pelo Estado Novo e de despoletamento

inevitável da luta por um espaço português alternativo em que a utopia política nacional se abre como espaço de redenção. Embora todos os discursos se situem num tom dialógico que vem dar notícias e desinquietar, o discurso de Assis Pacheco compromete-nos com o testemunho do poeta, enquanto o de Manuel Alegre, pela interpelação directa que dirige e pelo ritmo melódico em que é pronunciado, sabiamente lírico, épico, elegíaco e intervencionista, exigiu, àquelas que o leram e ouviram na época, uma resposta. Daí que tantos dos seus poemas tenham sido musicados e façam hoje parte da memória poética e musical de uma geração «habitada pela mesma ferida», uma geração em luta contra a Guerra Colonial.

Une-os a todos essa mesma ferida, ou seja, a guerra («que passa para os ossos e não sai», como dizia Fernando Assis Pacheco), que povoa e regressa sempre ao longo das suas obras poéticas, como são exemplos os poemas «Desversos», de Fernando Assis Pacheco, escrito mais de trinta anos depois da guerra e pouco tempo antes do falecimento do poeta, ou «Ainda», recentemente escrito por Manuel Alegre, no âmbito da publicação dos seus poemas da Guerra Colonial num livro sob o título emblemático a vários títulos de *Nambuangongo meu Amor* (2008).

• Tempo quatro: A dimensão performativa do canto na poesia da Guerra Colonial

Não foi objectivo inicial deste projecto recolher e estudar o importantíssimo manancial de canções a que a Guerra Colonial deu origem, seja na sua vertente de canto de intervenção, de canção popular, rock, hinos ou cancioneros de guerra. Todavia, no decorrer da investigação percebemos o seu imenso valor tangencial à produção da poesia da guerra. Daí a necessidade que se impôs do seu registo e do estudo do valor poético e político desta poesia que, pela sua qualidade e pela sua dimensão performativa, atingiu um enorme público, pertencendo hoje à memória colectiva portuguesa da Guerra Colonial.

Qual foi então o sentido de considerar esta produção cultural no âmbito da memória poética da Guerra Colonial? Ou melhor, será que podemos traçar elos entre a construção de uma memória cultural, e sobretudo pública, e estas produções culturais que combinam algo de muito tradicional – uma tendência para a composição poética que muitas vezes valoriza um manancial folclórico e subjectividades líricas, um gosto para a expressão em verso – com uma forma própria da cultura de consumo (a canção, a trilha musical em voga), que serve como vector da criação? Como já afirmámos no âmbito de uma discussão mais ampla, encontrámos nestas canções e cancioneros, que nasceram no âmago da Guerra Colonial, uma vasta dimensão cultural, que projecta a memória poética no âmbito dos quadros sociais da memória colectiva. São várias as gerações de portugueses para quem, por exemplo, ouvir o hino «Angola, é nossa» tem um significado emocional e quase visual imediato. Imagens como o cais, as despedidas, a chegada a África, a guerra, o amigo que se deixou para trás, a namorada, a mulher, a mãe impõem-se entre a emoção, a revolta ou a saudade, gerando uma memória comunitária que assimila a experiência singular e irredutível da dor. O mesmo se passa com algumas canções de intervenção cantadas por Adriano Correia de Oliveira, Zeca Afonso, as canções de José Mário Branco, como a célebre «Ronda do Soldadinho», Luís Cília, Tino Flores ou Sérgio Godinho, que no exílio construíram a canção de luta contra a guerra, a falta de liberdade e todas as formas de opressão e assim denunciaram, também na Europa, a violência da Guerra Colonial; ou, quase que por aparente oposição, com o enorme arquivo de cancioneros militares de que o exemplo mais conhecido e mediatizado é o «Cancioneiro do Niassa»; ou, finalmente, com a reactivação de canções ligadas à memória da Primeira Grande Guerra, que, pelo seu conteúdo bélico e o seu apelo à paz num mundo de guerra, adquiriram novo significado no contexto da Guerra Colonial, como é o caso do poema de Fernando Pessoa «O Menino de sua Mãe», cantado por cantores tão diversos como Dário de Barros ou Luís Cília, «Menina dos Olhos Tristes»

ou ainda «Receita para fazer um Herói», ambos de Reinaldo Ferreira e anteriores à Guerra Colonial. A reactivação destes poemas, agora musicados, torna-se particularmente interessante pelas situações repetidas que evocam – o menino de sua mãe que jaz morto e arrefece traz o tópico da guerra como um fenómeno que desfaz a obra de maternidade e elege a figura da *mater dolorosa* como um símbolo de apelo à paz no interior da guerra; e a menina «dos olhos tristes» que espera no cais o soldado que não volta do outro lado do mar –, gerando tópicos que fazem parte de todas as guerras e que consolidam uma memória comunitária.

Nas suas várias formas, mais eruditas ou mais populares, mais de música ligeira ou de fado, o heterogéneo arquivo poético-musical que conseguimos recolher representa a forma de poesia da Guerra Colonial que melhor conjuga e activa as relações antigas entre poesia, canto e memória e aquela que mais emoção partilhada e partilhável causa na memória individual e na memória colectiva portuguesa da Guerra Colonial. Nessa medida, e apesar de esta pesquisa não estar inicialmente contemplada no projecto, foi decidido que a investigação tinha de ser empreendida e os resultados provaram bem a importância da sua realização e a inclusão seleccionada destes textos no projecto editorial da *Antologia da Memória Poética da Guerra Colonial*.

Nesta poesia cantada por gerações de jovens com vidas ceifadas pela guerra, no interior das academias, das fábricas ou das aldeias, na distância e abandono do exílio, no mato ou nos quartéis onde também os soldados entoavam estas letras, trauteavam estas músicas – muitas vezes também utilizadas em espectáculos improvisados por grupos de soldados que, sendo músicos, e no âmbito da legislação *Alerta já*, passavam o seu tempo de guerra em missões de entretenimento das tropas cantando para os colegas soldados – estava também a semente da denúncia e da indignação. Apesar da vigilância e da censura, a par das canções e dos êxitos da época, ia-se também cantando Zeca Afonso ou Adriano Correia de Oliveira, José Mário Branco ou Luís Cília, e assim também se ia

denunciando e questionando a guerra. Escritas tantas vezes por quem viveu a experiência da guerra ou por quem estava na «outra guerra» – a da deserção e do exílio –, esta poesia estava investida de uma função de denúncia, desta situação trágica e humanamente devastadora, de alerta contra o esquecimento, e de revolta contra quem, tendo o poder de terminar a guerra, a continuava para dela tirar os dividendos políticos que eram, acima de tudo, a manutenção do próprio regime. De uma forma ou de outra, trata-se de textos que, no momento de conflito e pela sua dimensão performativa e colectiva, obrigavam a repensar a guerra em que se estava envolvido. Hoje levam-nos a reflectir sobre a importância da memória da guerra, enquanto espaço de criação e preservação de liberdade e cidadania. Textos como «A Bola», de Jonas Negalha, cantado por Luís Cília, que traz a terrível denúncia da violência do massacre, constitui um dos mais fortes e violentos poemas da Guerra Colonial; ou «Fotos do Fogo», de Sérgio Godinho, que colocava o problema de como contar a história (e que história contar) às gerações futuras, a partir de um álbum de fotografias de guerra; «Romance de Pedro Soldado», de Manuel Alegre, cantado por Adriano Correia de Oliveira, que evoca a partida dos soldados para esta e para todas as guerras da história de Portugal («Já lá vai Pedro soldado / Num barco da nossa armada / E leva o nome bordado / Num saco cheio de nada / Triste vai Pedro soldado» (Alegre, 1999: 120-121), mas também os mais populares «Lenda de Nambuanguo», de José Cid, ou «Lá longe onde o sol castiga mais», de Paco Bandeira, são textos que obrigavam e obrigam ainda hoje quem ouve a questionar a Guerra Colonial e, a partir dela, a legitimidade de qualquer guerra.

Este foi aliás o lastro que as gerações futuras – nomeadamente a geração dos cantores de rock dos anos 80 – apanharam da Guerra Colonial, evocando-a nas suas letras, não só para dar uma palavra de conforto e reconhecimento à geração dos seus pais, mas também para, a partir desta experiência, defender a paz e afirmar a objecção de consciência que então se discutia. Canções como «Aquele inverno», dos Delfins, «O

Trolha da Areosa», de Rui Veloso, ou «Aerograma», dos Trovante, evocam a experiência da Guerra Colonial para reclamar a paz e o pacifismo como ideologia e como opção de cidadania.

De certo modo, a partir de uma vertente cultural, também estas canções exercem uma luta contra o esquecimento, integram uma memória poética do que foi, e do que é, a Guerra Colonial. Reconfiguram-se assim as relações entre trauma e memória colectiva, mediadas por imagens e formas poéticas, que podem ser reactivadas inclusive na sequência de contextos históricos variados. Aliás, esta sequência, noutras circunstâncias, mas sempre marcadas por traumas e perdas, foi denominada pelo historiador de arte alemão Aby Warburg «património de sofrimento»⁶ da humanidade.

Se assim for, na imaginação da memória poética da Guerra Colonial, no seu ditado lírico, de versos improvisados ou meticolosamente criados, é possível detectar rastros de um arquivo da dor que procura, às vezes com êxito outras vezes não, tornar-se dizível, ou pelo menos intenção de dizer. É este património de sofrimento que a leitura da poesia da Guerra Colonial tenta expor e valorizar, sobretudo pela contribuição que a sua reinscrição pode oferecer à construção de uma futura memória pública partilhada. Uma memória comum que se capta entrelaçando as múltiplas vozes e tonalidades que surgem aqui, dos versos desta antologia. Uma memória, portanto, que já está concreta e potencialmente presente e que se pode agora ouvir, inclusive em seus silêncios e vazios, nos versos aqui reunidos.

Margarida Calafate Ribeiro e Roberto Vecchi

6. Sobre o conceito de Warburg de *Gedächtnis als Leidenschaft*, ver Aleida Assmann, 2002: 411.

Referências bibliográficas

- Alegre, Manuel (1981), «Atlântico” ou as Sete Partidas duma Geração», *Jornal de Letras*, 28 de Abril, p. 18.
- Alegre, Manuel (1991), «O Outro Lado da Alma», *Jornal de Letras*, 22 de Junho, p. XXXI.
- Alegre, Manuel (1995), «Muana Puó: Ou Talvez o Nosso Rosto», *Jornal de Letras*, 29 de Março, pp. 19-20.
- Alegre, Manuel (1999), *Obra Poética*, Lisboa: Dom Quixote.
- Antunes, António Lobo (1989), *Fado Alexandrino*, Lisboa: Dom Quixote.
- Assmann, Aleida (2002), *Ricordare. Forme e mutamenti della memoria culturale*, Bologna: il Mulino. Versão original: Assmann, Aleida (1999), *Erinnerungsräume: Formen und Wandlungen des kulturellen Gedächtnisses*, München: Beck.
- Assmann, Jan (1997), *La memoria culturale: scrittura, ricordo e identità politica nelle grandi civiltà antiche*, Torino: Einaudi. Versão original: Assmann, Jan (1992), *Das kulturelle Gedächtnis: Schrift, Erinnerung und politische Identität in frühen Hochkulturen*, München: Beck.
- Barreno, Maria Isabel; Horta, Maria Teresa; Costa, Maria Velho da (1974), *Novas Cartas Portuguesas*, Lisboa: Editorial Futura.
- Cruz, Gastão (2009), *Os Poemas*, Lisboa: Assírio & Alvim.
- Fussell, Paul (1975), *The Great War and Modern Memory*, London: Oxford University Press.
- Gomes, Pinharanda (org.) (1971), *O Corpo da Pátria: Antologia Poética sobre a Guerra no Ultramar 1961-1971*, Braga: Pax.
- Halbwachs, Maurice (1968), *La mémoire collective*, Paris: Presses Universitaires de France (2.ª edição).
- Jorge, Luiza Neto (1961), «Quarta Dimensão», in *Poesia 61*, Faro.
- Leal, José Bação (1971), *Poesias e Cartas*, Porto: Tipografia Vale Formoso.
- Lourenço, Eduardo (1982), *O Labirinto da Saudade*, Lisboa: Dom Quixote.
- Lourenço, Eduardo (1999), «Manuel Alegre ou a Nostalgia da Epopeia», in Manuel Alegre, *Obra Poética*, Lisboa: Dom Quixote, pp. 31-44.

- Macedo, Helder (1998), *Viagens do Olhar: Retrospecção, Visão e Projeção no Renascimento Português*, Porto: Campo das Letras (com Fernando Gil).
- Martinho, Fernando J. B. (1995), «A confissão e a guerra: uma leitura de *Catalabanza, Quilolo e Volta*, de Fernando Assis Pacheco», in Manuel Simões; Roberto Vecchi (org.), *Dalle Armi ai Garofani: studi sulla letteratura della Guerra Coloniale*, Roma: Bulzoni Editore, pp. 21-28.
- Martins, Fernando Cabral (2000), *O Trabalho das Imagens*, Lisboa: Aríon.
- Owen, Wilfred (1983), *The Complete Poems and Fragments*, London: Chatto & Windus, The Hogarth Press and Oxford University Press (org. Jon Stallworthy).
- Pacheco, Fernando Assis (1996), *A Musa Irregular*, Porto: Asa (1.^a edição, 1991).
- Pollak, Michael (1989), «Memória, Esquecimento, Silêncio», *Estudos Históricos*, 2(3), 3-15.
- Rocha, Clara (1984), «A Poesia de Manuel Alegre no Contexto Cultural Português», in AAVV, *Afecto às Letras: Homenagem da Literatura Portuguesa Contemporânea a Jacinto do Prado Coelho*, Lisboa: INCM, pp. 110-118.
- Sacramento, Mário de (1975), «Sal e Trevo: Um Sentido Fulgurante de Epopeia», in Manuel Alegre, *Praça da Canção*, Coimbra: Centelha, pp. 11-20.
- Silveira, Jorge Fernandes da (1986), *Portugal Maio de Poesia 61*, Lisboa: INCM.
- Viana, António S. (1994), *A Primeira Coluna de Napainor*, Lisboa: Caminho.
- Woolf, Cecil; Bagguley, John (1968), *Vietname: Os Escritores Tomam Posição*, Lisboa: Ulisseia.

Notas biográficas

Notas biográficas

A. M. Pires Cabral (N. Chacim, Macedo de Cavaleiros, 1941)

Poeta, ficcionista. Licenciado em Filologia Germânica pela Universidade de Coimbra, foi professor do ensino secundário e de escolas técnicas. A par de uma intensa colaboração cultural na cidade de Vila Real, colabora na imprensa e publica ficção, poesia, teatro e crónica. Estreou-se em poesia com *Algures a Nordeste* (1974). Tem mais de 40 títulos publicados e a sua obra poética encontra-se reunida em *Antes que o Rio Seque: Poesia Reunida* (2006).

Álamo Oliveira (N. Terceira, Açores, 1945)

Poeta, ficcionista, dramaturgo, cronista. Estudou no Seminário de Angra do Heroísmo. Cumpriu o serviço militar na Guiné, e essa experiência está presente no romance *Até Hoje – Memória de Cão* (1986). Dirigiu os suplementos literários *Quarto Crescente* e *Vento Norte*, do jornal *União*. É autor e encenador de peças de teatro, tem várias obras de ficção e poesia. Destacam-se as antologias *Triste vida leva a garça* (1984) e *o meu coração é assim* (2003), com excertos de todos os géneros a que se dedicou.

Alberto Martins Rodrigues (N. Paul, Covilhã, 1950 – m. 1986)

Escritor, poeta, agente cultural. Cumpriu serviço militar em Angola, onde estava quando se deu o 25 de Abril. Trabalhou como jornalista e tem colaboração em diversos jornais e revistas, de onde se destaca *Diário de Luanda*, *Jornal de África*, *Quinzena*, *Jornal do Centro*, *Jornal de Notícias da Covilhã*, *Diário Popular*, *S. L. de Minas Gerais*. Pertenceu ao Movimento de Intervenção Cultural/Edições Mic. Da sua poesia destaca-se *Eu Nunca Quis estar Aqui ou Fazer estes Poemas*

(1974) ou *O Nosso Amor Não se Prende a Olhos nem a Cabelos, de Angola à Reforma Agrária Passando por Antigamente* (1976).

Alberto Pimenta (N. Porto, 1937)

Poeta, ensaísta, performer, professor universitário. Licenciado em Filologia Germânica pela Universidade de Coimbra. Entre 1960 e 1977 foi leitor na universidade de Heidelberg, na Alemanha. Colaborador de várias revistas literárias alemãs, italianas e portuguesas. Em 1970 publica *Labirintodonte*, inserindo-se na tendência de poesia experimental e, nos anos 80, *Bestiário Lusitano* (1980) e *Read and Mad* (1984). Têm grande parte da sua obra coligida em *Obra Quase Incompleta* (1990).

Alexandre Marta (N. Almeida, 1950)

Professor, poeta, ficcionista. Foi mobilizado para a Guerra Colonial em Angola, de 1971 a 1973, como alferes miliciano. Licenciou-se em Educação Física. Foi professor no Instituto Militar dos Pupilos do Exército de 1978 a 1983, passando depois para a rede escolar civil. É capitão do Exército na situação de reforma. Sobre a sua experiência na Guerra Colonial publicou *A Arma* (2000). Da sua obra destaca-se *Quatro Estações* (2008) e *Em Jeito de Amor e de Fúria* (2010).

Alexandre O'Neill (N. Lisboa, 1924 – m. Lisboa, 1986)

Poeta, cronista. Frequentou a Escola Náutica e posteriormente seguiu a carreira de publicitário. Foi um dos fundadores do Grupo Surrealista de Lisboa, em 1947. Estreou-se em poesia com *A Ampola Milagrosa* (1948). A sua poesia encontra-se reunida no volume *Poesias Completas: 1951-1986* (1995).

Ana Hatherly (N. Porto, 1929)

Poeta, ficcionista, ensaísta, pintora, cineasta. Licenciada em Filologia Germânica pela Universidade de Lisboa, doutorada em Estudos Hispânicos pela Universidade da Califórnia, foi professora catedrática Universidade Nova de Lisboa. É das primeiras poetisas portuguesas a fazer poesia concreta e foi fundadora, com E. M. de Melo e Castro, do movimento da Poesia Experimental Portu-

guesa. De entre as suas obras destaca-se *Poesia: 1958-1978* (1979) e a recolha *463 Tisanas* (2006).

Angelino Pereira (N. Novelas, Penafiel, 1947)

Escritor, técnico de prevenção e segurança. Cumpriu o serviço militar como radiotelegrafista, em Angola, 1969 a 1971. Em 1975 fixou-se em Guimarães e iniciou o curso Geral de Electricidade, Complementar de Electrotécnica. Mais tarde licenciou-se em Segurança, Higiene e Saúde no Trabalho. Tem colaborado em várias publicações periódicas, como *Combatente*, *Poetas & Trovadores*, *Voz de Guimarães* e *Notícias de Penafiel*. Para além de poemas dispersos, sobre a Guerra Colonial escreveu *Nostalgia entre Angola e o «Puto»* (2000).

António Calvino (N. Aldeia Nova de São Bento, 1943)

Militar e poeta. Em 1965 integrou o Curso de Oficial Miliciano, em Mafra. Fez duas comissões na Guerra Colonial, como alferes de Infantaria (1966) e na 4.^a Companhia de Comandos (1968), tendo sido ferido nesta última. Publicou *Trinta Facadas de Raiva* (1975), *Uma Força na Picada* (1976) e, em co-autoria, *Gritos de Guerra* (1980). Mantém colaboração regular com o *Jornal Elo* da ADF. Participou no movimento clandestino dos deficientes (1972). Foi sócio fundador da ADF, em 1974.

António Gedeão (N. Lisboa, 1906 – m. Lisboa, 1997)

Poeta e pedagogo. Pseudónimo de Rómulo de Carvalho. Licenciou-se em Ciências Físico-Químicas e foi professor do ensino secundário. Autor de livros didácticos e de divulgação científica. A sua revelação como poeta dá-se aos 50 anos com a publicação de *Movimento Perpétuo* (1956). A sua obra poética encontra-se reunida em *Poesias Completas* (1964), *Poemas Póstumos* (1983) e *Novos Poemas Póstumos* (1990). Alguns dos seus poemas tornaram-se muito divulgados pela via musical.

António Inácio C. Nogueira (Coimbra, 1943)

Poeta, ficcionista, ensaísta, professor do ensino secundário e superior. Licenciado em Ciências Físico-Químicas pela Universidade de

Coimbra, Mestre em Educação, Universidade do Minho, e Doutor em Sociologia Militar, Universidade Fernando Pessoa. Cumpriu o serviço militar em Angola e Guiné, entre 1970 e 1974. É autor de vários livros, sendo dois sobre a Guerra Colonial: *Olhares de Guerra de Um Capitão de Proveta* (1999) e *Cavaleiros do Maiombe* (2004).

António Manuel Couto Viana (N. Viana do Castelo, 1923 – m. Lisboa, 2010)

Poeta, dramaturgo, ensaísta, memorialista, tradutor. Desde cedo se interessou pelo teatro, tendo colaborado no Teatro Estúdio do Salitre, Teatro de Ensaio do Teatro Monumental, Teatro do Gerifalto, Companhia Nacional de Teatro. Foi co-director de *Távola Redonda* (1950-1954) e de *Graal* (1956-1957), e fez parte do conselho de redacção de *Tempo Presente*, entre 1959 e 1961. Estreou-se em poesia com *O Avestruz Lírico* (1948) e a sua obra encontra-se reunida em *Uma Vez Uma Voz, Poesia Completa: 1948-1983* (1985) e nos dois volumes *60 Anos de Poesia* (2004).

António Manuel Lopes Dias (N. Malange, Angola, 1944)

Poeta, dirigente na Segurança Social. Licenciado em Direito, Universidade de Coimbra, em 1968. Cumpriu o serviço militar a partir de 1969, em Mafra, passando depois a dar recruta, pelo que não foi à Guerra Colonial. Passou à disponibilidade em 1973. Foi, por parte da Organização Internacional de Trabalho, chefe de Projecto da implementação do Sistema de Segurança Social em Moçambique, de 1989 até 1993. Têm colaboração dispersa na revista *Vértice* e participou nos *Poemas Livres*. De entre a sua obra poética destaca-se *País Ignorado* (1973) e *Sobre Escritos* (2005).

António Modesto Navarro (N. Vila Flor, 1942)

Poeta, ficcionista. Cumpriu o serviço militar como fuzileiro naval de 1963 a 1967, em Moçambique. Regressado a Portugal, dedicou-se à publicidade e, em 1975 ingressou no quadro do Ministério da Cultura, onde foi técnico superior principal. A sua actividade literária inicia-se com o livro de contos, *Libelo Acusatório* (1968). Colabora regularmente em várias publicações periódicas. De entre as suas obras, destacam-se os contos de *História do Soldado que*

não foi Condecorado, (1972), o livro de poemas *Ir à Terra* (1972) e o romance *Ir à Guerra* (1975).

António Murteira (N. São Mamede do Alentejo, 1947)

Escritor, engenheiro, político. Foi mobilizado para Moçambique, como alferes miliciano, de 1969 a 1971. Participou na Revolução do 25 de Abril de 1974 e na luta pela Reforma Agrária. Foi deputado do PCP na Assembleia da República, de 1983 e 1991. Da sua obra destaca-se *Azul e Branco e Ocre* (1998), *Dias Felizes* (2002), *Adeus, Azules* (2002) e *Até Amanhã* (2010), todos eles livros em que passa a experiência da guerra e da África colonial.

António Policarpo (N. Ovar, 1944)

Músico, empresário. Entre 1965 e 1967, cumpriu o serviço militar em Moçambique. Ainda em Moçambique foi chefe da secção de pessoal da Empresa Moçambicana de Malhas, em Chimoio. Foi guitarrista e vocalista do *Conjunto Oliveira Muge* e é o autor do tema *Mãe*, que se tornou, na época da Guerra Colonial extremamente popular entre os soldados.

António Rebordão Navarro (N. Porto, 1933)

Poeta, ficcionista, crítico literário, cronista e advogado. Licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra. Foi um dos fundadores dos fascículos de poesia *Notícias do Bloqueio* (1953-62). A sua poesia encontra-se reunida em *A Condição Reflexa* (1989). Está representado em várias antologias e tem publicação dispersa por diversos jornais e revistas. É autor dos romances *Um Infinito Silêncio* (1970) e *Mesopotâmia* (1982).

António Salvado (N. Castelo Branco, 1936)

Poeta e ensaísta. Licenciado em Filologia Românica, Universidade de Lisboa, foi professor do ensino secundário em Lisboa, Luanda e Castelo Branco. Director-conservador do Museu Francisco Tavares Proença Júnior e docente da Escola Superior de Educação em Castelo Branco. Entre 1957-59 fez parte da organização das *Folhas de Poesia* e a sua primeira obra, *Flor e a Noite*, é de 1955. É um dos primeiros autores a referir-se, em poesia, à Guerra Colonial.

Tem a sua obra poética reunida em três volumes: *Obra I, Obra II* (1997) e *Obra III* (1999).

António Sengo (Elvas, 1951 – Cacém, 1981)

Poeta, professor. Foi mobilizado para a Guiné, onde esteve como alferes, entre 1973 e 1974, regressando a Portugal com o 25 de Abril. Em 1980 concluiu a licenciatura em História, na Universidade de Lisboa. Sobre a sua experiência na Guerra Colonial publicou o livro de poemas *Resistir na Escuridão com a Poesia* (1979), e deixou ainda *Viver* (1980).

António Veríssimo (N. Montijo, 1947)

Poeta, agricultor. Concluiu a 4.^a classe e começou a trabalhar na lavoura. Foi mobilizado para a Guiné, de 1968 a 1970. Em 2002 publicou o seu primeiro livro de poesia popular, *Estrada da Vida*. De destacar ainda *Lince de Có* (2003), que o autor dedicou a todos os soldados que perderam a vida na Guerra Colonial, e *Diversos* (2004), onde refere também a experiência da guerra.

Armor Pires Mota (N. Oiã, Oliveira do Bairro, 1939)

Poeta, ficcionista, jornalista. Em 1963 foi mobilizado para a Guiné. Essa experiência marcará os livros *Baga-Baga: Poemas da Guiné*, (1968), *Tarrafo: Diário de Um Soldado* (1965) ou *Guiné Sol e Sangue* (1968), bem como poemas dispersos pelo resto da sua obra. Tem colaboração dispersa por várias publicações e assumiu a direcção do *Jornal da Bairrada*.

Artur Lucena (N. Lamego, 1949)

Poeta, editor, bancário. De 1970 a 1974 cumpriu serviço militar na Marinha, tendo sido mobilizado para a Guiné, o que, por imperativos da função que exercia, não se concretizou. De 1977 a 1980 foi director cultural do Ateneu Comercial de Lisboa. Fundou e dirigiu a revista de letras e artes *Sillex*, o jornal *Varandim*, as revistas *Loures Social* e *LouresmgazineOdivelas*, que ainda hoje dirige. Das suas publicações destaca-se *Silêncios e Gritos* (1976), *Quando as Lágrimas Sangram* (1977), *Concerto para um Amanhecer* (1979) e *Piano d'água* (1982).

Augusto Guerra (N. Marinha Grande, 1948)

Poeta, técnico de desenho, formador em escolas profissionais. Terminou o Curso Industrial na Escola Industrial e Comercial da Marinha Grande, em 1966. Cumpriu o serviço militar em Angola, de 1970 a 1972. Actualmente está reformado. Publicou o livro de poemas *Do Objectivo à Dramatização do Tempo: Poemas* (1992).

Barroso da Fonte (N. Codeçoso, Montalegre, 1939)

Poeta, ficcionista, jornalista. Em 1966 entrou para o Curso de Oficiais Milicianos em Mafra e foi mobilizado para Angola de 1967 a 1969. Em 1981 licenciou-se em Filosofia, Universidade de Braga, e em 1997 completou o mestrado, na mesma universidade. O seu nome surge associado à fundação e direcção de *Sentinela: Jornal dos Combatentes do Ultramar* e *A voz do Combatente*. Publicou *Trinta Anos de Poeta* (1995), onde reuniu uma selecção de poemas das suas várias obras.

Boaventura Rodrigues da Silva (N. Touvedo, Ponte da Barca, 1950)

Poeta, motorista, vigilante, vendedor. Aos dezoito anos obteve o curso de socorrista, na Cruz Vermelha. Cumpriu o serviço militar, em Angola. Iniciou a sua actividade de escrita com pequenos artigos para a rádio do Hospital Militar. Colaborou em *Aerograma*, revista da Associação dos Ex-Combatentes de Vila do Conde, bem como noutras publicações periódicas da região. O seu primeiro livro de poemas foi *Eco dos Sedimentos* (2007) e publicou ainda *Antes que Anoiteça* (2008).

Caetano Carrinho (N. Vidigueira, 1941)

Escritor, desenhador técnico. Cumpriu serviço militar na Guiné, onde esteve em duas comissões, como furriel, de 1961 a 1965. Fez ainda uma terceira comissão em Angola, de 1968 a 1970 como 2.º Sargento. Tem colaboração dispersa por várias publicações periódicas como *Combatente* e *Jornal do Exército*. Actualmente encontra-se reformado. É autor de *Portugal Monárquico – a História em Verso* (1994) e *Encanto, Desencanto, Gargalhada e Dor* (1995).

Caldeira Gonçalves (N. Malpica do Tejo, Castelo Branco, 1940)

Poeta, empregado de escritório, empresário. Em 1961 foi mobilizado para Angola, onde esteve de 1962 a 1965, como furriel. Após o seu regresso trabalhou como empregado de escritório, tornando-se, mais tarde, empresário. Tem poemas publicados no opúsculo *Colectânea de Poemas de J M Caldeira* (1999) e no livro *399 Cavaleiros de Cavalaria – Memórias de um Batalhão* (2006), de Mário Lima.

Carlos Eurico da Costa (N. Viana do Castelo, 1928 – m. Lisboa, 1998)

Poeta, artista plástico, jornalista, relações públicas. Na década de quarenta, com Mário Cesariny, António Maria Lisboa e Cruzeiro Seixas foi um dos fundadores do Grupo Surrealista português. Participou como artista plástico, na Primeira Exposição dos Surrealistas. Tem colaboração dispersa em várias publicações periódicas. Da sua obra destaca-se *A Fulminante Imagem* (1968) e *Cidade de Palaguim* (1979). A Fundação Dr. António Cupertino de Miranda lançou o livro *Carlos Eurico da Costa: Obra Plástica* (2004).

Carlos Filipe (N. Lisboa, 1931)

Poeta, fotógrafo, electricista. Carlos Filipe é o pseudónimo de Manuel da Cruz Nascimento. Trabalhou na Central Tejo, cumprindo aí o serviço militar, antes do início da Guerra Colonial. Foi funcionário da Kodac, da EDP e dos Serviços Municipalizados de Águas e Saneamento de Oeiras e da Amadora. Tem colaboração dispersa em várias antologias e publicações periódicas.

Carlos Loures (N. Lisboa, 1937)

Poeta e ficcionista. Licenciado pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Dirigiu a revista *Pirâmide*, onde publicaram muitos surrealistas, entre 1958 e 1960. Entre 1964 e 1966 dirigiu a secção crítica de poesia do suplemento literário do *Jornal de Notícias* do Porto. Em 1967 publicou *A Voz e o Sangue*, que foi apreendido pela polícia política. A experiência de prisão que se seguiu repercutiu-se no romance *Talvez um Grito* (1985). Em 1970 publicou *A Poesia Deve Ser Feita por Todos*, que foi também apreendido. Com Manuel Simões, publicou as antologias *Hiroxima* (1967), *Vietname* (1970) e *Poemabril* (1984).

Carlos Ramalho (N. Porto, 1941 – m. Guimarães, 2006)

Poeta, conselheiro de orientação profissional, director de recursos humanos. Licenciado em Filosofia pela Universidade de Lisboa. Foi alferes miliciano na Guiné. Foi conselheiro de orientação profissional no Centro de Emprego de Chaves. Mais tarde criou uma empresa na área da formação e dos recursos humanos. Em 1977 publicou o seu único livro de poemas, *O Tempo é Feminino*.

Carlos Tê (N. Porto, 1955)

Poeta e compositor. Aos 14 anos integrou o grupo Expectro, que se dissolveu pouco depois devido à partida dos elementos mais velhos para a Guerra Colonial. Em 1975 conheceu Rui Veloso e foi com este cantor que iniciou a expansão pelo rock em português da década de 80. Carlos Tê é o compositor principal de toda a discografia de Rui Veloso e colaborou com Trovante, Jáfumega, Gabriela Schaff e Clã. Colaborou em algumas revistas de poesia e é autor do romance *O Voo Melancólico do Melro* (1999) e do livro de poemas *Cimo da Vila* (2010), entre outros.

Carmo Vicente (N. Arganil, 1946)

Poeta, escritor, Sargento-Mor pára-queda. Fez três comissões na Guerra Colonial, entre Dezembro de 1966 e Abril de 1974. Colaborou no *Diário Popular* e no *Diário de Lisboa*, e mantém colaboração no jornal da ADFA, *Elo*. Sobre a sua experiência na Guerra Colonial publicou, em co-autoria com José da Silva e António Marques, *Era Uma Vez... Três Guerras em África* (1981) e, com Manuel Geraldo, Gabriel Raimundo e António Calvino, *Gritos de Guerra* (1980). É ainda autor dos romances *Laurenço* (1989), *Gadamael* (1982) e *As Várias Faces da Morte* (1987) e do livro de poemas *Grades de Novembro* (1979).

Casimiro de Brito (N. Loulé, 1938)

Poeta, ficcionista e ensaísta. Começou a publicar em 1957 e em 1961 participa com *Canto Adolescente em Poesia 61*. O volume *Ode & Ceia – Poesia 1955-1984* (1985) concentra o principal da sua obra produzida até então. Outras obras suas a destacar são: *Jardins de Guerra* (1966), *Subitamente o Silêncio* (1991) e o livro de contos *Um*

Certo País ao Sul (1975). Casimiro de Brito, entre outras funções é presidente da Assembleia Geral do P. E. N. Clube Português.

Celso Cruzeiro (N. S. Vicente de Lafões, 1945)

Poeta, advogado. É licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra, onde viveu de 1963 a 1969. Em 1968 fez parte da comissão Pró-Eleições. Fez parte da direcção da Associação Académica de Coimbra e colaborou nas publicações *O Badalo*, *Vértice* e *Capa e Batina*. Foi mobilizado para Guiné, em 1973, onde esteve nos serviços de justiça militar do Quartel-general em Bissau. Integrrou o MFA na Guiné. Publicou o livro de poesia *Afluentes de Abril* (1980) e *Coimbra 1969: A Crise Académica o Debate das Ideias e a Prática Ontem e Hoje* (1989).

César Oliveira (N. Oliveira do Hospital, 1941 – m. Lisboa, 1998)

Poeta, professor universitário, político. Em 1959 entrou para a Faculdade de Direito, em Coimbra, participou na campanha à Presidência de Humberto Delgado e na Crise Académica de 62. Expulso de Coimbra, matriculou-se em Filosofia, no Porto, mas em 1964 partiu para Angola. A partir dessa experiência publicou o livro de poemas *O Amor e a Guerra* (1969). Em 1986 tornou-se professor auxiliar do ISCTE, onde, em 1997, foi nomeado catedrático. Tem vasta obra publicada no âmbito da investigação histórica e, sobre o período conturbado da luta contra a ditadura e do pós-25 de Abril, publicou *Os Anos Decisivos: Portugal 1962-1985: Um Testemunho* (1993).

Cristóvão Aguiar (N. Pico da Pedra, S. Miguel, Açores, 1940)

Poeta e ensaísta, ficcionista, professor universitário. Licenciou-se em Filologia Germânica pela Universidade de Coimbra. Viveu a experiência da Guerra Colonial de 1965 a 1967, e contou-a em *Ciclone de Setembro* (1985) e *O Braço Tatuado* (1990). Para além da produção em prosa, o tema da Guerra Colonial integra o livro de poesia *O Pão da Palavra* (1977). Das suas obras destaca-se ainda *Relação de Bordo* (1999), *Trafega* (2003) e *A Tabuada do Tempo* (2007).

Deana Barroqueiro (N. Connecticut, EUA, 1945)

Poeta, ficcionista, professora. Filha de emigrantes portugueses, tem dupla nacionalidade e veio viver para Lisboa aos dois anos. Licenciou-se em Filologia Românica pela Universidade de Lisboa, em 1978. Fez parte do grupo de teatro da Faculdade, juntamente com Luís Miguel Cintra, Maria do Céu Guerra, Ermelinda Duarte e Eduarda Dionísio, entre outros. Das suas obras publicadas destaca-se *D. Sebastião e o Vidente* (2006).

Domingos Lobo (N. Nagesela, Santa Comba Dão, 1946)

Poeta, ficcionista, dramaturgo, ensaísta, jornalista. É licenciado em Animação Sócio-Cultural e Comunitária. Cumpriu o serviço militar em Angola, de 1968 a 1970. Fez jornalismo e crítica de teatro e cinema no jornal *ABC – Diário de Angola* e nos semanários *A Palavra*, *O Momento* e *Semana Ilustrada*. Foi chefe de redacção do *Jornal do Vale do Tejo*. Actualmente é programador cultural na Câmara Municipal de Benavente. Sobre a Guerra Colonial escreveu o romance *Os Navios Negreiros Não Sobem o Cuando* (2000) e os livros de contos *As Lágrimas dos Vivos* (2005) e *Território Inimigo* (2009).

Eduardo Guerra Carneiro (N. Chaves, 1942 – m. Lisboa, 2004)

Poeta e jornalista. Colaborou em vários jornais e revistas, escreveu argumentos, diálogos e outros textos para a televisão, cinema e rádio. Estreou-se em 1961, com *O Perfil da Estátua*, e da sua obra destaca-se *Isto Anda Tudo Ligado* (1970), *É Assim que se Faz a História* (1973), *Como Quem não Quer a Coisa* (1978) e *Contra a Corrente* (1988).

Eduardo Roseira (Porto, 1951)

Jornalista, poeta, agente da Polícia Judiciária de Moçambique, onde viveu de 1962 a 1974. Tirou o Curso Geral do Comércio, em 1968, na Beira e de 1972 a 1974 cumpriu o serviço militar em Moçambique como furriel. Publicou as obras de poesia *a colheita íntima* (2003) e *o sorriso de deus* (2005). Fundou e dirige, desde 2001, a publicação literária *Lavra... Boletim de Poesia*.

Egito Gonçalves (N. Matosinhos, 1920 – Porto, 2001)

Poeta, editor e tradutor. Depois de efectuar estudos técnicos no

Porto, iniciou a sua actividade literária durante o serviço militar em Ponta Delgada e publicou os seus primeiros livros em 1950. Ao longo dos anos 50 fundou e dirigiu inúmeras revistas, de onde se destaca *Notícias do Bloqueio* (1957-61). Participou em vários movimentos antifascistas, nomeadamente no Movimento de Unidade Democrática (MUD). A sua obra é extensa e a sua poesia encontra-se reunida em *O Amor Desagua em Delta* (1971), *Poemas Políticos* (1980), *Os Pássaros Mudam no Outono* (1981) e *O Pêndulo Afectivo: Antologia Poética* (1991).

Emanuel Félix (N. Angra do Heroísmo, 1936 – m. Angra do Heroísmo, 2004)

Poeta, ensaísta, contista, cronista e crítico literário e de artes plásticas. Iniciou os estudos nos Açores e frequentou várias instituições europeias, até se ter especializado em Arqueologia e História de Arte pela Universidade Católica de Lovaina. Foi professor da escola Superior de Tecnologia de Tomar. Fundou e foi co-director da revista *Gávea*. A sua obra poética está reunida em *A Viagem Possível: Poesia* (1984), que teve uma 2.ª edição refundida e actualizada em 1993.

Ermelinda Duarte (Maputo, Moçambique, 1946)

Actriz, cantora. Em 1965 concluiu a licenciatura em Filologia Germânica pela Universidade de Lisboa. Pertenceu ao Teatro Estúdio de Lisboa e ao Teatro Adóque. No pós 25 de Abril tornou-se bastante conhecida como cantora e compositora. Actualmente dedica-se à dobragem e direcção de dobragem de séries de televisão e filmes de longa-metragem.

Eusébio Cardoso Martins (N. Represa, Castelo Branco, 1944 – Lisboa, 1984)

Poeta e ficcionista. Publicou os seus primeiros trabalhos no «Suplemento Juvenil» do *Diário de Notícias*. Foi mobilizado para Angola, viveu em Luanda de 1967 a 1969 e aí publicou a sua primeira obra, *Quissange, Poema em 21 Andamentos* (1969). A sua expressão poética foi marcada pela dura realidade da guerra. Publicou também *Corpo de Delito* (1978).

Fernando Alvarenga (N. Ermesinde, Valongo, 1930 – m. Amarante, 2007) Poeta, professor e investigador de História da Arte e Estética da Arte. Iniciou os estudos no Porto e interrompeu-os em 1968, aquando da sua ida para Angola. Retomou os estudos na Universidade de Luanda, mas só viria a terminá-los no Porto, depois de 1975, ano em que regressou a Portugal. Desenvolveu actividade cultural no Huambo, sendo co-fundador do Grupo Literário Vector (1971), do Ateneu Literário e Artístico Idealeda (1972) e participou na direcção das Publicações Idealeda. A sua vivência em Angola e o contacto com o contexto da Guerra Colonial emerge na sua obra poética: *Poemas para a Distância Quebrada* (1966), *Vector 1* (et al.) (1971), *Vector 2* (et al.) (1972), *Hoje na Madrugada* (1972), *Meus Cantos de Ainda* (1985), *O Íris da Cinza* (1994).

Fernando Assis Pacheco (N. Coimbra, 1937 – m. Lisboa, 1995)

Poeta, ficcionista, jornalista e crítico literário. Licenciado em Filologia Germânica pela Universidade de Coimbra. Enquanto estudante foi redactor da revista *Vértice* e actor no TEUC e no CITAC. Em 1963 foi mobilizado para Angola, onde permaneceu até 1965. O tema do conflito permeou a sua obra, desde *Cuidar dos Vivos* (1963), seguindo-se *Câu Kiên: Um Resumo* (1972), onde o disfarce vietnamita permitiu falar da Guerra Colonial. Em 1976 esta obra foi editada sob o título original, *Catalabanza, Quilolo e Volta*. Ainda em 1972 publicou *Viagens na Minha Guerra*. Como ficcionista publicou em 1978 a novela *Walt* (1978), também sobre a experiência da guerra, tema que ressurgirá ao longo de toda a sua obra poética, compilada em *Musa Irregular* (1991), bem como no livro póstumo *Respiração Assistida* (1996).

Fernando Grade (N. Estoril, 1943)

Poeta, pintor, cronista, ficcionista, crítico de arte, jornalista e dinamizador cultural. Cumpriu serviço militar em Angola, de 1966 a 1968. Neste período foi crítico literário do *Jornal ABC – Diário de Angola*, tendo-lhe sido instaurado um processo disciplinar pelos seus escritos contra os colonos. Foi fundador, em 1976, do Movimento de Intervenção Cultural/Edições Mic e é seu presidente.

Foi vereador da Câmara Municipal de Cascais e pertenceu à direcção da Sociedade Nacional de Belas Artes. Da sua obra destaca-se *O Vinho dos Mortos* (1977), *Saudades de Ser Índio* (1981) e *Antologia 25 Anos de Poesia: 1962-1987* (1988).

Fernando Guedes (N. Porto, 1929)

Poeta, crítico de arte, editor. Em 1958 foi um dos fundadores da Editorial Verbo e tem assumido cargos de direcção em instituições ligadas ao mundo editorial. Foi um dos fundadores da *Távola Redonda*, dirigiu a revista *Tempo Presente* e foi colaborador da *Graal*. As suas obras de poesia foram compiladas em *Poesias escolhidas: 1948-68* (1968), e tem várias publicações sobre a história do livro, como *O Livro como Tema: História, Cultura, Indústria* (2001).

Fernando Pessoa (N. Lisboa, 1888 – m. Lisboa, 1935)

Poeta. Em 1895 partiu para Durban com a mãe. Regressou a Portugal em 1905, para seguir estudos superiores, que não concluiu. Trabalhou como empregado de escritório e a única obra que publicou em vida foi *Mensagem* (1935). Fez parte do movimento modernista português e é um dos fundadores da revista *Orpheu*. Foi publicando poesia em publicações periódicas, de que são exemplo *Orpheu*, *Athena*, *Contemporânea* e *Presença*. A sua obra começou por ser publicada na *Ática*, organizada por João Gaspar Simões, nos anos 40. É um dos grandes nomes da poesia de língua portuguesa de sempre.

Fiama Hasse Pais Brandão (N. Lisboa, 1938 – m. Lisboa, 2007)

Poeta, dramaturga, ficcionista, ensaísta e tradutora. Licenciada em Filologia Germânica pela Universidade de Lisboa. O seu nome está associado ao grupo *Poesia 61*, no âmbito do qual publicou *Morfismos* (1961). Com Gastão Cruz, foi uma das responsáveis pela *Antologia de Poesia Universitária* (1964). A sua poesia está traduzida em várias línguas e representada em várias antologias de poesia portuguesa. A sua obra poética encontra-se reunida em *Obra Breve* (1991).

Florêncio Silva (N. Quinchães, Fafe, 1951)

Poeta, perito judicial e especialista em várias áreas no domínio da arquitectura. Tirou o curso técnico-profissional na área de arquitectura em Fafe. Esteve nos Serviços de Comando-Chefe em Bissau de 1973 a 1974. Desenvolveu várias funções na área da imprensa regional, foi sócio fundador do jornal *Correio de Fafe* e da *Rádio Clube de Fafe*. É também sócio fundador da Associação dos Antigos Combatentes do Ultramar.

Francisco José Martins (N. Salgueiros, Vinhais, 1949)

Poeta, agricultor, pastor, comerciante. Concluiu o segundo ciclo do ensino básico. Campriu o serviço militar na Guiné, de 1971 a 1973. A sua experiência na guerra é um dos temas do livro *Sonetos Verdadeiros: Poesias Exemplares* (2003).

Gabriel Raimundo (Tortosendo, 1945)

Poeta, ficcionista, jornalista. Em 1961 concluiu o Curso Geral do Comércio. Trabalhou em Angola de 1962 a 1964. Em 1967 foi chamado a cumprir o serviço militar e optou por exilar-se em França. Em 1973 tentou voltar e foi detido em Espanha, tendo sido libertado em Maio de 1974. Foi jornalista profissional no *Jornal do Fundão*, *Diário*, *Portugal Cá & Lá*, *Voz di Povo* (Cabo Verde), entre outros. Na década de 90 foi assessor de imprensa da Câmara Municipal de Évora. Da sua obra destaca-se *Na Estranja* (1979) e *Construtores de Pontes Usinas e Maisons* (1981), em que refere a Guerra Colonial a par da emigração.

Gastão Cruz (N. Faro, 1941)

Poeta e ensaísta. A sua estreia poética está ligada a *Poesia 61*, onde publicou *A Morte Percutiva*. Foi professor do ensino secundário e, entre 1980 e 1986, leitor de Português no King's College, em Londres. A Guerra Colonial foi tema na sua obra, em *Outro Nome* (1965) e *As Aves* (1969). A sua poesia encontra-se compilada em *Poemas Reunidos* (1999) e, mais recentemente em *Os Poemas* (2009). A sua obra está traduzida em várias línguas.

Glória de Sant'Anna (N. Lisboa, 1925 – m. Ovar, 2009)

Poeta. Concluiu estudos no Colégio de Odivelas e foi para Moçambique em 1951, onde viveu até 1974. Foi professora do ensino secundário e colaborou em várias publicações periódicas moçambicanas, *Guardian*, *Itinerário*, *Diário de Moçambique*, *Notícias*, e no *Diário Popular*, de Lisboa. A vivência de Moçambique povoa a sua poesia, surgindo, na sua obra poética, *Amaranto* (1988), uma secção de poemas dedicados à Guerra Colonial.

Graça Patrão (Coimbra, 1948)

Poeta, professora, artista plástica. Licenciada em Filosofia, começou a dar aulas no ensino secundário em 1972. Em Coimbra, frequentou o «Círculo de Artes Plásticas» e participou numa exposição em 1964. O então marido foi mobilizado para a Guerra Colonial na Guiné, em 1972 e a autora acompanhou-o, indo dar aulas na Escola Industrial e Comercial de Bissau. Regressou a Portugal em 1974. Tem participado em exposições como artista plástica. Publicou o livro de poemas *Diálogo com o Ser* (2008).

Guilherme de Melo (N. Maputo, 1931)

Romancista, contista, poeta, jornalista. Em Moçambique, após conclusão dos estudos liceais, começou a trabalhar como jornalista profissional no *Notícias da Tarde* e no *Notícias* e colaborou em *Itinerário*, *Capricórnio*, *Paralelo 20*. Veio para Portugal, com a descolonização, e trabalhou no *Diário de Notícias* até se reformar, em 1997. Da sua obra destaca-se *A Sombra dos Dias* (1981), *Os Leões não Dormem esta Noite* (1989) ou *Como Um Rio Sem Pontes* (1992).

Gustavo Pimenta (N. Ponte de Lima, 1944)

Poeta, ficcionista, advogado, professor do ensino superior. Cumpriu o serviço militar na Guiné, de 1967 a 1969. Exerceu várias funções ligadas à área da informática. Licenciou-se em Direito, pela Universidade Livre do Porto, em 1986. Tem várias obras publicadas, destacando-se *sairòmeM – Guerra Colonial* (1999) e *Em Nome da Grei* (2003), ambas sobre a experiência militar.

Helena Paz (N. Lisboa, 1942)

Poeta, pintora. Tirou o curso de Contabilidade e Administração tendo exercido funções em organismos do Estado. Casou em 1965 e nesse mesmo ano o seu marido foi mobilizado para o norte de Moçambique, Metangula. Um ano após a partida do marido a autora foi para Lourenço Marques, onde viveu quatro anos. Participou em várias exposições colectivas e está contemplada em antologias. Publicou em 2010 o seu primeiro livro, *Poemas da Velha Casa*.

Hélia Correia (N. Lisboa, 1949)

Escritora, ficcionista, dramaturga, poeta, professora. É licenciada em Filologia Românica e foi professora de Português no ensino secundário. Embora as suas experiências literárias comecem como poeta, é como ficcionista que Hélia Correia é conhecida. De entre as suas obras destaca-se *Montedemo* (1983), *Soma* (1987), *A Casa Eterna* (1991), *Lillias Fraser* (2003), *Adoecer* (2010). Publicou o livro de poemas *A Pequena Morte/Esse Eterno Conto* (1986), em co-autoria com Jaime Rocha.

Henrique António Pedro (N. Mirandela, 1947)

Poeta, engenheiro, gestor, professor do ensino superior. Possui o curso de Artilharia da Academia Militar de Lisboa, o bacharelato em Matemática e a licenciatura em Engenharia Geográfica pela Universidade de Lisboa. Em 1973 cumpriu comissão em Moçambique e teve participação activa nos acontecimentos de 25 de Abril de 1974 e do 25 de Novembro de 1975. A sua experiência na Guerra Colonial está retratada no livro *Poemas da Guerra de Mím e de Outrem* (2001).

Henrique Segurado (N. Lisboa, 1930)

Poeta e jornalista. Frequentou a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Fez parte do grupo da *Távola Redonda*. Exerceu actividade como gestor de empresas jornalísticas, nomeadamente de *O Jornal* e colaborou em diversos jornais e outras publicações. Está representado em diversas antologias poéticas e da sua obra destaca-se *Ressentimento de um Sentimental* (1970). A sua poesia de 1969 a 1989 foi reunida em *Almocreve das Palavras* (2011).

Ivone Chinita (N. Grândola, 1949 – m. Badajoz, 1983)

Poeta, ficcionista, jornalista. Desenvolveu intensa actividade cultural, quer em Grândola, quer nos Açores. Aí participou, nos fins de 60 e inícios de 70, na criação das revistas *Sextante*, *Gávea* e *Degrau* e colaborou com *Glacial*. Em 1971 publicou o seu primeiro livro de poemas, *Digo Fome*. Colaborou nos suplementos juvenis de vários jornais e trabalhou em *A União*, *O Trabalhador* e *Diário Popular*.

J. H. Santos Barros (N. Angra do Heroísmo, 1946 – m. Badajoz, 1983)

Poeta, ensaísta e crítico. Fez parte da geração do suplemento *Glacial*, que surgiu na ilha Terceira, nos finais da década de 60. Os seus primeiros poemas surgem em jornais angrenses, a partir de 1964, e em pequenas publicações, como *Novíssima Poesia Açoriana*, *Aventura em Sete Poemas* ou *Canto de Abril*. Cumpriu o serviço militar em Angola de 1968 a 1971, época que marcará a sua obra. Das suas obras destacam-se *Os Alicates do Tempo* (1979), *S. Mateus*, *Outros Lugares e Nomes* (1981) e *O Lavrador de Ilhas – I* (1981).

Jaime Ferreri (N. Ponte da Barca, 1946)

Escritor, professor, encenador. Foi mobilizado para Moçambique em 1968, como oficial de minas e armadilhas. Foi atingido por uma mina anti-carro, pelo que esteve dois anos no Hospital Militar, em Lisboa. A experiência da guerra percorre os seus textos, e disso são exemplo *Fizeram de Mim Soldado* (1992), *Pecúlio* (2005) ou de *Crónicas (des)alinhadas* (2005).

João Apolinário (N. Belas, Sintra, 1924 – M. Portalegre, 1988)

Poeta, jornalista e crítico de teatro. Viveu em Paris até 1949 e de volta a Portugal radicou-se no norte do país. Foi um dos fundadores do Teatro Experimental do Porto. Esteve preso de 1955 a 1963, devido à sua oposição ao salazarismo. Em Dezembro de 1963 exilou-se em São Paulo onde se afirmou como crítico de teatro e editor de artes. Regressou a Portugal em Abril de 1975. Das suas obras de poesia destacam-se *Morse de Sangue* (1955), *Apátridas* (1975), *O Poeta Descalço* e *Amor fazer Amor* (1978).

João Conde da Veiga (N. Soure, 1935 – m. Vila do Conde, 2004)

Poeta, editor, jornalista. Licenciou-se na Faculdade de Direito de Coimbra, em 1967 e em 1999 doutorou-se em Sociologia pela Universidade de Salamanca. Enquanto estudante em Coimbra colaborou em publicações como *Cidadela* ou *Via Latina*. Em 1961 partiu para Angola, cumprindo aí o serviço militar. Foi professor na Escola Superior de Jornalismo do Porto e na Universidade Fernando Pessoa. Da sua obra destaca-se o livro de poemas *Plenilúnio* (1967).

João Miguel Fernandes Jorge (N. Bombarral, 1943)

Poeta, ficcionista, professor. Licenciado em Filosofia, foi professor do ensino secundário. O seu primeiro livro de poesia intitula-se *Sob sobre Voz* (1971) e marca uma ruptura relativamente à poesia portuguesa da década anterior. Faz parte do grupo de poetas dos anos 70 e a sua obra poética encontra-se reunida em *Obra Poética* (1987).

João Mattos e Silva (N. Lisboa, 1944)

Poeta, animador sócio-cultural e director bancário. Foi mobilizado para a Guiné, como oficial miliciano, entre 1968 e 1970, tendo exercido as funções de chefe dos Serviços de Imprensa do Comando Chefe das Forças Armadas. Têm colaboração em vários jornais. A sua obra poética está publicada em *Intemporal: Antologia* (2003).

João de Melo (N. Achadinha, S. Miguel, 1949)

Poeta, ficcionista, ensaísta, professor. Viveu a infância nos Açores e partiu aos 11 anos para Lisboa. Aos 18 anos, começou a publicar poesia, contos e crítica literária nos principais periódicos de Lisboa e dos Açores. Fez parte do movimento literário que se criou em torno de *Glacial*, suplemento literário do jornal *A União*. Em 1971 foi mobilizado para Angola, prestando serviço como furriel miliciano dos Serviços de Saúde, experiência vertida para os romances *A Memória de Ver Matar e Morrer* (1977) e *Autópsia de Um Mar de Ruínas* (1984) e para o livro de poemas *Navegação da Terra* (1980). Em 1981 licenciou-se em Filologia Românica pela Universidade de Lisboa. Foi professor do ensino secundário e Conse-

lheiro Cultural da Embaixada Portuguesa em Espanha. É o organizador da importante antologia, *Os Anos da Guerra*, (1988) e de uma vasta e reconhecida obra de ficção.

Joaquim Chito Rodrigues (N. Castelo Branco, 1935)

Licenciado em Ciências Militares pela Escola do Exército, em 1956. Possui doutoramento em Planeamento e Altos Estudos Militares pelo Exército do Brasil. Serviu o Exército em Portugal, em África (Angola), na América (Brasil), na Europa (NATO) e na Ásia (Macau). No âmbito civil desempenhou funções de Governador de Macau em exercício, e aí foi também Chefe do Estado-Maior e Comandante das Forças de Segurança. É presidente da Liga dos Combatentes. É autor dos livros de poemas *Segredos da Guerra e da Paz* (1999) e *Geração* (2002), onde aborda a Guerra Colonial, bem como de outras obras de carácter histórico-militar.

Joaquim Coelho (N. Penafiel, 1939)

Poeta, repórter, gestor de contabilidade. Tirou o Curso de guarda-livros no Instituto de Contabilidade do Porto. Frequentou a Academia Militar e os Estudos Gerais Universitários de Moçambique, entre 1965 e 1967 e a Universidade de Long Island, em Brookville (EUA). Cumpriu duas comissões militares, em Angola, de 1961 a 1963, e em Moçambique, de Janeiro 1966 a Março de 1968. Em 1973 viu ser censurado o seu livro *Tempo Presente: Poemas da Guerra e da Paz*, escrito durante as suas comissões em África. De entre as suas publicações destaca-se *O Despertar dos Combatentes: Fotos com Estórias em Angola* (2005).

Joaquim Ribeiro Simões (N. Oliveira do Hospital, 1924)

Poeta, ficcionista, ensaísta. Coronel de cavalaria. Em 1949, na Índia, foi expulso para a então metrópole, por se ter declarado a favor do general Norton de Matos, então candidato à presidência. Licenciou-se em Ciências Histórico-Filosóficas, pela Universidade de Lisboa, em 1962. Depois de duas comissões na Índia, esteve ainda na Guiné, de 1965 a 1967, e em Angola, de 1969 a 1971 e de 1973 a 1975. Foi professor do Colégio Militar durante oito anos. Colaborou com poesia, ensaios e crítica em várias publica-

ções. De entre as suas obras destaca-se *No Reino de Zacatraz* (1984), *Adeus Goa, Adeus Lisboa* (1986) e *Os Sinos de Bafatá* (1988).

Jorge de Sena (N. Lisboa, 1919 – m. Santa Bárbara, Califórnia, 1978)

Poeta, ficcionista, dramaturgo, crítico, tradutor, professor universitário. Concluiu o curso de Engenharia Civil em 1944, na Universidade do Porto. De 1948 a 1959 foi engenheiro da Junta Autónoma de Estradas. Inicia a sua actividade de poeta paralelamente à de crítico literário, e a sua primeira obra poética foi *Perseguição* (1942). Foi co-director de *Cadernos de Poesia*. Devido ao seu envolvimento em actividades de oposição ao fascismo, exilou-se no Brasil em 1959. Aí, em 1964 obteve o doutoramento e livre-docência em Literatura Portuguesa. Em 1967 transferiu-se para a Universidade de Madison, nos Estados Unidos, e em 1970, aceitou o convite da Universidade da Califórnia, em Santa Bárbara. A sua obra ensaística e ficcional é vasta e conhecida. A sua obra poética está reunida em *Poesia – I* (1961), *Poesia – II* (1978) e *Poesia – III* (1978).

Jorge Neto de Melo (N. Albufeira, 1951)

Jorge Neto de Melo é pseudónimo de Helder José Cabrita Simões Neto. Iniciou a sua actividade literária em 1971. Cumpriu comissão militar em Angola, na Tropa de Intervenção, entre 1972 e 1975. Colaborou em imprensa regional e nas colectâneas *Madrugada 3 e 4*. O seu primeiro livro foi *Retalhos do Infinito* (1984). *A Cor do Silêncio* (2001) e *Pomar de Pó e de Mar* (2005) foram já publicados com o último pseudónimo.

José António Gonçalves (N. Funchal, Madeira, 1954 – 2005)

Escritor e jornalista. Tornou-se jornalista profissional em 1971 no *Jornal da Madeira*. Em 1973 integrou o *Caderno de Poesia & Crítica: Movimento*. Fundou e dirigiu várias colecções literárias e foi agente cultural. O seu nome está contemplado em várias antologias nacionais e estrangeiras. A sua obra poética encontra-se reunida em *Tem o Poder da Água* (1996).

José Bação Leal (N. Lisboa, 1942 – m. Nampula, 1965)

Estudante na Universidade de Lisboa. Em 1964 foi chamado a

cumprir o serviço militar, em Moçambique, onde morreu aos 23 anos de idade, durante a Guerra Colonial. Os seus poemas e cartas, escritos quer antes da partida, quer já durante o conflito, são testemunho da sua oposição à guerra e estão publicados em *Poesias e Cartas* (1966 e 1971), obra publicada postumamente.

José Brás (N. Alenquer, 1943)

Escritor, comissário de bordo. Concluiu o Curso Complementar dos Liceus, em 1964. Cumpriu o serviço militar na Guiné entre 1965 e 1968. Entrou para a TAP como tripulante comercial em 1972. Reformou-se em 1997, fundou uma Escola de Pilotagem em Montemor-o-Novo e a Associação de Portuguesa de Aviação Ultra-leve. A partir da sua experiência na Guerra Colonial escreveu *Vindimas no Capim* (1986). Publicou ainda *Lugares de Passagem* (2010).

José Carlos Ary dos Santos (N. Lisboa, 1937 – m. Lisboa, 1984)

Poeta, técnico de publicidade, autor de letras. Estudou nas faculdades de Letras e Direito, Universidade de Lisboa, mas não concluiu nenhum dos cursos, decidindo dedicar-se à publicidade. Gravou discos como declamador, participou em inúmeros recitais e é autor de várias letras de músicas. Aderiu ao PCP, o que levou ao crescimento da militância política na sua obra. A sua obra poética está reunida, por selecção sua, em *20 Anos de Poesia* (1983). Ruben de Carvalho organizou o volume *As Palavras das Cantigas* (1997), com a sua produção enquanto autor de letras para músicas.

José Carlos de Vasconcelos (N. Freamunde, Paços de Ferreira, 1940)

Poeta, jornalista, ensaísta, advogado. Licenciou-se em Direito pela Universidade de Coimbra, onde foi um dos principais dirigentes do movimento associativo estudantil e actualmente faz parte do seu Conselho Geral. Foi colaborador de *Península*, *Poemas Livres* (Coimbra, 1962-68), *A Poesia Útil* (Coimbra, 1962), *O Tempo e o Modo*, *Vértice*, *Via Latina*, entre outras publicações. A partir de 1971 passou a exercer apenas advocacia e a sua actuação ganhou relevo na defesa de presos políticos, bem como de jornalistas e intelectuais, durante o regime ditatorial. Com o 25 de Abril tornou-se director-adjunto do *Diário de Notícias* (1974-1975), pertenceu à

direcção da RTP e de *O Jornal*. Foi fundador do *Jornal de Letras, Artes e Ideias* (1981), do qual é director. Estreou-se na poesia com *Canções para a Primavera* (1960), e da sua obra destaca-se ainda *De Poema em Riste* (1970) e *Poemas para a Revolução* (1975).

José Carlos Marques (N. Porto, 1945)

Poeta, professor do ensino secundário, tradutor, assessor editorial. Licenciado em Filosofia pela Faculdade de Letras do Porto. Em 1969, perante a iminência de ser mobilizado para a Guerra Colonial, saiu do país como refractário, e esteve em França e no Brasil, regressando a Portugal em Junho de 1974. Publicou, sob o nome literário de Aurélio Porto, toda a sua poesia, quase toda inédita ou de circulação restrita, com o título *Flor de Um Dia: Poesia Inédita Reunida* (2009).

José Cid (N. Chamusca do Ribatejo, 1942)

Intérprete, compositor, autor de letras. Enquanto estudante do liceu em Coimbra, integrou a sua primeira banda, os *Babies*, e depois o *Orfeão Académico de Coimbra*. Mudou-se para Lisboa e aí formou o grupo *Quarteto 1111*, com o qual editou o LP *Quarteto 1111* (1970), em que várias músicas se referiam à Guerra Colonial. Integrou, ainda na primeira metade da década de 70, os *Green Windows*. Compôs para festivais da canção, nacionais e internacionais, antes e depois do 25 de Abril. Da sua discografia destaca-se o LP *José Cid* (1989), *10 000 Anos Depois entre Vénus e Marte* (1978, 1998), *O Melhor de José Cid* (1990) e *Entre Margens* (1999).

José Correia Tavares (N. Castelo Branco, 1938)

Poeta. Em 1963 foi mobilizado para Angola. No regresso fixou-se em Lisboa e licenciou-se em Ciências Antropológicas e Etnológicas pela Universidade Técnica de Lisboa. Desenvolveu actividade jornalística, literária e artística na imprensa da Beira Baixa, coordenando páginas, suplementos e revistas, de onde se destaca *Sibila*, *Loreto 13* ou *O Escritor*. É um dos primeiros autores a abordar poeticamente a Guerra Colonial, que surge logo em *Três Natais* (1967), *O Natal dos Porcos* (2003), e ao longo da sua obra poética. Actualmente é vice-presidente da direcção da Associação Portuguesa de Escritores.

José da Conceição Nunes (N. Vila do Conde, 1934)

Escritor, electromecânico. Cumpriu o serviço militar entre 1955 e 1957 no Porto e depois na Academia Militar em Lisboa. Acabou por não ser mobilizado, mas viveu a incerteza da partida para Goa ou Macau. Pouco mais tarde viu partir amigos para a Guerra Colonial, o que o levou a escrever sobre o tema em revistas militares. Publicou *O meu Primeiro Livro* (2002) e *O meu Segundo Livro* (2003).

José do Carmo Francisco (Santa Catarina, Caldas da Rainha, 1951)

Poeta, ficcionista, jornalista. Frequentou o Instituto Comercial de Lisboa e o Instituto Britânico. De 1972 a 1975 cumpriu o serviço militar na Administração Militar do Hospital Militar de Évora. É juiz social no Tribunal de Menores desde 1993. É organizador de várias antologias. É redactor da revista *Ler*, *Gazeta das Caldas*, *A Voz de Alcobaca* e mantém uma crónica semanal na Antena 1 Açores. Da sua obra destaca-se *Iniciais* (1980) *Transporte Sentimental* (1987), *Leme de Luz* (1993) e *O Saco do Adeus: 40 poemas* (2003).

José Jorge Letria (N. Cascais, 1951)

Poeta, ficcionista, dramaturgo, ensaísta, jornalista. Foi redactor em diversos órgãos de imprensa diária, guionista, autor de programas de televisão e colaborou em diversas publicações da área cultural. Da sua produção poética destaca-se *Coração em Armas* (1977) a antologia poética *O Fantasma da Obra* (1993). Actualmente é presidente da Direcção da Sociedade Portuguesa de Autores.

José Maia (N. Montemor-o-Velho, 1950)

Poeta, empregado de escritório. Concluiu o Curso Geral do Comércio, em 1969, em Coimbra. Cumpriu o serviço militar na Guiné em 1972 onde foi gravemente ferido. É deficiente das Forças Armadas. Desempenhou cargos associativos na Associação dos Deficientes das Forças Armadas desde a sua fundação, em 1974, e foi presidente da Direcção da Delegação de Coimbra da mesma associação. É colaborador regular do jornal da associação, *Elo*.

José Manuel Mendes (N. Luanda, 1948)

Escritor, professor universitário. Licenciou-se em Direito, na Universidade de Coimbra, e actualmente faz parte do Conselho Cultural da mesma universidade. Colaborou em várias publicações das áreas jornalísticas e culturais e revelou-se como escritor com *Salgema* (1969), a que se seguiu *A Esperança Agredida* (1973), e *Limiar da Terra* (1983). Na ficção destaca-se o romance *Ombro, Armal* (1978), sobre a possível partida para a Guerra Colonial. A sua poesia encontra-se reunida nos volumes *Rosto Descontínuo* (1992) e *Setembro Outra Vez* (2003). Actualmente é Presidente da direcção da Associação Portuguesa de Escritores e director da revista *O Escritor*, da mesma associação.

José Manuel Parreira (N. Ermidas Sado, Santiago do Cacém, 1943)

Escritor, militar, metalúrgico. Entrou para os Fuzileiros em 1963 e cumpriu duas comissões, uma na Guiné e a segunda em Angola, onde foi ferido gravemente, em 1967. Trabalhou numa empresa de construção naval, de onde se reformou, por invalidez. Faz parte da Associação de Fuzileiros e colabora na revista *Desembarque*, no *Correio da Manhã* e na revista *Sábado*. É co-autor do livro *Fuzileiros Força de Elite* (2007).

José Maria dos Santos Silva (N. São Bartolomeu de Messines, 1946)

Empregado de escritório, bancário, técnico oficial de contas. É bacharel em contabilidade. Cumpriu o serviço militar em Angola, como alferes, de 1968 a 1971. Colabora regularmente em vários jornais da região sul.

José Mário Branco (N. Porto, 1942)

Compositor, cantor, letrista, director musical. Estudou no Conservatório de Música do Porto. Em 1962, quando frequentava o curso de História na Universidade de Coimbra foi preso pela PIDE, por estar envolvido na organização do movimento associativo dos liceus. Exilou-se em Paris, em 1963. Compôs e gravou as músicas «Ronda do Soldadinho» e «Mãos ao ar» (1969), em que denunciava a Guerra Colonial. Voltou a Portugal a 30 de Abril de 1974 e integrou o Grupo de Acção Cultural, GAC. Da sua disco-

grafia destaca-se *Mudam-se os Tempos, Mudam-se as Vontades* (1971, 1996), *Ser Solidário* (1982, 1996), *Canções Escolhidas: 1971-97* (1999) e *Resistir é Vencer* (2004).

José Medeiros (N. Vila Franca do Campo, ilha de São Miguel, 1951)
Realizador de televisão, músico, letrista, actor. Cumpriu o serviço militar em Angola de 1973 até 1975, o que haveria de marcar a sua obra musical e de realizador. Trabalhou para a RTP e, entre outros trabalhos, foi o realizador e o compositor das bandas sonoras de *Xailes Negros* (1986), e da série *Gente Feliz com Lágrimas* (2002), baseada no romance de João de Melo. Da sua discografia destaca-se *Cinefilias e Outras Incertezas* (1999) e *Torna Viagem* (2004).

José Neves (N. Santa Barbara de Nexe, 1939)
Poeta, empresário, engenheiro. José Neves é pseudónimo de Adolfo Pinto Contreiras. Cumprir o serviço militar em Angola, de 1961 a 1963. Em 1982 licenciou-se em Engenharia Electrotécnica no Instituto Superior Técnico. Sobre a sua experiência na guerra escreveu *Esquadrão 149: A Guerra e os Dias* (2003). É ainda autor de *Gorjeios* (2005) e tem colaboração em *Lanceiro*, *Diário do Sul* e *Notícias do Algarve*, que dirigiu.

José Niza (N. Lisboa, 1938)
Poeta, médico, escritor, compositor. Em 1956 foi para Coimbra estudar Medicina. Foi chamado a cumprir comissão militar em Angola, entre 1969 e 1971, vindo a publicar *Poemas de Guerra* (2008), sobre essa experiência. Durante esse período fez as músicas do disco de Adriano Correia de Oliveira, *Gente de Aqui e de Agora* (1971). Em 1971 tornou-se o director de produção da editora Orfeu onde produziu diversos trabalhos de cantores portugueses, como Fausto, Paulo de Carvalho, Vitorino, Zeca Afonso ou Adriano Correia de Oliveira. Foi director de programas e pertenceu ao Conselho de Administração da RTP.

José Pereira Ferreira da Silva (N. Vila do Conde, 1949)
Poeta, motorista de pesados. Tem a instrução primária, que concluiu em Vila do Conde. Foi chamado a cumprir o serviço militar

em Angola, de 1971 a 1973. Faz parte da Associação dos Ex-Combatentes de Vila do Conde e colabora com a revista *Aerograma*, dessa associação.

José Rogério Mineiro Carrola (N. Covilhã, 1947)
Poeta, professor universitário. Enquanto aluno do curso de Filosofia, foi chamado para o serviço militar, mas saiu do país em 1970. Regressou após o 25 de Abril, e terminou o curso de Filosofia. Doutorou-se em Ciências da Educação e foi professor do Instituto Piaget, de onde está aposentado. Sobre a guerra e a experiência do exílio escreveu *Quando a Memória Dói* (1977). Da sua obra poética destaca-se *Inverno* (1975), *A Oração de Filipa* (1998) e *Um Olhar no Joe's Bar* (2004).

José Rosa Sampaio (N. Monchique, 1949)
Professor, escritor. Licenciado em História, é investigador de história local e regional e tem publicado trabalhos nessas áreas. Tem colaboração dispersa em publicações periódicas. Foi mobilizado para Angola, entre 1971-1973. Dessa experiência surge o livro de poemas *O Vermelho do Capim* (1986).

José Valle de Figueiredo (N. Tondela, 1942)
Poeta e jornalista. Frequentou a Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, onde dirigiu o jornal *Combate*, nos anos 60. Foi redactor do semanário *Observador*, director da *Folha de Tondela*, colaborador de programas literários da antiga Emissora Nacional e fundou as Edições do Templo. A sua obra poética encontra-se reunida em *O Seu a Seu Poema: 1959-2002* (2006).

José Vultos Sequeira (Mora, Alentejo, 1944)
Poeta, ficcionista, padeiro, fumileiro. Possui a instrução primária, e assume-se como auto-didacta. Cumpriu o serviço militar na Guerra Colonial de 1966 a 1968. Dedicou-se à escrita e da sua obra destaca-se *A Lição das Coisas* (1980), literatura infantil, e *A Cor dos Olhos* (2000), poesia. Sobre a Guerra Colonial tem ainda o conto «À sombra das grandes árvores», publicado na antologia *Somos Nós* (2011). A sua obra poética está reunida em *O Homem da Fábrica* (2004).

Júlio Mira (N. Seixal, 1944)

Poeta e pintor; contabilista, assessor de fiscalidade. Em 1960 terminou o Curso Comercial, no Barreiro e em 1989 concluiu o Curso de Direito Fiscal, em Lisboa. Foi mobilizado para Angola como miliciano de 1967 a 1969. Reformado desde 2002, dedica-se à escrita e à pintura, sendo autor de diversas capas de livros. A partir da sua experiência na Guerra Colonial publicou *Éramos Todos Bons Rapazes* (2006). Publicou ainda o livro de poesia *Este Mar que Arde* (2003) e as colectâneas *Tempo Per Verso* (2003, 2004, 2007), com os poemas da tertúlia Sempre Acontece Poesia.

Laureano Carreira (N. Costa da Caparica, 1944)

Poeta, ensaísta, dramaturgo, professor universitário. Entre 1967 e 1969 cumpriu serviço militar em Angola, escrevendo aí os poemas que publicou em *Poemas do Tempo da Guerra* (1999). É doutorado em Letras pela Université de Paris III/Sorbonne, foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, professor na Educação Nacional Francesa. Criou em Paris, no início dos anos 80, o Théâtre de la Mer. De regresso a Portugal, foi professor na Universidade de Évora e continuou a sua actividade de escritor e encenador.

Liberto Cruz (N. Sintra, 1935)

Poeta, ensaísta, crítico literário e tradutor. Licenciou-se em Filologia Românica pela Universidade de Lisboa, em 1959, e foi professor do liceu. De 1967 a 1970 foi leitor na Universidade da Alta Bretanha, em Rennes, e depois «assistant associé» da mesma universidade. De regresso a Portugal, assumiu vários cargos ligados à cultura e colaborou, como crítico literário, em algumas publicações. *Jornal de Campanha: Diário* (1986) foi escrito entre Maio de 1962 e Janeiro de 1965, durante a sua mobilização em Angola. Da sua obra destaca-se ainda *Gramática Histórica* (1971) e *Caderno de Encargos* (1994).

Luís Cília (Huambo, Angola, 1943)

Compositor, cantor, letrista. Veio para Portugal em 1959, onde teve uma formação ligada à música. Em 1964, para fugir à Guerra

Colonial, exilou-se em Paris. Aí editou o seu primeiro fonograma *Portugal – Angola: Chants de Lutte* (1964), pela editora Chants du Monde. Foi compositor da banda sonora do filme *O Salto* (1967). Da sua produção em França destaca-se ainda a trilogia *La poésie portugaise de nos jours et de toujours* (1967, 1969, 1971). Regressou a Portugal após o 25 de Abril e a sua actividade esteve ligada à composição para cinema, televisão, teatro e publicidade.

Luís da Mota (N. Marco de Canaveses, 1941)

Poeta, ficcionista, engenheiro. Em 1962 terminou o curso de Engenharia Civil e Minas do actual Instituto Superior de Engenharia do Porto. Entre 1965 e 1968 cumpriu o serviço militar em Angola, como aspirante a oficial miliciano. Começou a escrever muito jovem, mas só em 1998 publicou o seu primeiro livro de poesia, *Cerco do Arame Farpado*, onde evoca a Guerra Colonial. A mesma temática surgirá também no romance *Rómulo: Nome de Código* (2008).

Luiza Neto Jorge (N. Lisboa, 1939 – m. Lisboa, 1989)

Poeta e tradutora. Fez parte do grupo *Poesia 61*, onde publicou *Quarta Dimensão* (1961). Frequentou a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, mas desistiu e foi viver para Paris, onde permaneceu até 1970. Escreveu diálogos para filmes e adaptações para teatro. A sua poesia foi recolhida postumamente em *Poesia: 1960-1989* (1993).

Lurdes Loureiro (N. Tondela, 1952)

Poeta, secretária. Tirou o antigo 5.º ano do liceu e fez o curso de secretária, correspondente, dactilógrafa e estenógrafa em Português, Francês e Inglês, na Escola Lusitânia feminina, em Lisboa. Tem poesia publicada em várias publicações periódicas, de que são exemplo o *Jornal da Beira*, o *Jornal Via Rápida* e o *Bate-Estradas* (Informativo do Grupo Nacala-Nampula-Mueda & Outros).

Manuel Alberto Valente (N. Vila Nova de Gaia, 1945)

Poeta e editor. Licenciado em Direito pela Universidade de Lisboa. Esteve ligado a vários grupos de teatro universitário, como

o C.I.T.A.C. (Coimbra) ou o Grupo Cénico de Direito. Tem colaboração dispersa em *Poemas Livres 3*, *Vértice*, *Vida Mundial* ou o Suplemento Literário do *Diário de Lisboa* e está publicado na antologia *Vietname* (1970). Alguma da sua poesia encontra-se reunida em *Viola interdita: 1966/1968* (1970). É actualmente editor da Porto Editora, tendo passado por outros grupos editoriais.

Manuel Alegre (N. Águeda, 1936)

Poeta, ficcionista, político. Estudou Direito em Coimbra, onde iniciou actividade política e cultural. Destacado elemento dos movimentos estudantis, fez parte da Comissão da Academia que apoiou a candidatura de Humberto Delgado a Presidente da República. Em 1962 foi mobilizado para Angola e aí participou numa revolta, tendo sido o primeiro oficial preso pela PIDE. Esteve preso no forte de São Paulo de Luanda, onde conheceu Luandino Vieira e António Jacinto. Mais tarde, foi libertado e enviado para Coimbra em regime de residência fixa. Em 1964 exilou-se em Argel, onde permaneceu 10 anos, trabalhou na Rádio Liberdade e conviveu com exilados políticos e grandes nomes dos movimentos de libertação das antigas colónias portuguesas. Regressou a Portugal com o 25 de Abril de 1974 e desde então tem exercido vários cargos políticos. Como poeta começou a destacar-se em *Poemas Livres* (1963-1965), mas o reconhecimento surgiu com *Praça da Canção* (1965) e *O Canto e as Armas* (1967), obras poéticas marcadas pela experiência da Guerra Colonial, pela luta contra o fascismo e pelo exílio. Estreou-se na ficção em 1989, com *Jornada de África*, obra que reflecte a sua experiência da Guerra Colonial. Em 2008 publicou *Nambuanguongo meu Amor*, obra onde reúne os poemas relativos à Guerra Colonial.

Manuel Amendoeira (Quintela de Lampaças, Bragança, 1940)

Poeta, militar de carreira. Aos onze anos entrou para o Seminário dos Salesianos, do qual desistiu passado alguns anos. Aos 19 anos ingressou na vida militar, onde se manteve até aos 48 anos, em que passou à reserva. Fez uma comissão em Moçambique e duas em Angola, onde ainda se encontrava, quando se deu a Revolução do 25 de Abril. Publicou o livro de poemas *Simplicidade* (2005).

Manuel António Pina (N. Sabugal, 1943)

Poeta, ficcionista, jornalista. Licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra. Autor de livros infantis e juvenis, editor do *Jornal de Notícias*, colaborador de várias revistas e jornais culturais. Revelou-se como poeta com a colectânea *Ainda não é o Fim nem o Princípio do Mundo Calma é Apenas um Pouco Tarde* (1974). A sua obra está traduzida em várias línguas. A sua poesia encontra-se reunida em *Algo Parecido com isto, da mesma Substância: Poesia Reunida 1974-1992* (1992) e em *Poesia Reunida: 1974-2001* (2001).

Manuel Bastos (Aguim, Anadia, 1950 –)

Poeta, ficcionista. Em 1972 foi mobilizado para Moçambique, de onde voltou gravemente ferido. Tem escrito poemas e crónicas sobre a Guerra Colonial especialmente no *Jornal da Associação dos Deficientes das Forças Armadas*, *Elo*. Publicou *Cacimbados* (2008), obra de ficção sobre a Guerra Colonial, a partir da qual foi criado o texto da peça *Dor Fantasma*. É, actualmente, dirigente da Associação de Deficientes das Forças Armadas em Coimbra.

Manuel Beça Múrias (N. Porto, 1938 – 1987)

Jornalista. Iniciou a sua carreira em 1957 no *Diário Ilustrado*. Trabalhou na revista *Flama*, *Diário de Lisboa*, *A Capital*, *Sempre Fixe*, *Diário de Notícias* e *se7e*. Foi um dos fundadores do semanário *O Jornal*, em 1975. Participou nos serviços de informação da RDP e da RTP. Foi mobilizado para Angola, como alferes, de 1962 a 1964. Após a sua morte, foi publicado *Salazar Nunca Mais Morre* (2009), recolha das cartas dirigidas à sua mulher durante a Guerra Colonial. Publicou obras de pendor jornalístico, com *Humberto Delgado: Obviamente, Demito-o!* (1975) e *Mundos e Fundos* (1984).

Manuel Freire (N. Vagos, 1942)

Músico, informático, director comercial, director de formação. Em 1961 entrou em Coimbra, no curso de Engenharia. Participou na crise académica de 62. Em Janeiro de 1964 foi chamado a cumprir o serviço militar, cumprindo oito meses em Mafra e dois anos e meio de Força Aérea, sem nunca ter ido para África. Em 1968 gravou Dedicatória, onde musicou o poema «Pedro Soldado», de

Manuel Alegre. Em 1969 um disco seu foi apreendido pela PIDE, e a música que origina essa apreensão é «O sangue não dá flor», que visava a Guerra Colonial. Da sua discografia destaca-se *O Sangue não dá Flor* (1978), *Pedra Filosofal* (1993) e *As Canções Possíveis* (1999).

Manuel Geraldo (N. Beja, 1943 – m. Lisboa, 2006)

Poeta, ficcionista, jornalista. Estudou no liceu de Beja, no colégio Nuno Álvares, e frequentou a universidade, não chegando a licenciar-se. Cumpriu o serviço militar como miliciano, no leste de Angola. Como jornalista, trabalhou em diversos jornais e revistas. Da sua obra destaca-se *Dez Farpas no Medo* (1972), *Sangue Negro Sangue Branco e o Suor da Terra* (1973), *Epitáfio a Pascoal* (1974), *Uma Espingarda por Companhia* (1976), *Em Bizango de Bizangongo* (1977 – teatro), *Gritos de Guerra* (1980, em co-autoria), ou *O Sangue da Guerra* (1986).

Manuel Reis Ventura (N. Chaves, 1910 – m. Oeiras, 1988)

Jornalista, escritor. Fez os seus estudos num Seminário, ordenando-se sacerdote, na Ordem dos Franciscanos, no ano de 1932. Mais tarde abandonou o sacerdócio, casou e radicou-se em Angola. Colaborou no *Jornal de Angola*. As suas obras apresentam a vida nas colónias e os acontecimentos que então se viviam: *Sangue no Capim* (1961), *Soldado que Vais à Guerra* (1964), *Engrenagens Malditas* (1964) e *Sangue no Capim Atraído* (1981).

Manuel Simões (N. Ferreira do Zêzere, 1933)

Poeta e ensaísta. Licenciado em Filologia Românica pela Universidade de Lisboa e em Línguas e Literaturas Estrangeiras pela Universidade de Veneza. Fez parte da redacção da revista *Vértice*, entre 1966 e 1969. Foi leitor de Português nas Universidades de Bari e de Veneza entre 1971 e 1975, ano em que se tornou professor da Universidade «Ca' Foscari» em Veneza. A sua poesia surge associada ao projecto editorial «Nova realidade» (Tomar, 1966), tendo publicado três antologias importantes, em co-organização com Carlos Loures: *Hiroxima* (1967), *Vietname* (1970) e *Poemabril* (1984). Tem colaboração em diversas publicações em Portugal e no estrangeiro. Destaca-se o seu livro de poemas *Micromundos* (2005).

Manuela Goucha Soares (N. Coimbra, 1959)

Jornalista, escritora. Licenciada em Comunicação Social pela Universidade Nova de Lisboa, em 1986. É jornalista do *Expresso* desde 1988. Foi assessora de imprensa do Ministro da Administração Interna, entre 2000 e 2002 e, depois, da Presidência Portuguesa da OSCE. É autora de livros infantis, bem como de obras de carácter histórico e biográfico: *Ramalho Eanes: Fotobiografia* (2005) e *Marcello Caetano: O Homem que Perdeu a Fé* (2009), entre outras.

Marcos Vilalva (Olhão, 1938)

Professor, poeta, ficcionista. Marcos Vilalva é pseudónimo de Vítor M. Carmo Santos. Concluiu, em 1956, o curso do Magistério Primário e exerceu até 1961, ano em que foi mobilizado para Angola. Em 1965 ofereceu-se para nova comissão nos Comandos. Permaneceu em Angola e deu aulas em Benguela e Malange. Durante esse período tirou o curso de Ciências Pedagógicas na Universidade de Luanda e em 1975 retornou a Portugal. Sobre a Guerra Colonial tem poemas em *Missangas Poéticas* (1974) e escreveu o romance *O Cair das Máscaras* (1994). É ainda autor de *A Saga dos Pereira Gomes* (2008).

Maria Teresa Horta (N. Lisboa, 1937)

Poeta, ficcionista e jornalista. Frequentou a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e participou em *Poesia 61*. Desde a década de 60 que desenvolve uma intensa actividade cultural, quer através da sua produção literária, quer enquanto jornalista. Colaborou em jornais e revistas de referência. Tornou-se também umas das faces do feminismo português, com o processo judicial que se seguiu à publicação, em 1973, das *Novas Cartas Portuguesas* (em co-autoria com Maria Isabel Barreno e Maria Velho da Costa). A sua poesia encontra-se reunida nas obras *Poesia Completa 1* e *Poesia Completa 2* (1983) e em *Poesia Reunida* (2009).

Mário Brochado Coelho (N. Vila Nova de Gaia, 1939)

Poeta, ensaísta, advogado. Entre 1956 e 1962 estudou na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, de onde foi expulso por motivos políticos, tendo concluído a licenciatura na Universi-

dade de Lisboa. Foi mobilizado para Angola, onde esteve de 1963 a 1966, e onde escreveu um diário, *Lágrimas de Guerra* (1989). Desde o seu regresso que trabalha como advogado e consultor jurídico. Sempre se envolveu em movimentos de luta contra o regime, de que é exemplo a Comissão Nacional de Socorro aos Presos Políticos. É ainda autor do livro de poemas *Cinco Passos ao Sol* (1986) e de outras obras.

Mário-Henrique Leiria (N. Lisboa, 1923 – m. Cascais, 1980)
Escritor, artista plástico. Fez parte do Grupo Surrealista Dissidente, em Portugal. A sua obra está dispersa por jornais e revistas até à década de 70. Nessa época começou a publicar livros, com poemas e contos breves. Passou parte da vida fora de Portugal. Alguns textos seus estão recolhidos na *Antologia Surrealista do Cadáver Esquisito* (1961), organizada por Mário Cesariny. Da sua obra destaca-se *Contos do Gin-Tonic* (1973) e *Novos Contos do Gin* (1974).

Mário Manso (N. Figueira, Pedrógão Grande, 1945)
Em 1962 assentou praça como voluntário, com 17 anos. Terminado o curso de Fuzileiro Especial cumpriu uma primeira comissão em Angola, de 1963 a 1965 e fez ainda outra comissão, de 1966 a 1968. Trabalhou na TAP de 1969 a 2005. É membro da Associação de Fuzileiros colabora regularmente com a revista *Desembarque*, dessa associação. É co-autor do livro *Fuzileiros: Força de Elite* (2007).

Natércia Freire (N. Benavente, 1920 – m. Lisboa, 2004)
Poeta, ficcionista, jornalista, tradutora e compositora musical. Fez o curso do Magistério Primário. Dirigiu, durante 20 anos, até 1974, o suplemento literário «Artes e Letras» do *Diário de Notícias*. Foi conselheira de programas da Emissora Nacional e colaborou em inúmeros jornais e revistas. O seu primeiro livro de poemas, *Meu Caminho de Luz*, é publicado em 1939. A sua obra poética encontra-se reunida nos 2 volumes de *Obra Poética* (1993).

Nuno Dempster (N. Ponta Delgada, 1944)
Poeta, engenheiro. Em 1965 concluiu o curso de Engenheiro Técnico Agrário, Universidade de Évora, profissão que exerce. Foi

mobilizado para a Guiné, onde esteve de 1967 a 1969, integrado numa companhia de caçadores. Tem colaborado com poesia em revistas literárias, entre as quais *Agio*, *Diversos*, *Pena Ventosa*, *Saudade* e *Sulscrito*. Publicou os livros *Dispersão – Poesia Reunida* (2008), *Londres* (2010); *K3* (2011), sendo este último um longo poema narrativo sobre a Guerra Colonial.

Nuno Fisher Lopes Pires (N. Santarém, 1930)
Tenente-Coronel de Engenharia. Oficial de engenharia, foi um dos oficiais do 25 de Abril e era um dos elementos do grupo que, sob a orientação de Melo Antunes, preparou o programa do Movimento das Forças Armadas. Foi membro do Conselho dos Vinte (órgão do MFA anterior ao período constitucional), adjunto do Chefe do Estado-Maior do Exército e membro da 2.ª Junta de Salvação Nacional. É co-autor de *A Fita do Tempo da Revolução: A Noite que Mudou Portugal* (2004).

Nuno Júdice (N. Mexilhoeira Grande, 1949)
Poeta, ensaísta, professor universitário. Licenciado em Filologia Românica, Universidade de Lisboa, e doutorado pela Universidade Nova de Lisboa, onde é professor. Cumpriu serviço militar já depois do 25 de Abril, durante o Verão Quente de 1975. Ainda durante o período da ditadura, enquanto estudava participou em várias manifestações, no âmbito da luta estudantil, contra a Guerra Colonial. Em 1972 publicou o seu primeiro livro, *A Noção de Poema*. Parte da sua obra encontra-se reunida em *Obra Poética: 1972-1985* (1991). Da sua obra destaca-se ainda *Meditação sobre Ruínas* (1994), *O Enigma de Salomé* (2007) e *O Complexo de Sagitário* (2011).

Olga Gonçalves (N. Luanda, Angola, 1929 – Lisboa, 2004)
Poeta, ficcionista e tradutora. Estudou em Portugal e também em Londres, no King's College e no Queen Elizabeth's College. Publicou seis livros de poesia, entre 1972 e 1983, mas é como ficcionista que ficou conhecida, com romances como *Mandei-lhe uma Boca* (1977) e *Ora Esguardae* (1982).

Orlando Cardoso (N. Leiria, 1948)

Poeta, operário cerâmico, electricista, professor, jornalista. Não participou na Guerra Colonial. De 1968 a 1974 viveu na Holanda, como exilado político onde participou activamente em organizações anti-colonialistas. Tem textos dispersos em publicações, como *República*, *Diário de Lisboa*, *Comércio do Funchal*, *Comércio do Porto*, *Notícias da Amadora*, *O Salto* e *Novo Rumo*. Integra, actualmente, o Conselho Editorial da revista *Desafios* (Associação Empresarial da Região de Leiria) e a Direcção Editorial do *Jornal de Leiria*.

Paco Bandeira (N. Elvas, 1945)

Intérprete, compositor e letrista. A sua formação foi de base musical e cedo integrou grupos musicais em Portugal e Espanha. Cumpriu o serviço militar, em Angola, de 1967 a 1969. Esse período marcou largamente o seu repertório. No regresso manteve a sua carreira musical e já nos anos 90 começou a colaborar regularmente com a RTP com composições para novelas e séries portuguesas. Da sua discografia destaca-se *Os Ferrinhos o Adufe e a Guitarra* (1978, 1995), *O Melhor de Paco Bandeira* (1989), *Sucessos* (1992) ou *Cantigas Entrelaçadas* (1994).

Paulo Quintela (N. Bragança, 1905 – m. Coimbra, 1987)

Ensaísta, tradutor, professor universitário. Licenciado em Filologia Germânica pela Universidade Coimbra, em 1929. Seguiu para Berlim, onde prosseguiu os estudos e onde foi leitor, de 1931 a 1933. Nesse mesmo ano tomou posse como professor auxiliar, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde só passaria a professor catedrático após o 25 de Abril. Foi director artístico e encenador do TEUC, de 1938 a 1968. Traduziu Friedrich Hölderlin, Goethe, Rainer Maria Rilke, Nietzsche, Bertolt Brecht, entre outros grandes nomes da cultura europeia.

Pedro Homem de Mello (N. Porto, 1904 – m. Porto, 1984)

Poeta, professor, advogado. Formou-se em Direito e dedicou-se à advocacia e ao ensino, tendo sido director da Escola Comercial do Porto. Interessou-se também pelo estudo do folclore portu-

guês e publicou alguns livros nessa área. A sua obra poética está compilada em duas antologias: *Poemas Escolhidos* (1957) e *Poesias Escolhidas* (1983).

Pedro Tamen (N. Lisboa, 1934)

Poeta, tradutor, editor, administrador. Licenciado em Direito, Universidade de Lisboa. Entre 1958 e 1975 foi director da editora Moraes, onde dinamizou a colecção «Círculo de Poesia», editou a revista *O Tempo e o Modo* e foi, também, professor do ensino secundário. Tinha cumprido serviço militar em 1957-58, mas foi novamente mobilizado durante a Guerra Colonial. Esteve em Moçambique, de 1967 a 1969. Pertenceu, de 1975 a 2000, ao Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian. Começou a publicar livros de poesia nos anos 50. A sua obra encontra-se coligida em *Retábulo das Matérias* (2001) e destaca-se ainda a recente obra de poesia *O Livro do Sapateiro* (2010).

Raul Malaquias Marques (N. Praia da Vieira, 1947)

Escritor, funcionário de Alfândega, jornalista. Frequentou o curso de Economia na Universidade do Porto. Cumpriu o serviço militar, de 1971 a 1974, em Moçambique. Nesta ex-colónia, trabalhou na Alfândega e no Rádio Clube e, em Portugal, na Agência Noticiosa Lusa. Colaborou em várias publicações e jornais. É autor de várias obras infanto-juvenis, bem como de peças de teatro. A Guerra Colonial é a temática do livro de contos *E Nunca Mais Ninguém* (2000) e encontra-se também em poemas de *Traduções da Fala* (1995).

Reinaldo Ferreira (N. Barcelona, 1922 – m. Lourenço Marques, 1959)

Iniciou os estudos secundários em Espanha e concluiu-os na capital de Moçambique, para onde foi residir em 1941. Colaborou com *Capricórnio*, *Itinerário*, *Msaho*, *Paralelo 20*, entre outras publicações, e fez teatro radiofónico. A sua obra poética foi publicada postumamente pelos seus amigos, em *Poemas* (1960), havendo uma segunda edição, prefaciada por José Régio, em 1966. Alguns poemas seus, depois musicados, acabaram por ser bastante populares durante a Guerra Colonial, como é o caso de «Menina dos olhos tristes» ou «Receita para fazer um herói», publicados nesta antologia.

Ricardo de Saavedra (N. Lisboa, 1941)

Jornalista, escritor. Trabalhou como jornalista, no jornal *A Voz* e na revista *Flama*. Foi mobilizado para Moçambique, como alferes miliciano. Após o serviço militar, radicou-se em Lourenço Marques, onde foi professor do ensino secundário e dirigiu uma agência noticiosa. Após o 7 de Setembro de 74, em Moçambique, refugiou-se em Joanesburgo. Em 1987 regressou a Portugal e trabalhou no *Diário de Notícias* e no *Jornal de Notícias*. De entre as suas obras destaca-se o livro de poemas *Azimute de Marcha* (1988), e o romance *Os Dias do Fim* (1995).

Roberto Durão (N. Évora, 1932)

Poeta, professor. Tirou o Curso de Cavalaria na Academia Militar e o Curso de Carros de Combate. Mais tarde tirou a especialidade para integrar os Comandos. Cumpriu a sua primeira comissão em Goa, de 1960 a 1962. Durante a Guerra Colonial esteve em Angola, de 1963 a 1965 e voltou numa segunda comissão, integrado nos Comandos, de 1969 a 1972. Foi professor no Colégio Militar de 1976 a 1998. Tem colaboração dispersa em várias publicações periódicas. Publicou dois livros de poesia, *Trovas do meu Pensar e do meu Sentir* (2000) e *Raiva e Luz* (2003).

Rodrigo Emílio (N. Lisboa, 1944 – m. Lisboa, 2004)

Poeta, produtor. Bacharel em Filologia Românica pela Universidade de Lisboa. Em 1968 foi mobilizado para Moçambique, onde permaneceu até 1970, como alferes miliciano. De regresso a Portugal integrou os quadros da Radiotelevisão Portuguesa e, em 1973, organizou a antologia *Vestiram-se os Poetas de Soldados: Canto da Pátria em Guerra*. Da sua obra destaca-se *As Lágrimas Acoradas à Sombra do Amor* (1965), *Serenata a Meus Umbrais: 1964-1974* (1975) e *Reunião de Ruínas* (1977).

Rosa Lobato Faria (N. Lisboa, 1932 – m. Lisboa, 2010)

Poeta, romancista, argumentista, cronista, actriz de cinema, teatro e televisão e autora de letras de fados e canções. Destacou-se ainda como autora de literatura infantil. Alguns dos seus poemas estão reunidos na compilação *Poemas Escolhidos e Dispersos* (1997).

De entre os seus romances destaca-se *O Pranto de Lúcifer* (1995), *Os Pássaros de Seda* (1996) e *O Prenúncio das Águas* (1999).

Rui Namorado (N. Coimbra, 1941)

Poeta, professor universitário, investigador. É licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra, onde posteriormente se doutorou em Direito Económico. Foi organizador e colaborou na *Antologia de Poesia Universitária* (1964), e participou em *Poemas Livres* (1962, 1963 e 1968). É actualmente Professor da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e investigador do Centro de Estudos Sociais. Da sua obra de poesia destaca-se *Lírica do Silêncio* (1973), *Debruçado no Vento* (1983) ou *Nenhum Lugar e Sempre* (2003).

Ruy Belo (N. São João da Ribeira, Rio Maior, 1933 – m. Queluz, 1978)

Poeta, ensaísta, tradutor. Iniciou o curso de Direito em Coimbra, e terminou-o em Lisboa, em 1956. Em 1958 obteve o grau de doutor em Direito Canónico em Roma, na Universidade São Tomás de Aquino. Colaborou em diversas publicações e exerceu advocacia. Em 1967, licenciou-se em Filologia Românica pela Universidade de Lisboa. Entre 1971 e 1977 desempenhou as funções de leitor de Português na Universidade de Madrid. A sua obra poética encontra-se reunida em *Todos os Poemas* (2000).

Ruy Cinatti (N. Londres, 1918 – m. Lisboa, 1986)

Poeta, investigador, antropólogo, meteorologista. Ruy Cinatti viveu em Lisboa, enquanto criança e voltou a Londres, onde se licenciou em Engenharia Agrónoma e em Oxford concluiu a pós-graduação em Antropologia. As suas viagens levam-no a África, ao Oriente, à Austrália, ao México, mas é a estada em Timor que mais marcará a sua obra. A par de numerosos trabalhos científicos, publicou vários títulos de poesia. A sua poesia encontra-se reunida em *Obra Poética* (1992).

Sá Flores (N. Águas Belas, Ferreira do Zêzere, 1939)

Poeta, ficcionista, dramaturgo, empregado de escritório. Fez estudos secundários e, mais tarde, cursos de Literatura, Língua Portu-

guesa e Arte de Dizer. Foi mobilizado para Moçambique, onde veio a perder a visão. Desde então dedica-se à literatura. Foi director da Sociedade de Língua Portuguesa e conselheiro no Conselho Nacional de Reabilitação. Da sua obra destaca-se *Vivências no Capim* (1989), *Viúvos de Guerra* (1991), a peça de teatro *Ira dos Usados* (1998), para além de poesia dispersa por várias obras.

Sérgio Borges (N. Funchal, 1944)

Cantor, director artístico, director de relações públicas. Cumpriu três anos de comissão militar em vários teatros de guerra com o grupo *Sérgio Borges & Conjunto João Paulo*. Durante a sua carreira artística, participou em vários festivais da Eurovisão e foi amplamente premiado. Em 2004 lançou o CD *40 Anos a Cantar*, onde incluiu os seus êxitos e cinco temas novos.

Sérgio Godinho (N. Porto, 1945)

Compositor, intérprete, escritor, actor. Estudou na Faculdade de Economia do Porto e depois em Genebra. Recusou a ida para a Guerra Colonial. Em 1967 estava em Paris, onde conheceu José Mário Branco, com quem iniciou uma colaboração próxima. São do início dos anos 70 os seus primeiros discos. Em 1972 passou a residir no Canadá e voltou a Portugal após a revolução, em Maio de 1974, onde continuou o seu percurso musical. Tem também colaborado com a televisão e o cinema. Da sua discografia destaca-se *Pano Cru* (1978), *Tinta Permanente* (1993), *Noites Passadas: O Melhor de Sérgio Godinho, ao Vivo* (1997) e *Ligação Directa* (2006).

Sérgio O. Sá (N. Maia, 1943)

Poeta, pintor, escultor, investigador. Após a instrução primária, começou a trabalhar. Em 1965 foi mobilizado para Angola. Ao regressar deu início aos estudos liceais, como estudante-trabalhador. Obteve formação superior em Belas Artes e História de Arte. Autor de vasta obra artística com exposições em vários países da Europa, Ásia e América. Da sua obra poética destaca-se *Versos na Guerra, Versos de Paz* (2008).

Sidónio Muralha (N. Lisboa, 1920 – m. Curitiba, Brasil, 1982)

Poeta e ficcionista. Habilitado com o curso comercial. Insere-se na fase inicial do neo-realismo português. Antifascista, viveu no ex-Congo Belga e fixou-se depois no Brasil. Ali se dedicou também à literatura infantil e fundou a editora Giroflé. Da sua obra poética destaca-se *Passagem de Nível* (1942), *Poemas: 1941-1971* (1971) e *Poemas de Abril* (1974).

Sophia de Mello Breyner Andresen (N. Porto, 1919 – m. Lisboa, 2004)

Poeta e ficcionista. Estudou Filologia Clássica na Universidade de Lisboa. Participou em vários círculos literários e colaborou em revistas, como *Cadernos de Poesia*, *Távola Redonda* e *Árvore*. A vasta obra poética manifesta uma voz cimeira da poesia portuguesa do século XX e a sua obra ficcional constitui um dos mais bem sucedidos exemplos de literatura para crianças. A sua poesia está traduzida em várias línguas e representada em várias antologias de poesia. A obra poética encontra-se reunida em *Obra Poética*, 3 vols. (1990-1991).

Tino Flores (N. Guimarães, 1947)

Cantor, intérprete, compositor. Muito cedo começou a cantar em grupos de rock. Em 1967 assume uma posição de oposição ao regime, exilando-se em França para não ser chamado para a Guerra Colonial. Aí participa na direcção da Liga do Ensino e da Cultura e em outras associações de emigrantes e exilados. São desse período os EP *Viva a revolução* (1969), *O Povo é Invencível* (1970) e *O Povo em Armas Esmagará a Burguesia* (1973). No pós 25 de Abril, em Portugal, foi editado pelo GAC o seu primeiro LP, *Isto só vai à Porrada* (1975). Gravou ainda *Mil Fogueiras* (1994).

Urbano Bettencourt (Piedade, ilha do Pico, 1949)

Poeta, ficcionista, professor universitário. Licenciado em Filologia Românica pela Universidade de Lisboa. Cumpriu o serviço militar na Guiné, de 1972 a 1974. Foi professor do ensino secundário e actualmente exerce a actividade docente na Universidade dos Açores, onde prepara o doutoramento sobre a narrativa de José Martins Garcia. Tem publicações na área da poesia, da nar-

rativa e do ensaio. O tema da Guerra Colonial encontra-se em *Marinheiro com residência fixa* (1980), *Naufrações Inscricões* (1987), *Algumas das Cidades* (1995), *Lugares Sombras e Afectos* (2005) e *Que Paisagem Apagarás* (2010).

Vergílio Alberto Vieira (N. Braga, 1950)

Poeta, ficcionista, crítico literário. Licenciado em Letras pela Universidade do Porto, foi professor do ensino secundário até 2008. Cumpriu o serviço militar em Angola de 1972 e 1975. A sua experiência da Guerra e da descolonização está presente nos contos de *Guerrilheiro é Terra Móvel* (1977), *Salário de Guerra* (1979), *Chão de Víboras* (1982), nos poemas de *A Paixão das Armas* (1983) e na peça de teatro *Pára-me de Repente* (2004). A sua obra está reunida em *Papéis de Fumar* (2006).

Vítor Moreira (N. Ovar, 1950)

Poeta, assistente administrativo. Em Janeiro de 1971 é chamado a cumprir o serviço militar, sendo mobilizado no final do mesmo ano para Angola (Buela). Esteve na Guerra Colonial até 1974. Da sua experiência na guerra publica em 1993 o livro *Buela 71-74: Escritos e Recordações de Angola*.

Referências bibliográficas

Biblos: Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa (1995-2005) (dir. José Augusto Cardoso Bernardes et al.). Lisboa: Verbo, 1995-2005, 5 vols.

Dicionário Cronológico de Autores Portugueses (1991-2001) (Org. Instituto Português do Livro) (dir. Eugénio Lisboa e Ilídio Rocha) Lisboa: Publicações Europa-América, 6 vols.

Dicionário de Literatura Portuguesa (1996) (dir. Álvaro Manuel Machado), Lisboa: Presença.

Enciclopédia da Música em Portugal no Século XX (2010) (dir. Salwa Castelo-Branco). Lisboa: Círculo de Leitores/Temas & Debates, 4 vols.

Raposo, Eduardo M. (2000), *Cantores de Abril: Entrevistas a Cantores e outros Protagonistas do «Canto de Intervenção»*. Lisboa: Colibri.

Índices

Índices

Índice por autores

Aguiar, Cristóvão

- Rua de rosto esburacado... 103
Foi difícil 104
Súbito 360

Alegre, Manuel

- Às onze da manhã de mil novecentos e sessenta e dois 168
As colunas partiam de madrugada 225
Explicação de Alcácer Quibir 343
A mina 381
À sombra das árvores milenares 414
Nambuagongo, meu amor 427
Romance de Pedro Soldado 440
Canção com lágrimas e sol 442
Ainda 550

Alvarenga, Fernando

- No barco um adeus 81
Serena em viagem 270

Amendoeira, Manuel

- No planalto de Muéda 544

Andrade, Santos

- Fado do regresso 494
Para a avioneta aterrar 498

Andresen, Sophia de Mello Breyner

- Guerra ou Lisboa 72 167

Antunes, António Lobo

- 12.3.72 – 20. (relatório de contas) 169

Apolinário, João

Carta de Lisboa 285

Bandeira, Paco

Onde o sol castiga mais 454

Soldado Conhecido 483

Barroqueiro, Deana

(Cantiga de amigo) 107

Barros, J. H. Santos

Emília, lavadeira de punhais à cinta 141

Elegia ao Jorge Ribeiro 202

Dezembro de setenta e um, cinco anos depois 279

Bastos, Manuel

O cacimbo 310

Nunca voltarei a Mueda 410

Belo, Ruy

A Guerra começou há trinta e quatro anos 374

Bettencourt, Urbano

Entre o Uenquem e o Imboé 212

Contra-guerrilha 291

Africarne 292

Ao meu amor que não veio à guerra 378

Borges, Sérgio

O salto 448

Braga, Miguel Sequeira

Foi nos meus braços 213

Eu não estava no cais 491

Branco, António

Guerra 302

Branco, José Mário

Ronda do soldadinho 432

Brandão, Fiana Hasse Pais

Barcas novas 37

Sítios de campo 227

Brás, José

tinhas no olhar 216

Brito, Casimiro de

Algum estrume 231

O desertor 232

Armas 354

Brito, Nena de

Recordações de Angola 404

Cabral, A. M. Pires

A guerra 89

Calvinho, António

No cais do desespero 68

Mina 154

Cancioneiro do Niassa

Fado das partituras 474

Fado do Checa 476

Fado do render da guarda 478

Hino do Lunho 480

Cardoso, Orlando

Meu pai meu amigo meu amor 222

Carneiro, Eduardo Guerra

Horas vieram 252

Descia as escadas 253

Já nem escrevem os amigos 254

Lá te foste embora, António 255

Carreira, Laureano

O regresso 74

Carrinho, Caetano

Diga lá, senhor mandante... 534

Carrola, José Rogério Mineiro

Uma mulher 59

Um soldado 283

Poderias tu cegamente encostar-te ao cais 369

Castro, Alberto de

Talhão de combatentes 204

Chinita, Ivone

Canção da dactilógrafa com o noivo na guerra 259
É a guerra, meu amor 260

Cid, José

Lenda de Nambuangongo 452

Cília, Luís

Canto do desertor 439

Cinatti, Ruy

Tropa d'África 258
Poema dum guerra longe 361

Coelho, Joaquim

O último golpe de mão 238

Coelho, Mário Brochado

As granadas 100
Não podemos permanecer na terra vermelha ainda pisada 244
Acabamos sempre por esquecer tudo 350
E tu, África 352

Correia, Hélia

Guerra colonial II 188
Guerra colonial I 274

Costa, Carlos Eurico da

Canção para Eduardo Mondlane 180

Cruz, Gastão

Penetram nos ouvidos as rajadas 117
Crepúsculo de terras poluídas 184
Desta janela de ar e ansiedade 234
Canção nona 235
Carregado de fogo o corpo instala- 237

Cruz, Liberto

Estou em Coma há três dias 93
Lento o tempo vai tecendo a teia do desespero 94
Deixo a mulher e a filha em Luanda, para voltar à guerra 95
Meu irmão sem armas, meu amigo 163
O trilho é água e vento 174
Uma coisa é fazer a guerra como quem vive 175
Emigrar, desertar 239

Como defender a Pátria falando outra língua 311
Pertença a uma geração que o País perdeu 348
Uma novidade 377
Um sargento lateiro 495

Cruzeiro, Celso

Fala do soldado fuzileiro 65
Poema para um amigo que morreu na guerra 205
Balada do soldadinho 487

Cunha, Luís Sá

Não quis meu corpo inteiro 329

Delgado, Francisco

Mãe 346

Dempster, Nuno

As mulheres que surgem no navio 416

Dias, António Manuel Lopes

de cabinda meu amigo 159
S. João de Loure – pequeno monólogo sobre a ruína 276
Crónica de Lisboa 366

Duarte, Ermelinda

Somos livres 457
Manuel 459

Durão, Roberto

O siroco 335

Emílio, Rodrigo

Cais de ver partir (e chegar) tropas 44
Aerograma 326

Faria, Bela

Aos Páras dos anos 60 539

Faria, Rosa Lobato

Cais de lágrimas 70
Inesgotável coração 535

Félix, Emanuel

Tristes navios que passam 39
A palavra o açoite 272

Fernandes, José Augusto

Mensagem de um associado 525

Ferreira, Mário

Adeus Guiné 450

Ferreira, Otília

Três Poemas de Guerra 293

Ferreira, Reinaldo

Menina dos olhos tristes 429

Receita para fazer um herói 431

Ferreri, Jaime

Embarque 69

Engano... 406

Procura 407

Figueiredo, José Valle de

Gandembel, Natal 68 114

A palavra Guiné 325

Filipe, Carlos

Fui para a guerra 287

Flores, Sá

Irmão africano 288

Guerra colonial 400

Flores, Tino

Um dia verás 444

Quanta saudade 446

Fonseca, Maria Alice Machado

Alegria, tristeza e dor 492

Fonte, Barroso da

Despedida 42

Meu país está em guerra 262

Francisco, José do Carmo

A meio da guerra 382

25 de Abril para uma jovem 401

Freire, Manuel

O sangue não dá flor 447

Freire, Natércia

Guerra 40

Gaspar, Vilares

Terra dos Dembos 398

Gedeão, António

Alegremente, no autocarro 143

Poema da terra adubada 245

Geraldo, Manuel

Memória I 130

Memória II 131

Grito II 393

Godinho, Sérgio

Fotos do fogo 468

Gonçalves, Aurélio

Guerra 402

Gonçalves, Caldeira

Este é o nosso mundo 496

Gonçalves, Egito

Avançam 197

Também aqui Vietnam 228

Vietnam 263

Gonçalves, José António

É bom que se saiba 193

Excerto do diário de um soldado 195

Poema para os que compreendem 301

Gonçalves, Olga

Mas houve homem 295

Solenemente 296

Grade, Fernando

Os mortos de Pidjiguiti (quinze anos depois) 394

Perguntando sempre 424

Guedes, Ferreira

Poema de agradecimento 240

Guerra, Augusto

Armas de guerra 120
Produtos da guerra 269

Guerreiro, Luís

Épica falseada 357

Hatherly, Ana

Balada do país que dói 349

Horta, Maria Teresa

Lamento de uma mãe para um filho soldado nas colónias 57
Tempo de notícia 230

Jorge, João Miguel Fernandes

Na praia sob um chapéu à Hockney 396

Jorge, Luíza Neto

Balada apócrifa 229

Júdice, Nuno

Esperando por Mathias Ferguson, morto com o seu regimento 362

Leal, José Bação

Aqui as acácias ainda não floriram 91
A angústia... 98
Ah vazio! Eterno vazio! 99
Berram traidores 242
Oração de vencido 243
O meu sangue corre 353

Leiria, Mário-Henrique

A estratégia 367

Lemos

À memória 508

Letria, José Jorge

Vejo-te, revivo-te 199

Lobo, Domingos

Uma fotografia top secret 220
Postal para o Fernando Assis Pacheco depois da leitura de *Catalabanza*
Quilolo e Volta 370

Loureiro, Lurdes

«Os rapazes» do meu país 536

Loures, Carlos

Cantemos apesar de tudo 248
Pequena crónica do tempo em que os chacais mordiam 250
Se não matarem todos os monandengues da nossa terra 251

Lucena, Artur

Cantares impacientes envelhecendo alguém 62

Machado, Jorge Silveira

Combate 118
Quem é o inimigo 185

Maia, José

Lutar para vencer 412

Manso, Mário

Servimos a nação sem questionar a razão 527

Marques, Raul Malaquíias

e ally se alojarão ao longo do rio 151
é verdade as micaias 152

Marta, Alexandre

A ti, que morreste 187
A dor 531

Martins, Eusébio Cardoso

Salinas 139
Sigilo 201
Chicote de balas 289

Martins, Francisco José

Outra vida 533

Matos, Almeida

Guiné/67 177

Medeiros, José

Dedicado aos que morreram em Mayombe 471
Fados deste País 472

Melgaço, Castro de

As palavras exactas e poupadas 319

Melo, Guilherme de

Zé soldado, soldadinho 456

Melo, João de

Calambata 208
Os corpos 210
Sobre a sombra 294
Os dias da guerra 383

Melo, Jorge Neto de

África do acaso 408

Mello, Pedro Homem de

Marcha fúnebre 191
Presença 121

Mendes, José Manuel

cantar de amigo 53
ode marítima 55
voltamos da guerra 77
perfil duma aldeia 116

Mira, Júlio

A emboscada 160
Dia-a-dia 164
Limites 371
O tempo urge 372

Monteiro, J. Gonçalves

Negro sonho 142
Desejo 332

Moreira, Vítor

Luzes na fronteira 500
Nove meninos 510

Mota, Armor Pires

Impossível um pássaro 96
Mãe 97
Para a morte de Mamadu 178

Mota, Luís da

Aqui não chega amor 109
Aqui, escrever versos não é escrever versos 113

Muralha, Sidónio

O herói 278

Múrias, Manuel Beça

Senhor alferes 241

Murteira, António

Memória do mar 386

Namorado, Rui

Os barcos vão fugindo lentamente 58
Mandaram-no fazer ali a guerra 192
nesta hora indecisa 277

Navarro, António Modesto

Partida 47
Presença 121
Outro cantar do Restelo 365

Navarro, António Rebordão

Acróstico 265

Negalha, Jonas

A bola 435

Neves, José

Nambuanguongo 304

Niza, José

12 de Julho de 1969. Seis horas da manhã 72
O Carnaval em Zau Évua 119
Caro Luíz Vaz 359

Nogueira, António Inácio C.

Aqui se vive e não vive 352

Nunes, José da Conceição

Eu levei minha guitarra 502

Oliveira, Álamo

Ascensão 198
Soldado 256

Oliveira, César

A bordo, Maio de 64 41
Mata sanga, 65 176
Soldado me fizeram 266

O'Neill, Alexandre

alpendre / 3 387

Pacheco, Fernando Assis

- Genérico 35
Nambuanguo em Maio 75 "
«E havia Outono?» 85
O poeta cercado 92
As balas 124
Diuturnitas externi mali 126
Há um veneno em mim... 345
A epopeia 363
Não dormias, não dormes 389
Monólogo e explicação 423
Desversos 512
Dito a meu pai em tempo de agonia 549

Parreira, José Manuel

- Memórias com tristes histórias 522

Patrão, Graça

- Bissau em 1973 161
O amor sobre o tempo 221
Princípio 413

Paz, Helena

- Tempo de ausência 102

Pedro, Henrique António

- De olhos postos nas estrelas 327
Silêncio na guerra 391

Pereira, Angelino

- De Natal a Natal 538

Pessoa, Fernando

- O menino da sua mãe 437

Pimenta, Alberto

- disponibilidade 132
teatro da guerra 267
retrato do soldado desconhecido 268

Pimenta, Gustavo

- O meu país 306
foi no tempo de todas as angústias 373

Pina, Manuel António

- A décima oitava infância 218

Pires, Nuno Fisher Lopes

- Emboscada 153

Policarpo, António

- A mãe 443

Portugal, Josaldil Franco

- Reflexão 530

Quintela, Paulo

- Ladainha dos peregrinos 246
Natal nacional 247

Raimundo, Gabriel

- De vermelho se cobre a aldeia 63
Condecoração póstuma 520

Ramalho, Carlos

- Absinto 108

Rodrigues, Alberto Martins

- Quando os comandos passavam no Kimbo da prostituição 135
Eu sei mãe 162
Não basta estar aqui 281

Rodrigues, Joaquim Chito

- Despedida 66

Roseira, Eduardo

- na cubata 157
lá longe 308

Sá, Sérgio O.

- Despedida 490
A Maria Carmen Botto 497

Saavedra, Ricardo de

- Calendário 84
Correio 146
Picada 147
Herói 333

Salvado, António

- S.P.M. (Serviço Postal Militar) 150

Sampaio, José Rosa

- O grito e o tombo 133

Quase um arraial 134
Evocação 215

Sant'Anna, Glória de
Poema segundo 79
Poema décimo 182
Poema décimo segundo 183

Santos, José de Almeida
Luanda 61 321

Santos, José Carlos Ary dos
Caderneta militar 461
Ultrador 463

Segurado, Henrique
«A ponte conquistada». Perdas insignificantes 172

Sena, Jorge de
Café cheio de militares em Luanda 122
L'Été au Portugal 341

Sengo, António
África negra 140
Ser covarde 397

Sequeira, José Vultos
Combate 156
Crónica 307

Silva, Boaventura Rodrigues da
Morto de coração ao peito 507
Fado da guerra 545

Silva, Eugénio Ferreira da
Rota do desespero 316

Silva, Florêncio
Turismo na Guiné 514

Silva, João Mattos e
No chão caído – ensanguentado 190

Silva, José Maria dos Santos
Fado dos ex-combatentes 541

Silva, José Pereira Ferreira da
A guerra e o poder 337

Simões, Joaquim Ribeiro
Canção das bolanhas fundas 148

Simões, Manuel
O regresso do lusíada 395

Soares, Manuela Goucha
Liguei o rádio na manhã 299

Tamen, Pedro
Anuncia-te a lua cabeça de toiro 115

Tavares, José Correia
Canhangulo 136
Natal de camuflado 137

Té, Carlos
Um trolha d'Areosa 465
No dia em que o Meno Rock morreu 466

Teixeira, César
Memória 385

Valente, Manuel Alberto
Guerra 257

Vasconcelos, José Carlos de
A guerra 46

Veiga, João Conde da
Nova Caipemba, Setembro de mil novecentos e sessenta e um 324
Regresso 336

Ventura, Manuel Reis
Carta do João 504

Veríssimo, António
No Atlântico 73
Esquecidas 158

Viana, António Manuel Couto
Escrito no sangue 315
Heróis amanhã 330

Vicente, Carmo
Despojos de guerra 290

Vieira, Vergílio Alberto
Até ao meu regresso 144
A guia de marcha 145

Vilalva, Marcos
Maiombe 127